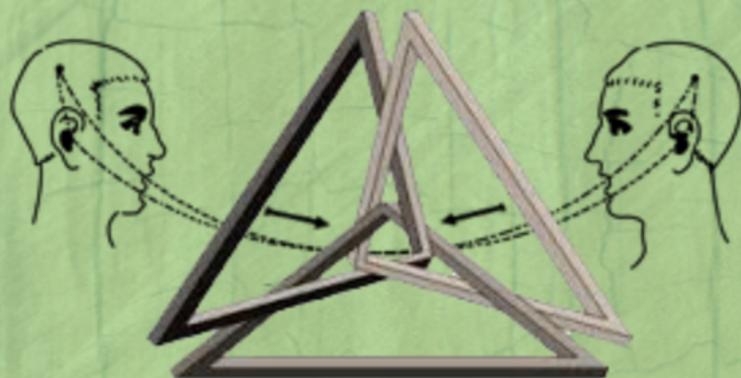


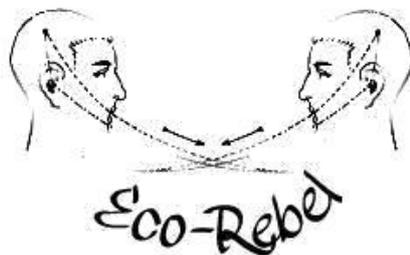
# **Ecolingüística**

**Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem  
(ECO-REBEL)**

**Volume 7, número 1, 2021**



**Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Departamento de Linguística  
Instituto de Letras  
Universidade de Brasília**



## **Editorial**

### Os Organizadores

---

Prezadas leitoras, prezados leitores!

É com grande satisfação que lançamos o v. 7, n. 1, 2021 de *ECO-REBEL*, inteiramente dedicado à Análise do Discurso Ecológico (ADE). Diante da grande quantidade de modelos de Discursística já existentes no mercado, o leigo poderia perguntar o que a ADE tem de novo. Cremos que os artigos que integram este número da revista respondem à pergunta pelo menos em parte. Porém, como se trata de uma teoria relativamente nova e ainda pouco conhecida, abrimos o número com um texto teórico, cujo objetivo é dizer o que é ADE. Trata-se de “Ecosystemic Discourse Analysis (EDA)” de Hildo Honório do Couto; Elza Kioko N. N. do Couto; Anderson Nowogrodzki da Silva. O fato de ele estar em inglês pode dificultar o acesso para algumas pessoas, mas o artigo seguinte, de Márcio Silva, já responde em grande parte a pergunta sobre o que é ADE. No artigo em inglês, pode-se ver que o diferendo da ADE frente às ADs já existentes é o fato de enfatizar a defesa da vida, juntamente com uma luta contra o sofrimento evitável, e, uma vez que é parte da Linguística Ecológica, vê a língua como interação, ou interação comunicativa, mesmo quando se debruça sobre textos-discursos aparentemente monológicos. Na verdade, há um outro diferendo: tradicionalmente não se tem feito análise de textos-discursos abstratos, tais como os filosóficos e científicos. Quando se faz é para salientar aspectos político-ideológicos. A ADE, por ver a língua de uma perspectiva holística, pode se debruçar sobre eles também, mas partindo da ecoideologia (ou ideologia da vida). No mais, ele faz tudo que os demais modelos de AD fazem, mesmo porque ele é multidisciplinar e multimetodológico.

Em seguida, vem o artigo de Márcio M. G. Silva, “Um estudo do discurso do ex-capitão Jair Messias Bolsonaro pela Análise do Discurso Ecológico”. Esse ensaio tem duas facetas principais. A primeira é esclarecer melhor alguns conceitos já conhecidos, bem como propor outros. Mas, o objetivo central do artigo é analisar e comentar de forma crítica as falas de Bolsonaro. Dando continuidade ao que já fizera no número anterior da revista (*ECO-REBEL* v. 6, n. 2, 2020), o autor tem uma visão altamente crítica sobre o presidente. Para se ter uma ideia, ele é equiparado a Hitler e Mussolini, entre outros da mesma laia. Mostra outrossim que Bolsonaro não se preocupa com a comunhão entre todos os brasileiros, além de não saber dialogar, mas só impor sua opinião, mesmo que seja contra evidências científicas, pois ele é negacionista. O discurso e a prática de Bolsonaro estão nos antípodas do desiderato da ADE. Márcio lembra, adicionalmente, que seria interessante substituir a expressão ‘análise do discurso’ por ‘discursística’ e usar o composto ‘texto-discurso’ em vez de apenas ‘discurso’, pois todo discurso vem

## ECO-REBEL

materializado em algum texto. A visão integradora, contrária à segmentadora tradicional, recomenda essa junção.

O terceiro artigo é “ADE, vida na face da terra e coronavírus”, de Márcio M. G. Silva e Ubirajara M. Fernandes. Neste texto já não se encontra o tom crítico às atitudes de Bolsonaro. Ele se dedica a falar do impacto do vírus. Os autores mostram que houve um grande impacto não apenas na dimensão natural da vida na face da terra, mas também na vida mental das pessoas e na sociedade. O impacto na natureza não humana até certo ponto foi positivo, pois fez os humanos se conterem um pouco em sua atitude predatória, devastadora e poluidora, com o que houve uma grande melhoria na qualidade das águas, do ar e da vegetação em grande parte do mundo. No nível mental o impacto foi em grande medida negativo, levando as pessoas a terem problemas comportamentais, como agressividade, neuroses etc., mas também algo positivo, como voltarem-se para o próprio interior (reflexão, meditação) e dar mais atenção à família. No nível socioeconômico, o impacto foi largamente negativo, com falência de empresas (grandes, médias e pequenas), desemprego, fome, distanciamento social, impossibilidade de manifestações de afetividade etc. Houve intensificação de interações virtuais, o que seria algo positivo, pois permite a comunicação com quem está na sala ao lado, ou até mesmo na mesma sala, da mesma forma que se comunica com quem está do outro lado do mundo, a despeito do fato de diminuir o calor dos encontros pessoais.

O artigo número quatro, “Notas sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na Análise do Discurso Ecológico”, de Ubirajara Moreira Fernandes, trata de algo geralmente ignorado pelos estudiosos não só de ADE, mas também pelos de outras versões de Análise do Discurso, ou Discursística. O autor faz uma clara distinção entre dor (natural) e sofrimento (natural, mental), por um lado, e respeito e compaixão, por outro. Dor e sofrimento existem no ego, ao passo que respeito e compaixão são transitivos, são sentimentos de ego em relação a aliter. Precedendo todos eles, vem o medo, sentimento que leva o indivíduo a evitar situações que levem a sofrimento/dor ou a respeitar o espaço do outro (respeito) e, se for o caso, ter comisseração por seu sofrimento (compaixão).

O quinto artigo é das jovens investigadoras Lais Machado e Silva & Lajla Simião, “A descriminalização do aborto enquanto meio de manutenção da vida – A perspectiva da ADE”. Trata-se de uma questão bastante polêmica, o aborto. Deixando de lado os casos permitidos pela lei, o dilema morte da mulher *versus* morte do feto é muito sério. As autoras mostram que descriminalizar o aborto leva, ao contrário do que se pensa, à diminuição de mortes, inclusive de fetos, sobretudo se ela for seguida de informação e facilitação de métodos contraceptivos. Laís & Lajla mostram que a ADE é um arcabouço teórico bastante adequado para se tratar da questão, justamente pelo fato de defender a vida e lutar contra sofrimentos evitáveis

No sexto artigo, “Um estudo da relação islã-terrorismo pela Análise do Discurso Ecológico”, de Djiby Mane, que é muçulmano, argumenta no sentido de que os princípios do Islamismo registrados no livro sagrado *Alcorão* não justificam atos de terrorismo de grupos que se dizem jihadistas. Esses grupos são uma espécie de aberração, que nada tem a ver com os princípios do Islamismo, que é uma religião da paz e que apregoa evitar-se o que possa trazer sofrimento às pessoas.

O artigo de número sete, “Uma leitura discursivo-ecológica do conto ‘Maria’ de Conceição Evaristo”, de Michelly Luiz e Elza do Couto, mostra o sofrimento que as pessoas negras têm no Brasil pelo simples fato de serem negras, o que lhes causa grandes sofrimentos de todo tipo, como o físico, o mental e o social. A despeito de tudo, o simples fato de literatura como esta estar ganhando terreno já é algo alvissareiro, no sentido de se aceitarem mais a diversidade e as relações harmônicas entre as pessoas.

## ECO-REBEL

O oitavo artigo, de Tadeu de Andrade, “A vulnerabilidade juríslinguística do consumidor à luz da Análise do Discurso Ecológica”, discute a fragilidade do consumidor numa situação de disputa judicial com fornecedores de mercadoria. A ADE, por seu caráter prescritivo, fica do lado do consumidor, propugnando pelo uso de termos inteligíveis a ele em disputas judiciais a fim de se ter uma interação justa e harmoniosa.

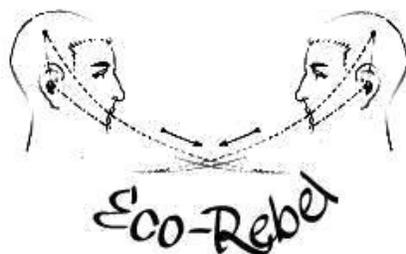
Em seguida, vem uma entrevista com Rui Ramos, da Universidade do Minho (Portugal), com ideias bastante originais e que provocam reflexão. O professor Rui revela um bom conhecimento da Análise do Discurso Ecológica.

Lamentavelmente, temos que publicar mais um obituário, no caso, de Adam Makkai. O professor Makkai era um poliglota de origem húngara que praticou durante muitos anos a Linguística Estratificacional, na Universidade de Illinois, Chicago, teoria que vê como ‘redes de relações’ (*relational networks*) o que para outras teorias é “estrutura”. Sua maior contribuição à história da Ecolinguística é o livro *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* (Londres: Pinter Publishers, 1993). Esse livro engloba ensaios que vinha publicando no espírito da visão ecológica de mundo desde o início da década de setenta do século passado.

Como codicilo gostaríamos de dizer que pode ter parecido estranho alguns autores falarem da ADE como ‘Análise do Discurso Ecológica’ e outros como ‘Análise do Discurso Ecológica’. O termo original é o segundo, mas, devido ao fato de haver outras correntes fora do Brasil que o usam, por volta de final de 2018 e começo de 2019 houve uma mudança de nome para Análise do Discurso Ecológica. No entanto, o nome ‘Análise do Discurso Ecológica’ pode continuar sendo usado, mesmo que o nome preferido seja ‘Análise do Discurso Ecológica’, pelo fato de ela ser parte da Linguística Ecológica. O importante é que nos dois casos trata-se de ADE inserida na visão ecológica de mundo.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 7, n. 1, 2021.



### **ECOYSTEMIC DISCOURSE ANALYSIS (EDA)<sup>1</sup>**

Hildo Honório do Couto (UnB/GEPLÉ)

Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/NELIM/CNPq)

Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB/GEPLÉ/NELIM)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar a Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE). Por ser parte da Linguística Ecosistêmica (LE), ela pode fazer uso de todas as suas categorias de análise. Mas, a ADE tem suas categorias específicas, que ficam invisíveis da perspectiva macro da LE. Para ter acesso a elas, é necessário lançar mão do método da focalização, que leva a uma aproximação microscópica, momento em que os conceitos específicos da ADE são visualizáveis. Por ter como fontes de inspiração o Ecologia Profunda, o Taoísmo e a filosofia de vida de Gandhi, e tendo como pano de fundo a visão ecológica de mundo (VEM), o praticante de ADE aborda as questões de uma perspectiva holística, que não exclui o lado político-ideológico. A ADE pode ser usada na análise de todo e qualquer tipo de texto-discurso, não apenas dos de caráter político-ideológico. Tanto que se faz a análise de um silogismo, um dos textos mais abstratos que existem. No entanto, os textos-discursos prototípicos da ADE são os que envolvem questões de vida na face da terra e que sejam de caráter dialógico.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso Ecosistêmica; ecoideologia; visão ecológica de mundo; análise de textos-discursos em geral.

**Abstract:** The objective of this article is to present Ecosystemic Discourse Analysis (EDA). Since it is part of Ecosystemic Linguistics (EL), its practitioner may avail himself of any of EL's categories. However, EDA has its specific categories, which remain invisible from the macro-perspective of EL. They can become accessible through the focussing method, through which the investigator zooms in and makes those concepts and categories visible. EDA's main sources of inspiration are Deep Ecology, Taoism, and Gandhi's philosophy of life, all this against the backdrop of the ecological view of the world. After having a microscopic view of its object, EDA approaches it holistically, taking all sides into consideration as far as possible. It does not restrict itself to texts-discourses smacking of political ideologies. To substantiate this principle, the article analyses of one of the most abstract texts-discourses possible, a syllogism. However, EDA has its preferred texts-discourses, i.e., those implying life on earth, formulated in dialogical format.

**Key-words:** Ecosystemic Discourse Analysis; ecoideology; ecological view of the world; analysis of texts-discourses at large.

## 1. Introduction

The new discipline Ecosystemic Discourse Analysis (EDA) emerged inside the Brazilian version of Ecolinguistics known as Ecosystemic Linguistics (FINKE, 1996; TRAMPE, 2015; COUTO, 2018). For this reason, it was originally called Critical Ecosystemic Linguistics in order to show that it was that part of Ecosystemic Linguistics whose objective was to be a framework for “critical” analysis of texts-discourses<sup>2</sup>. This name was also influenced by Norman Fairclough’s Critical Discourse Analysis. Around two years later it was changed to Ecological Discourse Analysis (EDA). However, due to the fact that in Europe and elsewhere there are also some trends in Ecolinguistics calling themselves “Ecological Discourse Analysis” – in China it is making stride –, as pointed out by the British ecolinguist Arran Stubbe, the discipline was finally re-renamed Ecosystemic Discourse Analysis. This last name clearly shows that the discipline is part of Ecosystemic Linguistics. If we substitute the name Discoursistics for Discourse Analysis as suggested by Couto (2020), the two terms ‘Ecosystemic Linguistics’ and ‘Ecosystemic Discoursistics’ would be perfectly parallel. It is important to stress the fact that these three changes in the name were only “nominal”, that is, they did not cause any change whatsoever in the content of the theory. The two last changes maintained the acronym EDA.

EDA is the part of Ecosystemic Linguistics (EL) that deals with texts-discourses. Therefore, let me begin by briefly presenting EL. Although this has already been done in several other publications, it is important to give an outline of it here because practically all its concepts and categories may also be used in EDA. It was originally defined as the study of the relationships between language and environment. Since this definition gave place to some misunderstandings – such as a reification of both “language” and “environment” –, a better definition would be that it is the study of the verbal interactions that take place inside the linguistic ecosystem. This term will be discussed in more detail in the next section.

## 2. Ecosystemic Linguistics: a brief presentation<sup>3</sup>

The fact that EDA is part of EL implies that every EL’s concepts may be used in EDA. The central concept of Ecosystemic Linguistics is linguistic ecosystem, of which there are at least four. The first is the natural ecosystem of language, consisting of a specific people ( $P_1$ ) whose members live in their territory ( $T_1$ ) and communicate among themselves by means of the traditional way of communicating, their language ( $L_1$ )<sup>4</sup>. We will see that this ecosystem is the point of departure for EDA because its main concern is life. The second linguistic ecosystem is the mental ecosystem of language, made up of the brain as the locus or “territory” ( $T_2$ ) of the neurons, which are the agents ( $P_2$ ) of the interactions that make up language ( $L_2$ ) as a mental phenomenon. The third is the social ecosystem of language. It consists of the members of the population ( $P_3$ ) as social beings, with several social roles, whose social interactions constitute language ( $L_3$ ) as a social phenomenon. The locus, or “territory” ( $T_3$ ) of these socio-verbal interactions is society.

The three ecosystems are contained in the integral ecosystem of language, an all-embracing linguistic ecosystem. It says simply that a language ( $L$ ) can only exist if there is a people ( $P$ ) in its territory ( $T$ ). It is different from the natural ecosystem of language because it is a general concept, embracing the natural, the mental and the social. In summary, these linguistic ecosystems are different perspectives from which language can be looked at.

The integral ecosystem of language may be seen from the perspectives of language community (LC) and speech community (SC). LC is the domain of what is called language in common parlance. For instance, the LC of English comprises England, the United States, Canada, Australia, New Zealand, and some other regions of the world. SC designates any domain the linguist delimits

## ECO-REBEL

to investigate. It can be of any size, as, for instance, a whole continent, a country, a part of it, a town, a neighborhood of this town, a household in the latter and even two people engaged in conversation. All this is compatible with the original concept of ecosystem in Biology (TANSLEY, 1935).

The most important concept inside biological and linguistic ecosystem is interaction, both organism-world interaction and organism-organism interaction. In EL the former corresponds to reference (signification); the latter, to communication, or communicative interaction. Language is seen as verbal interaction, or communicative interaction, inside the linguistic ecosystem. Therefore, the main type of rules underlying communicative interaction is interactional rules, not systemic rules (grammar). On the contrary, the latter are part of the former. However, the acts of communicative interaction only succeed if there is a previous communion between the dialogue partners. All this is seen from an ecological point of view, not from the logical point of view. From an ecological-philosophical optic, Ecosystemic Linguistics is situated inside the ecological view of the world, which is similar to the Oriental view, not the Occidental Newtonian-Cartesian view. Let me close this brief presentation of EL by pointing out that whereas most ecolinguists around the world do “Ecological Linguistics” – by borrowing concepts from Ecology and using them as metaphors in language studies – EL follows Garner’s (2004) suggestion of using ecological concepts not as mere metaphors, but as real ecological concepts. Ecosystemic linguists are “*écologistes de la langue*” (ecologists of language), as Claude Hagège said of the XIX<sup>th</sup> century linguist Charles Nodier. Ecosystemic Linguistics is a way of doing Ecolinguistics from within Ecology, not from without. In section 4 there are more ecological categories used in Ecosystemic Linguistics and, consequently, in Ecosystemic Discourse Analysis. For a detailed presentation of the theory in English see Couto (2018).

### **3. Ecosystemic Discourse Analysis as ecological analysis of discourse**

Due to its origin and the philosophical framework it belongs to, Ecosystemic Discourse Analysis is ecosystemic analysis of discourse, not necessarily analysis of ecological discourse (ALEXANDER; STIBBE, 2014). It is a new way of doing discourse analysis. This is partly due to the influences it had. The first one is Ecology. Not only biological Ecology, but also philosophical Ecology, or Ecosophy, as is the case with Deep Ecology, formulated by the Norwegian philosopher Arne Naess (1973, 1989, 2002). General Ecology is part of Biology, the science of life. We will see that the main concern of EDA is life. But, there are other sources of influences of EDA.

From the point of view of valuing life above everything, which includes non-violent action, one of the most conspicuous influences EDA received is Mahatma Gandhi’s philosophy of life (PRIVAT, 1957). From Taoism it adopted the ideas of harmony, not segmenting, of emphasizing the whole, not its parts in isolation. It does not separate life from death; they are seen as forming a whole. Martin’s (2004, 2006) Positive Discourse Analysis suggested to EDA the idea of emphasizing the positive side of the question, not the negative one (see also STIBBE, 2018). This is also present in Deep Ecology.

We have seen that EDA is not “analysis of ecological discourse”, not even of anti- or pseudoecological discourse. It is squarely “ecological analysis of discourse”. Of any type of discourse, not only of environmental ones. What is ecological is the analysis, not necessarily the discourse. As a part of Ecosystemic Linguistics, it is an ecological discipline that studies language phenomena, not only a linguistic discipline that studies ecological phenomena. It reminds us of ecolanguage (ecolinguagem), as can be seen in Matos et al. (2014). It pushes forward some ideas

## ECO-REBEL

of Positive Discourse Analysis (MARTIN, 2004, 2006; VIAN JR., 2010), which is heavily influenced by Fairclough's Critical Discourse Analysis.

Political ideologies are very important and unavoidable. However, these ideologies frequently emphasize conflict as is the case with the conflict between a "dominant" and "dominated" class or between man and woman (androcentrism). In accordance with the ecological view of the world and Oriental philosophies, like Hinduism, Buddhism and Taoism (COUTO, 2012), EDA looks at concepts like *good-evil*, *large-small*, *white-black*, *high-low* from a different perspective. The Occidental view of the world sees them as antagonistic, as one against the other. According to the ecological and Oriental views, *good* only exists if related to *evil* and vice-versa; *large* only in relation to *small*; *white* only in comparison with *black* and so on. In other words, these philosophies see them as forming a whole, inside which they are articulated along the same axis. They are seen from the perspective of harmony, together with everything that has to do with it, not from the viewpoint of the antagonism of political ideologies. For more discussion on this subject, including graphic representations, see Silva (*this volume*).

It is important to point out that ADE is not opposed to the social and class struggles that exist and that are legitimate, such as feminism, the black movement, the LGBTQIA + movement, class movements etc., undertaken by minorized and marginalized social groups, whose aim is to combat or alleviate the inequalities caused by oppression and exploitation inherent in the capitalist system. It is in this sense that we understand the value of these mobilizations, and their potential is seen in conjunction with the principles proposed here, unless they are based on excesses that are contrary to EDA's basic purposes. Apart from extremisms – which are exceptions within social and class movements –, which can lead to violent acts, the undertaking of a struggle for human rights must be taken into account in a holistic perspective, in order to fight the inequalities existing in a discriminatory and selfish society. After all, the main objective of ADE is to achieve peaceful respect for diversity and social equity through a humanized look at reality.

The Marxist category of humanism is not welcome, because it smacks of anthropocentrism. It is true that this was not the intention of Marx at the time he lived. Marx (1968) treats nature as something invaluable for the maintenance of human life. In this perspective, nature would be an extension of the human body, establishing a continuous relationship with him that makes life possible. In this case, humans would be the "kings of creation"; everything else exists to serve them, therefore, they may use and abuse everything in the world at their own convenience. This ideology is leading us to a dead end, since we are destroying all the bases of life on earth, a suicidal attitude. EDA follows the principles of Deep Ecology (NAESS, 1973, 1989, 2002; COUTO, 2012: 49-67), and defends self-realization of all beings. Humans do not have more right to life than the other living beings.

EDA does not ignore political, and other, ideologies. As pointed out above, they are unavoidable. For this reason, EDA looks at them from the point of view of ecoideology, the ideology of life. It defends life and fights any form of suffering by a living being. Political ideologies also have to do with life, albeit very indirectly. EDA's practitioners look at them from the perspective of ecoideology, as can be seen in Silva (2020, and *this volume*). In this case, the two main tenets of EDA is a defense of life, accompanied by a fight against avoidable suffering.

It is true that suffering and pain are a kind of protection living beings have against death. Were it not for them, living beings would not mind if their body were mutilated. For this reason, all of them are always looking for their own self-realization or well-being, as can be seen in Deep Ecology. Death exists to give continuity to life, so that nature can recycle the matter of one being into another. Notwithstanding all this, whenever pain, suffering and death are avoidable they must be avoided.

## ECO-REBEL

According to Ecosystemic Linguistics' categories, it is important to distinguish physical (natural), mental and social suffering because we are not only animal beings (natural); we also have a mental life and live in society. Physical suffering occurs when there is wound, mutilation of the body: lack of ability to feel pain may lead to a non-noticing of injuries and, consequently, to the loss of parts of the body, as is the case with people with Hansen's disease. Every physical suffering is a movement towards death, which is the maximum physical suffering. Looking for one's own self-realization is an attempt at avoiding or at suppressing it. However, there are degrees of suffering. A pinch, for instance, may be much less serious than a mental torture, an act of harassment or a stream of invectives (mental suffering). Being slandered or ridiculed by somebody publicly (social suffering) is also much more offensive than a pinch. Fernandes (*this volume*) discusses the concept of suffering in detail. The author distinguishes it from pain, and associates both to respect, compassion and fear. Among other things, he shows that it is fear that makes living beings avoid situations that can lead to suffering and to pain as well as to feel compassion for the suffering of other beings.

If a student of EDA decides to analyze a text-discourse about a woman who is frequently beaten by her drunken husband (sometimes she may be even murdered by him), he defends her not for being a woman, as feminist ideology rightly does, nor because it is the case of an act of male chauvinism (machismo). He defends her because she is a living (human) being who is suffering. In other words, she is defended in the name of a much more important cause. Some forms of extremist feminism and ecofeminism deal with questions like these from the point of view of conflict, that is, from the side of confrontation, whereas EDA does it departing from the side of conciliation and harmony, as suggested by Martin's Positive Discourse Analysis. It is not by chance that one important concept in EL is communion.

It should be pointed out that in our society women are objectified and conceived as objects of possession, which justifies the demands of the feminist movement for rights that lead to a more just society in which women can live and fulfill themselves as human beings that they are. The struggle undertaken by the feminist movement is seen by EDA as a legitimate mobilization, unless it reaches the extremes of violence and antagonism, as it occurs in rare exceptions. EDA incorporates the feminist agenda in its holistic view, thinking oppression in general as a result of the ailments caused by the anthropogenic ecosystem in which human relationships are established. It tries to find and reflect on the deep roots that support a reality in which suffering stands out. EDA aims to impact human perspectives on life, showing that, within a society that marginalizes and oppresses differences through a hegemonic pattern, there are ways to accept and value diversity.

By departing from the positive side of the question, EDA sees woman as a man's equal, not his antagonist. The same holds in cases of racism, homophobia, ethnocentrism and so on. In the case of some traditional practices, as the treatment women undergo in some Muslim countries (clitoris excision, for instance), infanticide among some Amerindian groups and others, there is the dilemma of staying on the side of life preservation or of deeply rooted traditional customs. EDA's position is clear: it is decidedly on the side of life. After all, traditional mores may change along the time, but death is irreversible. However, it must be kept in mind that EDA gives only general guidelines from which each individual case may be judged. As a matter of fact, each case is a case, and must be evaluated in the context in which it emerged but having these guidelines as a backdrop. For instance, what to do in the case of the sacrifice of a child – which will cause him/her the maximum suffering (death) – against the suffering of the whole group if its tradition is violated?

Let me sum up some of the general characteristics of EDA. Firstly, it places life on earth on the foreground because it is part of Ecology, which is part of Biology, the science of life – remember

## ECO-REBEL

that the first linguistic ecosystem is the natural ecosystem of language (see above). Once since political ideologies are inevitable, EDA subordinates them to the ideology of life or ecological ideology (ecoideology). Secondly, due to EDA's affinities with Oriental philosophies (Hinduism, Buddhism, Taoism), it emphasizes cooperation, which may lead to harmony. Thirdly, EDA departs from the ecological point of view, defended by the German philosopher of language and ecolinguist Peter Finke (1996). This point of view is all-embracing, holistic, therefore, very different from the Occidental one. Therefore, EDA analyzes, criticizes and prescribes/recommends behaviors that favor life and avoid suffering. EDA is biocentric and ecocentric. Its preferred object of study is dialogical text-discourses, although it does not exclude other types of discourses. It looks at the text-discourses under investigation as a constituent of communicative interaction, not as its product. In summary, it sees them as an unfolding process, not as a product of acts of communicative interaction. Looking at text-discourses as product of these acts, implies its reification, i.e., considering them an artifact, a thing. EDA, together with Ecosystemic Linguistics, puts emphasis on the process of discourse production, *das Fliessen selbst* (the flow itself), as Fill (1993) put it.

The ecology of communicative interaction is the nucleus of Ecosystemic Linguistics, and of EDA, by the way. It was hinted at above that EDA does not restrict itself to the social side of language, the social ecosystem of language. On the contrary, it sees language as a biopsychosocial phenomenon. It starts off from the natural side (natural ecosystem of language) but it goes through the mental and ends up in the mental ecosystem. Since it is part of Ecosystemic Linguistics, it recognizes three ecosystems of language, namely, the natural, the mental and the social. It does not refrain from analyzing even spiritual dimension that may exist in the domain it examines. In other words, it does not segment the human being – looking only at his social side –; it looks at him in its entirety, as a biopsychosocial being.

Couto (2019) says that simply applying an existing theoretical model in the analysis of an environmental question is not doing Ecolinguistics. The same can be said of approaches from other areas like Sociology, Philosophy and Psychology which borrows concepts from Ecology in the analysis of texts-discourses having to do with environmental questions. There are some academic M.A. theses and PhD dissertations dealing with these questions even before the emergence of EL/EDA with Fill (1993). An environmental linguist could be induced to consider them Ecolinguistics essays, even if some of them were done by sociologists, psychologists or earth sciences.

Even the layperson can say what s/he thinks about environmental questions. But this is not science, which cannot be defined only by its object of study. In order to be a science Ecolinguistics – which includes Ecosystemic Linguistics, which includes Ecosystemic Discourse Analysis – must be ecological from the epistemological (theoretical model), the methodological and empirical (object of study) points of view. This is what EL and EDA strives to do.

At this point, one could ask the following question: How is it possible that EDA is part of EL – is contained in it – but has its specific concepts, not directly available to an EL analysis? In fact, it is relatively easy to answer this question. As discussed by Silva (2020, and *this volume*), EDA's specific concepts are invisible from a macroscopical point of view, which is the point of view of EL in general. In order to have access to the EDA specific concepts it is necessary to apply what Garner (2004) called 'focussing method'. By doing this, EDA starts off from the natural ecosystem of language. In other words, the investigator focus on life, without adjectives. As can be seen in several parts of this article, EDA follows Deep Ecology's recommendation of intervention in order to defend life. EDA follows not only ethical principles but also deontological ones.

### 4. Further Categories of Ecology through Ecosystemic Linguistics

There are several other ecological concepts used in Ecosystemic Linguistics that may be used in EDA too. Let me begin with diversity. To accept diversity entails an attitude of tolerance towards the other, above all when s/he is different from us. Not accepting it entails intolerance, what may lead to aggression and violence, mainly against minorities of all types. Acceptance of diversity presupposes an attitude of cooperation and harmony. Cooperation exists in biological Ecology, under the name of harmonic interactions, both intraspecific and interspecific. In the first case, there are the interactions among human beings; in the second, between them and beings of other species as can be seen in Arran Stibbe's and Diego Forte's ecolinguistic investigations. In EL harmony is known as communion. Intimacy among all living beings is one of Deep Ecology's main tenets.

On the opposite side is the stance of subordination of the weak to the more powerful and the consequent imposition of the will of the latter upon the former. This is a question of power, which may lead to fundamentalism, which is frequently associated to violence. For this reason, Deep Ecology recommends a Gandhian attitude, that is, to be firm but without violence. As we have seen, EDA respects diversity of all kinds.

Intimately associated with diversity there is the question of interactions (inter-relations, relations), to the point that interaction is the defining characteristic of language. Nothing is isolated inside the ecosystem, everything is related to everything, directly or indirectly. For this reason, the ecosystem is a network of inter-relations that obtains between and among organisms and environment. The more diversity there are, the more interactions will obtain. But interaction is also intimately associated with the harmony of the whole, hence, with the concept of holism. Interactions are multilateral, multipolar and pluricentric. As Edgar Morin pointed out, there is no center in the interior of an ecosystem. Totalitarianisms of all kinds, on the contrary, are monocentric and centripetal, what frequently leads to conflicts; diversity is not welcome.

In the dynamics of inter-relations, there is always an adaptation of organisms to their environment, and vice-versa, as well as of the organisms among themselves. In the phylogenetic beginning of life on earth adaptation of the environment to organisms was less evident. However, it is increasing each day due to technology. This movement may lead to a dead end. The world and culture (which includes language) are dynamic. They are constantly changing and adapting to the new situations that nature (and culture) presents. Not to adapt is to resist, what may also lead to disharmony, to conflict and violence, both against humans and other beings, living and non-living ones –, as can be seen in predatory actions. According to Darwinism there are competition and survival of the fittest. However, the most recent investigations have shown that more adaptable beings have more chances of survival, not necessarily the strongest, as was the case with dinosaurs. Adaptation is a way of living in harmony with the environment as well as with the other beings. Harmony is a central concept of Taoism and of Deep Ecology as well.

Adaptation is one side of the coin whose other side is evolution. It is well known that evolution takes place cyclically. Everything in nature moves in cycles. This is the case with alternations such as night/day, the seasons of the year, the biological rhythm of our organism and so on. Even in culture and language changes are cyclical. In the world of fashion, for example, how many times we see designers, those who dictate what is fashionable, say that "now what existed in the 1960s and 1980s is chic"? It is enough to create a new term to designate the phenomenon, as, for instance, *retro*. In Couto (2012: 179-199) there are some examples of cyclical evolution in literature and in language. This leads us to the domain of recycling, which could be a precarious solution for capitalist consumerism. Unfortunately, only a minority of people is aware of the fact that consumerism and disposability are harmful to the maintenance of life on earth,

## ECO-REBEL

above all in the long term. To do this it is necessary to practice a sustainable economy, that is, one that takes ecology into consideration.

Ecological ideology defends the “3R’ principles of the United Nation’s Sustainability Goals: Reduce, Reuse, and Recycle” (DASH, 2020). Discarding everything instead of reducing, reusing and recycling implies the use and abuse of natural resources – and not only of living nature –, besides polluting it. Our intervention in nature is increasing each day and becoming increasingly unsustainable. This brings suffering to other living beings, as in the case of exaggerated meat consumption, which requires the sacrifice of hundreds, thousands, millions of animals. The extensive raising of cattle destined to slaughterhouses – and for milk production – requires large portions of grasslands for them to graze, in general with only one grass species, as, for instance, *bracchiaria plantaginea*. This entails the reduction in the diversity of flora, fauna and microorganisms. In order to reduce the number of pests, one avails oneself of pesticides. As is well known, pesticides kill the microorganisms living in the ecosystem at stake, i.e. their annihilation leads to the disappearance of the birds and other species that feed on insects (CARSON, 1962).

Back to the ecosystem as a whole we note that it inter-relates with the environing ecosystems, giving and taking matter, energy and information to/from them. In other words, this whole shows up the characteristic of openness, sometimes also called porosity. Together with diversity this characteristic implies tolerance with beings of other species, other ethnic groups, besides running against ethnocentrism, racism and all the remaining “-isms”, some of which are mentioned above. It shows us that nothing is isolated. On the contrary, everything is influenced from the outside, besides influencing it. It leads us to be receptive and respect the opinion of the other, even when we disagree with it. Respecting it does not mean to adhere to it. After all, concepts such as “right” and “wrong” are socially created, what implies that they are relative. Besides not existing in nature, they vary from community to community and from social segment to social segment. If we are to use the concept of “wrong”, it should be applied to what causes suffering as it is understood in the present context. What does not cause suffering on other beings cannot be legitimately considered wrong. As pointed out by the American ecologist Aldo Leopold, “a thing is right when it tends to preserve the integrity, stability, and beauty of the biotic community. It is wrong when it tends otherwise” (apud DRENGSON; INOUE, 1995, p. v).

There are several other ecological concepts that can be used in EDA. Among them there are the already mentioned harmonic *versus* disharmonic relationships, both intra- and inter-specific. Among the inter-specific harmonic relations we could mention inquilinism, and mutualism. In regard to the inter-specific disharmonic relationships, there are above all predatism (predator versus prey) and parasitism (since humans are carnivores, they are predators of several species). Here one could argue that the predator causes suffering in its prey, therefore one should not eat meat<sup>5</sup>. This is true. However, it is also true that this is part of the trophic chain of living nature. It is a way of maintaining its balance, its sustainability. Among the intra-specific disharmonic relations we could mention competition, which also exists inter-specifically. What we call communion in Ecosystemic Linguistics – a pre-requisite to communication – belongs to the intraspecific harmonic relationships. That is to say, in general Ecology, as well as in its philosophical, sociological and anthropological versions, we have many of the concepts for the critical study of texts-discourses referring to the most diverse subjects. Keeping in mind the fact that Biology is the science of life, we do not need to fear biologism. Using general Ecology as a basis for cultural – and linguistic – studies is assuming the point of view of life, rightly studied by Biology of which general Ecology – and Ecolinguistics, above all Ecosystemic Linguistics – is a part.

## ECO-REBEL

We should fight even the depredation of inanimate nature. If we do not take care of the waters, for instance, they may be polluted to the point of poisoning not only humans but all other living beings. They can even disappear, in which case humans would also disappear. We would not even have oxygen to breathe. We ought not use certain products that cause the greenhouse effect because we run the risk of being toasted or of dying of skin cancer, or both. It is not simply a question of having an apocalyptic or catastrophic view, a doomsday view. It is a question of being realistic. What we have seen up to now points in this direction. Why not care, why not being prudent?

### 5. Brief analysis of an abstract text

To analyze environmental, anti-environmental and pseudo-environmental texts-discourses from a politico-ideological point of view is not too difficult. This may be done from the most diverse perspectives, as pointed out above. EDA can be used not only in the analysis of dialogical texts-discourses dealing with life questions. It is applicable even in the analysis of abstract ones, from an ecological point of view. This is what I intend to do with a syllogism, one of the most abstract types of text-discourse, because it would contain only logical relations. The syllogism I will analyze is the following, which belongs to the Aristotelian tradition:

*All men are mortal. Socrates is a man. Therefore, Socrates is mortal.*

The "subject" of this syllogism is death. Death is related directly to life, it exists only in relation to life, and vice-versa. When we talk about life, death is implied because only living beings die, and all living beings die. In this case, we are coming near the ecological view of the world, since, as we saw above, life is studied by Biology, and Ecology is a part of it.

As stated in *Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary*, syllogism is an "argument the conclusion of which is supported by two premises, of which one (major premise) contains the term (major term) that is the predicate of the conclusion, and the other term (minor premise) contains the term (minor term) that is the subject of the conclusion; common to both premises is a term (middle term) that is excluded from the conclusion". The handbooks of introduction to Logic tell us that syllogism does not describe anything, its value would lie only in the internal logical relations. However, when we look at it from a historical point of view, we see that *Socrates* refers to a man who existed in ancient Greece, whereas *men* refers to the totality of beings like him (*men* and *women*). As to *mortal*, it refers to a feature or quality of all living beings, not only *men* and *women*. These facts were already pointed out by Russell (1982: 56-57), reporting to Parmenides. Therefore, the three pillars of the argument contained in the syllogism refer to the natural world, immediately or mediately. Without this reference there would be no logical connection whatsoever. As the thinkers of the Port-Royal school emphasized, there are logical connections only between entities of the real world (natural, mental, social). Without these entities the syllogism would be meaningless.

Coming to the nucleus of language according to EL and EDA, communicative interaction, we can see that the syllogism is made up of three declarative sentences. As some linguists and philosophers of language have demonstrated, every declarative utterance is an answer to some question, even when it is only a tacit one. In the present instance, *all men are mortal*, *Socrates is a man* and *Socrates is mortal* certainly emerged as answers to philosophical questions of this type. The tacit questions probably were: *are all men mortal?* *is Socrates a man?* and *is Socrates mortal?* In this case, the components of the syllogism would be indirectly placed inside the nucleus of Ecosystemic Linguistics, and of its extension Ecosystemic Discourse Analysis, namely the

## ECO-REBEL

ecology of communicative interaction, which basically consists of questions and answers, i.e., interlocution or dialogue. Something similar happens to proverbs. Paremiologists have demonstrated that mini-texts like *the taste of the pudding is the eating*, may have been produced in some real act of communicative interaction in some time of the past. In this case, the mini-text was an answer to the question: *what is the taste of this pudding?* Somebody could answer: *taste it!* Afterwards, he could exclaim: *Do you see? The taste of the pudding is the eating.*

Again, as with the proverbs, the first time the text of the syllogism was produced there was probably a speaker saying to a hearer that "Socrates is mortal because he is a man and all men are mortal", somewhere in ancient Greece. In this first moment the sentence was part of a full ecology of communicative interaction, which included a scenario. Unfortunately, it is practically impossible to recover this context. We can only guess that it may have existed because the "utterance" has been repeated all along history. If it is a repetition, there must have been a first repetition, a moment following its very first use, when it was proffered for the first time. In other words, the historical dimension is also important, as can be seen in Bertrand Russel's text mentioned above.

As to the logical connectors, they may be interpreted in terms of inclusion: *Socrates* belongs to the class of *men*. The latter, on its side, belongs to the class of living beings. For the simple fact of belonging to this class, *men* die, i.e., they are *mortal*. The relation of inclusion exists in nature independently of a living being to observe it. Couto (2009, p. 284-285) mentions the case of the stone inside the fruit. It is there without being placed there by a living being. Nor is it dependent on an animated being to observe it and "create it discursively". Inclusion is one of the most primitive relations, in the sense of being natural. It is the relation par excellence. So much so that the preposition that codifies it, *in*, exists in practically all languages of the world, and is one of the first to be acquired by children. In summary, even "logical relationships" have to do with the natural world in which the drama of life unfolds.

A fundamental difference between EDA and (C)DA is that the former departs from the ecology of communicative interaction as a whole, not only from the product of this interaction, i.e., the utterance, the text-discourse. EDA's preferred type of text is dialogue, not monological texts-discourses as Mikhail Bakhtin put it.

In summary, EDA does depart from the product of the interaction between, say, writer and reader, which appears under the form of a text, which the materialization of what the speaker intended to say. Since it is part of Ecosystemic Linguistics, EDA is interested not only in this product that, in the end, is an artifact, a "thing", but in the whole process of its production. Text-discourse is a "point" in the chain of inter-relations of the process of communicative interaction. Otherwise it can be looked at as the interaction between what the "sender" sent to the "receiver" and the content implied in it. For more comments on EDA, see Couto, Couto & Borges (2015). For a preliminary idea of what is understood by text in Ecosystemic Linguistics, see Couto (2015).

### 6. Conclusions and outlook

One might think that a new model of Discourse Analysis is not necessary because there are so many available. To the point that they fight one the other. As has already been said of Functionalism in Linguistics, they are a confederation of theories whose only common denominator is the opposition to the Pope. The "pope" in this case is Structuralism, especially Generativism. I am convinced that EDA brings new ideas to the fore of Discourse Analysis for which political, religious and partisan ideologies are not the most important things, although they can also be dealt with. EDA's concepts are not new. They are borrowed from already existing theories philosophies, some of which were mentioned above. But it has something in common

## ECO-REBEL

with other theories. For instance, it shares with Marxism looking at the object of study as a totality (which resembles ecological holism), dialectics (akin to ecological interactions), historicity (evolution in Ecology), and the inclusion of the physical, materialism (natural ecosystem of language).

There are basically two types of valid scientific studies. The first is the one that brings new data (unknown phenomena) to our knowledge, as when physics discovers a new body, as an asteroid, a planet or a galaxy or when chemistry/pharmacology “discovers” a new drug that heals a violent disease. Unfortunately, in the domain of human sciences we can hardly “discover” new facts or phenomena, although we can “invent” some, like “political correctness”. However, social sciences can create a new theoretical model (point of view) to interpret already known facts differently. If the new interpretation is more interesting than the previous one, the new theoretical model may be considered valid. Otherwise it must be discarded. I am sure that EDA can shed new light on Discourse Analysis. It may even happen that it does not catch on, that is, it is possible that it will not be accepted and/or considered valid by academy. However, one thing is sure: there does not exist any other proposal of a model of Discourse Analysis within the domain of the ecological view of the world, departing from within ecology, not from without<sup>6</sup>.

### Notes

1. The first Portuguese version of this paper was published in 2013, one year before Alexander & Stibbe (2014), as “Análise do discurso ecológica (ADE)”. It is available at <https://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html> . An enlarged and revised version of it was published in *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, edited by Elza do Couto, Ema Dunck-Cintra & Lorena Borges, 2014, p. 27-41. The present article is a fully revised version of the latter.
2. I prefer the use of the compound “text-discourse” because discourse is always materialized in a text. There is no discourse hovering in the air.
3. For more discussion on Ecosystemic Linguistics in English, see the papers available in my blog “Ecosystemic Linguistics” <http://ecosystemic-linguistics.blogspot.com/> Couto (2018) is the most detailed presentation of the theory in English.
4. The indices are used to indicate that P, T and L have different values in each of the three ecosystems (natural, mental, social).
5. There are some initiatives intended to overcome this problem by producing protein without the animal (JACOBS, 2019a, 2019b).
6. For the discussion of environmental questions there is also Environmental Linguistics, despite its fuzziness: it does not require a specific theory or methodology. It is basically defined by the object of study, environmentalism albeit necessarily using a linguistic theory. In Harré; Brockmeier; Mühlhäusler (1999), Mühlhäusler (2003) and Couto (2019) there is some preliminary discussion of Environmental Linguistics.

### References

- ALEXANDER, Richard; STIBBE, Arran. From the analysis of ecological discourse to the ecological analysis of discourse. *Language sciences* v. 41, 2014, p. 104-110.
- CARSON, Rachel. *Silent spring*. Greenwich, Conn.: Fawcett Publications, 1962.
- CARVALHO, Isabel C. M. *Territorialidades em luta: Uma análise dos discursos ecológicos*. Fundação Getúlio Vargas, Dissertação de Mestrado, 1989.

## ECO-REBEL

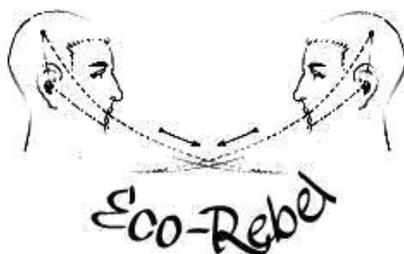
- COUTO, Elza K. N. N. do; COUTO, Hildo Honório do. O discurso “fragmentado” dos meninos de rua e da linguagem rural: Uma visão ecolinguística. In: COUTO, Elza; ALBUQUERQUE, Davi (eds.). *Linguística ecossistêmica & Análise do discurso ecológica*. Brasília: Thesaurus, 2015, p. 152-162.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.
- \_\_\_\_\_. On the so-called complex prepositions in Kriol. *Revue roumaine de linguistique* n. LIV, n. 3-4, 2009, p. 279-294.
- \_\_\_\_\_. *O tao da linguagem: Um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.
- \_\_\_\_\_. Análise do discurso ecológica (ADE). Disponível em (acesso: 23/12/2015), 2013: <https://ecosystemic-linguistics.blogspot.com.br>
- \_\_\_\_\_. Ecological approaches in linguistics: a historical overview. *Language sciences* 41, 2014, p. 122-128.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre o conceito de texto na linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 3, n. 2, 2017, p. 22-36.  
Available at:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9677/8545>
- \_\_\_\_\_. Exosystemic linguistics. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine (eds.). *The Routledge handbook of ecolinguistics*. New York & London: Routledge, 2018, p. 149-161.
- \_\_\_\_\_. Linguística ambiental. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 5, n. 1, 2019, p. 96-112. Available at:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/22809/20553>
- \_\_\_\_\_. 2020. Discursística. Disponível em:  
<https://ilinguagem.blogspot.com/2020/03/discursistica.html>
- DASH, Rajendra Kumar. Swachh Bharat Abhiyan and the Canadian Environment Week: Case Studies in Sustainable Development Campaigns. *ECO-REBEL* v. 6, n. 4, 2020. Available at:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>
- DRENGSON, Alan; INOUE, Yuichi (eds.). *The Deep Ecology Movement – An introductory anthology*. Berkeley: North Atlantic Books.
- FILL, Alwin. *Wörter zu Pflugscharen: Versuch einer Ökologie der Sprache*. Viena: Böhlau, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Ökologie: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1987.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Sprachökologie und Ökologielinguistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996a.
- \_\_\_\_\_. Ökologie der Linguistik – Linguistik der Ökologie. In: FILL (org.), 1996a, p. 3-16.
- FINKE, Peter. Sprache als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. Überlegungen zur Weiterentwicklung der Sprachökologie. In: Fill (org.). 1996, p. 27-48.
- GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Oxford: Peter Lang, 2004.
- HALLIDAY, Michael A. K. New ways of meaning: The challenge to applied linguistics. *Journal of applied linguistics* 6, 1990, p. 7-36.
- HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜHLHÄUSLER, Peter. *A study of environmental discourse*. Thousand Oaks, Cal.: Sage Publications, 1999.
- Haugen, Einar. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University, 1972, p. 325-339.
- JACOBS, George. Review of *Clean meat: How growing meat without animals will revolutionize dinner and the world*, by Paul Shapiro. New York, NY: Gallery Books. *ECO-REBEL* v. 5, n. 1, 2019a, p. 127-134. Available at:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/22789/20545>

## ECO-REBEL

- JACOBS, George. Review of Ahmed Khan. *Introduction to Cell Agriculture* (ebook (<https://cellagri.mykajabi.com/ebook>)). *ECO-REBEL* v. 5, n. 2, 2019b, p. 119-121. Available at: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27665/23802>
- MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.
- MARTIN, James R. Positive discourse analysis: Solidarity and change. *Revista canaria de estudios ingleses* n. 49, 2004, p. 179-200.
- \_\_\_\_\_. Vernacular deconstruction: Undermining spin. *DELTA* v. 22, n. 1, 2006, p. 177-203.
- MARX, Karl. *Ökonomisch-philosophische Manuskripten*. MEW 40. Berlin: Dietz Verlag, 1968.
- MATOS, Francisco Gomes de; COUTO, Elza K. N. N.; MARQUES, Adilson; COUTO, Hildo H. do. Ecolingüem. In: COUTO, Elza; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (eds.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014, p. 215-224.
- MÜHLHÄUSLER, Peter. *Language of environment, environment of language: a course in ecolinguistics*. Londres: Battlebridge, 2003.
- NAESS, Arne. The shallow and the deep, long-range ecology movement: A summary. *Inquiry* 16, 1973, p. 95-100.
- \_\_\_\_\_. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Life's philosophy - Reason & feeling in a deeper world*. Athens: The University of Georgia Press, 2002.
- PRIVAT, Edmond. *Vie de Gandhi*. Paris: Denoël, 1957.
- RAMOS, Rui. *O discurso do ambiente na imprensa e na escola: Uma abordagem linguística*. Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2009.
- RUSSERL, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. Brasília: Editora da UnB, 1982.
- SAPIR, Edward. Language and environment. *American anthropologist* 14, 1912, p. 226-242.
- STIBBE, Arran. Positive discourse analysis: rethinking human ecological relationships. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine (eds.). *The Routledge handbook of ecolinguistics*. New York & London: Routledge, 2018, p. 165-178.
- TANSLEY, Arthur G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. *Ecology* v. 16, n. 3, 1935, p. 284-307.
- VIAN JR., Orlando. Gênero do discurso, narrativas e avaliação das mudanças sociais: A análise de discurso positiva. *Cadernos de linguagem e sociedade* vol. 11, n. 2, 2010, p. 78-96.

Accepted on January 11, 2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.



## UM ESTUDO DO DISCURSO DO EX-CAPITÃO JAIR MESSIAS BOLSONARO PELA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA

Márcio M. G. Silva (*Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista*)

*Quo usque tandem, Catilina, abutere patientia mostra? (Cícero)*  
*Até quando, Bolsonaro, abusarás de nossa paciência (Márcio M. G. Silva)*

**Abstract:** The main objective of this article is to comment on president Jair Messias Bolsonaro's discourse from the perspective of Ecosystemic Discourse Analysis (EDA). We can see that Bolsonaro does not dialogue, above all with people having an opinion different from his own. Due to his egocentric, headstrong and aggressive personality he always tries to impose his opinion besides falling out with everybody who do not accept his fascist and dictatorial ideas. To make the discussion possible the article presents the most relevant principles of EDA. Finally, it discusses negationism, conspiracy theories (conspirationism) and similar ideologies.

**Key-words:** Bolsonaro's discourse; EDA's principles; negationist and conspiracy theories.

**Resumo:** O objetivo principal deste artigo é comentar o discurso do presidente Jair Messias Bolsonaro no espírito da Análise do Discurso Ecológico (ADE). Nota-se que Bolsonaro não é capaz de dialogar, sobretudo com quem tem opinião diferente da dele. Por ter uma personalidade egocêntrica, voluntariosa e agressiva, só quer impor sua opinião, além de se indispor com tudo e todos que não aceitem suas ideias fascistas e ditatoriais. Para viabilizar a discussão, o artigo apresenta os princípios mais relevantes da ADE e discute a questão do negacionismo, teorias da conspiração (conspiração) e semelhantes.

**Palavras-chave:** Discurso de Bolsonaro; princípios da ADE; teorias negacionistas; teorias da conspiração.

### 1. Introdução

No momento da pandemia do coronavírus (Sars-CoV-2, coronavírus, covid-19), podemos detectar dois discursos no Brasil: o dos que seguem as recomendações da OMS, do Ministério da Saúde e de todos os especialistas em Infectologia e Virologia, por um lado, e o discurso beligerante do ex-

capitão Jair Messias Bolsonaro *et caterva*, por outro lado. Ele punha, e põe, em primeiro lugar a economia e o emprego, assunto que já tangenciei em Silva (2020). Ele quer porque quer que a economia (emprego) funcione a pleno vapor, ignorando o fato comprovado em outros países de que isso provoca aglomerações de pessoas que poderiam levar à proliferação descontrolada do vírus e levar a milhares de mortes. As pessoas morreriam por falta de tratamento adequado (como falta de respiradores), praticamente à míngua. Não basta o exemplo de regiões como o norte da Itália (Bérgamo), e de alguns estados brasileiros (Pará, Maranhão, Ceará, Amazonas) em que muita gente teve que ser enterrada em valas comuns, com tratores, pois o sistema de saúde e o funerário entraram em colapso. A certa altura, as infecções e mortes começaram a decair, mas em dezembro de 2020 começaram a subir de novo.

Tendo em vista este cenário, meu objetivo no presente artigo é focar especificamente no discurso de Jair Messias Bolsonaro. Por discurso aqui deve-se entender frases soltas para seus apoiadores, ou contra os que ele considera inimigos, ou seja, cerca de 75% da população brasileira. A base teórica, como no outro artigo, é a Análise do Discurso Ecológica (ADE), também já apresentada nele, embora mais abaixo sejam acrescentados mais alguns comentários sobre ela.

É sempre bom lembrar que o ex-capitão foi eleito devido à conjunção de três fatos negativos: 1) o cansaço da população com a corrupção nos dois governos precedentes do PT; 2) a fachada que levou durante o comício em Juiz de Fora que o transformou em vítima; 3) não ter participado dos debates entre os candidatos na TV: veremos que ele não sabe debater, isto é, dialogar; só quer impor sua vontade (voluntarismo, idiocracia). No presente momento (abril 2020), há um quarto fator negativo que o favorece. A luta contra o coronavírus, que ele chamou de “gripezinha”, está desviando a atenção de seus desvarios e desatinos e evitando que se entre com um processo de cassação contra ele. Para as pessoas sensatas e as que têm sensibilidade para com o sofrimento alheio, a prioridade no momento é o combate ao vírus, menos para ele.

## 2. ADE

Couto (2020a) propôs o termo “discursística” como um substituto para a expressão ‘análise do discurso’, pois, assim teríamos, segundo o autor, um nome mais simples, univocabular, para a disciplina. Adotando-o, Análise do Discurso Crítica seria Discursística Crítica e Análise do Discurso Ecológica se redenominaria como Discursística Ecológica, em perfeito paralelo com Linguística Ecológica (LE). Porém, como as pessoas não gostam muito de alterações nas teorias nem de mudanças em seus nomes – e com uma certa dose de razão –, vou manter a expressão ‘Análise do Discurso Ecológica’ (ADE), mas vale a pena ler os argumentos em prol do termo Discursística.

Em Silva (2020), eu já adiantei algumas das principais características da ADE, referindo-me à pouca bibliografia existente, como Couto (2013), Couto; Couto (2015), Alexander; Stibbe (2014), Finke (2001) e Trampe (2016). Como o criador da teoria me disse (c.p.), a maioria das pessoas falam em ADE e LE com base em uma vaga ideia que têm delas, ou seja, sem ler os ensaios originais e os que os aperfeiçoaram. Por isso, vale a pena apresentar uma síntese dos princípios primeiros da ADE, pano de fundo para este artigo:

- 1) Defesa incondicional da vida.
- 2) Essa defesa inclui luta contra o sofrimento evitável.
- 3) Abordar as questões pelo lado positivo, não pelo negativo, enfatizando a harmonia e a comunhão. Em Silva (2020) há um gráfico com explicações que justificam esta postura.
- 4) Recomendação para intervir em defesa da vida e evitar sofrimento evitável. A Ecologia Profunda fala em ‘prescrição’, mas o termo parece muito forte em português.

## ECO-REBEL

5) Maior valorização do conteúdo do que da forma, apesar de todo discurso vir materializado em um texto, motivo pelo qual os seguidores da ADE preferem falar em texto-discurso.

No mesmo artigo incluí um elenco das principais fontes em que a ADE se inspirou para a formulação de seu arcabouço epistemológico. São elas:

a) Ecologia e ecossistema. Este último com todas as suas características, propriedades e conceitos;

b) Linguística Ecológica. Na verdade, a ADE é parte dela, como foi demonstrado gráfica e verbalmente no artigo recém-mencionado.

c) Ecologia Profunda, formulada por Arne Naess. Todas as suas categorias e conceitos são válidos na ADE (NAESS, 1973; 1989).

d) O exemplo de vida de Mahatma Gandhi, sobretudo a resolução de conflitos pela não violência, outrossim demonstrada gráfica e verbalmente.

e) O conceito de comunhão da Linguística Ecológica, reflexo das relações ecológicas harmônicas da Ecologia. A comunhão leva à procura por uma sinergia, uma empatia antes de qualquer interação, comunicativa ou não.

f) A Análise do Discurso Positiva (MARTIN, 2004). Como o termo ‘positivo’ já sugere, essa versão da Discursística Crítica é em grande parte compatível com a ideia de comunhão, com o exemplo de vida de Gandhi e com a Ecologia Profunda.

Tudo isso é visto a partir da ótica da visão ecológica de mundo (VEM). Trata-se de diretrizes gerais para a tomada de decisão em casos de conflito. Mas, cada caso é um caso e deve ser analisado no respectivo contexto. Veja-se o infanticídio em alguns grupos ameríndios. O dilema é: focar no sofrimento (máximo) da criança que será sacrificada ou na prática cultural de séculos? Muitos antropólogos defendem a segunda postura, o respeito aos hábitos do grupo. Mas, muita gente ficaria do lado da criança, tentando fazer com que ela não seja sacrificada. Os praticantes de ADE tendem para a primeira postura, como se pode ver nas duas primeiras características elencadas acima: para a ADE, a vida vem em primeiro lugar. Hábitos culturais mudam ao longo do tempo, mas a morte é irreversível. Na polarização economia/emprego *versus* saúde/vida, ela aborda a questão começando pelo lado da saúde/vida, mas sem ignorar que ela faz parte de um todo com economia/emprego, logo, não se deve ignorá-la. Afinal, a ADE encara seu objeto holisticamente, não de forma fragmentada. Isso está pormenorizadamente discutido em Silva (2020).

Retomemos a questão dos conceitos polares, discutida em Silva (2020), comparando o círculo de que são um diâmetro com o símbolo do *yin* e *yang* apresentado na figura 1



Fig. 1

A parte *yang* (cor branca) e a parte *yin* (cor preta) estão em movimento, girando na direção do que parece a cabeça de uma baleia (no sentido dos ponteiros do relógio), mas é impossível representar esse movimento aqui. Pois bem, os conceitos polares das figuras 2, 3 e 4 de Silva (2020) também giram. Na figura 2 temos uma tentativa de representar esse movimento.

## ECO-REBEL

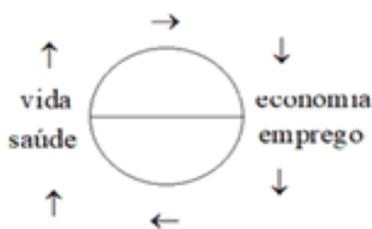


Fig. 2

Mais uma vez, os recursos usados na ADE se mostram adequados para se representar a realidade vivida no momento da covid-19. Não se pode focar apenas em saúde/vida nem apenas em economia/emprego. Trata-se de uma realidade dinâmica, que gira em espiral, de modo que ora temos uma, ora temos a outra, na mesma espiral, porém, sempre se renovando. Um detalhe importante é que, por encarar o objeto holisticamente, quando se focaliza microscopicamente em um dos polos não se ignora o outro. No entanto, frise-se, a ADE começa sempre pelo polo vida/saúde.

### 3. O comportamento e atitudes de Bolsonaro

Em vez de liderar o combate ao letal coronavírus, como fazem os presidentes de outros países, o ex-capitão está preocupado é com brigas políticas, com algum ministro que começa a ficar popular etc., pois, “quem manda sou eu!”. Está preocupado é com as instituições (como o STF) e autoridades (presidentes da Câmara e do Senado) que criticam e/ou tentam frear suas insanidades. Sua irresponsabilidade frente à pandemia chegou a levar os países vizinhos a considerarem o Brasil uma ameaça a eles, pois a desídia do ex-capitão é um dos fatores a fazer aumentar os casos de doença e morte pelo vírus. Em vez de se preocupar com compra de vacinas para a população – coisa que outros países estão fazendo com denodo – ele fica tentando impor a hidrocloroquina e a ivermectina, cuja eficácia é negada pela ciência, mas ele acha que elas devem ser usadas.

O recém-empossado presidente dos EUA Joe Biden, que concorreu com Donald Trump, disse referindo-se a este que “o presidente deve ser parte da solução, não do problema”. Bolsonaro, como seu ídolo Donald Trump, é clara e conscientemente parte ativa do problema. Com efeito, ele “segue com sua estratégia negacionista da doença e com os constantes conflitos com os ‘adversários’ visíveis ou imaginários, como a imprensa, a ciência, os outros poderes da República e o comunismo” (*Correio Braziliense*, 22/06/2020). Ele mesmo cria inimigos por todo lado, tanto no nível nacional quanto no internacional. Aliás, tanto Trump quanto Bolsonaro são truculentos. Entretanto, a truculência do Trump é, digamos, sutil, “civilizada”, ao passo que a truculência do Bolsonaro, por ser subdesenvolvido, é descarada. Infelizmente, o efeito das duas formas de truculência é devastador para o meio ambiente natural, o mental e o social.

Bolsonaro sempre fala com o cenho franzido, parecido com cenho de Lula, proferindo palavrões quando irritado, e ele frequentemente está irritado. Além do Lula, ele tem muita coisa em comum com Nicolás Maduro e seu falecido mestre Hugo Chávez, além, é claro, das afinidades com Hitler e Mussolini – ex-capitão abomina os dois primeiros, não necessariamente os dois últimos. Pois bem, seu semblante já deixa entrever uma propensão para a agressividade.

## ECO-REBEL

Durante os três mandatos como deputado federal ele só aparecia devido a fatos negativos, declarações agressivas, preconceituosas, grosseiras, de baixo nível, sempre com seus despautérios, suas verrinas contra tudo e todos que não concordavam com suas ideias fascistas. Não aprovou nenhuma lei relevante.

Depois de ser eleito presidente, quis nomear um filho como embaixador em Washington, por que ele “fala bem inglês” e “sabe fazer hambúrguer”. Já disse que pretende nomear um juiz “terrivelmente evangélico” para o STF, não por ser competente e ter conduta ilibada; deu passaporte diplomático a Edir Macedo, que virou milionário extorquindo dinheiro dos pobres, para que ele possa “desempenhar de maneira mais eficiente suas atividades em prol das comunidades brasileiras no exterior” (*Exame*, 15/04/2019). Enfim, além de outras desqualidades, o ex-capitão apresenta uma atitude de mandão, deixando todos entenderem que “quem manda sou eu”, frequentemente desautorizando subordinados, em público, como já fazia nos tempos de caserna. Esse ex-capitão está fazendo tudo que disse que não iria fazer. Há uma discrepância gritante entre o discurso do candidato e a prática do eleito. Durante a campanha eleitoral ele disse que introduziria um novo modo de governar, livre da ideologia de esquerda (do PT), mas introduziu a ideologia fascista de direita. Se pelo menos fosse firme como foram Hitler e Mussolini, estaria sendo um nazifascista coerente. No entanto, ele se revelou escorregadio; diz algo, em seguida diz que não disse, ou que “não é bem o que vocês entenderam” etc. Frequentemente ele toma uma decisão e volta atrás logo em seguida, fora as vezes em que o Poder Judiciário poda suas veleidades ditatoriais. Como disse o jornalista Marco Antônio Villa, “ele dá dois passos para frente e um para trás” para atingir seus objetivos. Aqueles dois monstros eram muito mais firmes em suas posições. Como mais uma mostra de que é escorregadio, o ex-capitão (sem partido) passou a negociar o apoio de políticos do chamado Centrão e a barganhar cargos federais com os chefes das legendas que o compõem. Isso se deveu a uma série de derrotas no Congresso. Para sobreviver na presidência, está distribuindo cargos aos amorfos e oportunistas políticos do Centrão, fazendo exatamente o que prometeu que não faria, a política do toma-lá dá-cá. Dá para acreditar num elemento que age assim?

A atitude de Bolsonaro frente à pandemia da covid-19 é das mais irresponsáveis que se possa imaginar, como se pode ver em outras partes deste artigo. Além do mais, ele apresenta uma grande insensibilidade perante a agonia e morte de muitas pessoas. Ele sequer se importa com o sofrimento dos que estão morrendo à míngua por falta de vaga nas UTIs, sem respiradores. Quando uma repórter lhe disse que “a gente ultrapassou o número de mortos da China por covid-19”, ele respondeu: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (*Exame*, 29/04/2020). Em outra oportunidade, diante da pergunta sobre o número de mortes por coronavírus, ele respondeu “Não sou coveiro, tá?” para saber quantos morreram (g1.globo.com 20/04/2020).

No dia 27/04/2020, o Brasil completou um total de 5.017 mortes pelo coronavírus, mais que a China, origem do vírus, com 4.637 óbitos, com a agravante de que o Brasil ainda estava em curva ascendente. Diante desse descalabro, ele disse coisas como “e daí?” e “eu não sou coveiro!”. O que é mais, a matilha de seus adoradores ridicularizou as mortes.

O infectologista da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, consultor da SBI, José David Urbaéz, disse: “o chefe do Executivo Federal [é] um fomentador do caos e do negacionismo, reduzindo a enfermidade a uma ‘gripezinha’, contrariando as recomendações baseadas em evidências científicas, desautorizando cientistas e médicos, induzindo comportamentos de exposição à virose como aglomerações em atos público” (*MSN*, 27/04/2020).

Um professor de Direito da USP disse: “a resposta que Bolsonaro deu a Moro sobre a Polícia Federal é muito chocante. Ele praticamente confessa que não consegue distinguir entre instituições

de Estado e as suas conveniências de Governo e insiste em enxergar a parcela do eleitorado que o apoia como o genuíno povo. Esse é o coração jurídico de todo governo ditatorial” (*El país*, 03/05/2020).

O ex-capitão tem um ego inflado, é dotado de um voluntarismo e um egocentrismo sem tamanho. Com efeito, é ele que sabe qual é a interpretação correta das leis, não o Poder Judiciário; é ele que determina que dados sobre a devastação na Amazônia devem ser divulgados, não o INPE; é ele que sabe que atitudes assumir no combate à pandemia do coronavírus, não a OMS, o Ministério da Saúde e os especialistas no assunto; é ele que sabe qual o melhor medicamento contra a covid-19. Tudo isso associado ao autoritarismo e o gosto pela ditadura militar. No Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, um grupo de jornalistas foi atacado com chutes, murros, empurrões e rasteiras, numa manifestação pró-ditadura. Bolsonaro participou do ato e cumprimentou os manifestantes. Alguns cartazes diziam: “Fora Congresso, STF sabotadores!” (sic!).

Cerca de um mês antes já houvera outra manifestação no mesmo sentido (contra a democracia), já reportada em Silva (2020, nota 9), de que o ex-capitão também participou. Nessa manifestação podiam-se ver os seguintes cartazes, entre outros: “Nova constituição anticomunista!”; “Criminalizar o comunismo!”; “Intervenção militar com Bolsonaro” (Globo.com:G1, 03/05/2020). Enfim, como disse o conceituado jornal inglês *Financial Times*, de Londres, “Bolsonaro prospera por meio de políticas que dividem”.

A lista de arbitrariedades não tem fim. Por isso, eu vou mencionar só mais uma de junho de 2020. O ministério da saúde do ex-capitão deixou de anunciar o número de afetados e de mortos pela covid-19 às 19 horas, como sempre vinha fazendo, “a fim de que a TV Globo não pudesse anunciá-los no *Jornal Nacional*”, uma hora e pouco depois. Ele chegou a dizer isso explicitamente, comportando-se como um adolescente que não aceita perder uma disputa e quer se vingar de alguém. Acontece que um país com mais de 200 milhões de habitantes não pode ser governado por um adolescente irresponsável e delinquente, adjetivos que lhe têm sido atribuídos por diversos comentaristas políticos.

Como justificativa para todos os seus desatinos, o ex-capitão brande o lema “Eu não sou corrupto” (FERNANDES, 2020a, 2020b). Em entrevista, ainda como deputado e pré-candidato à presidência, Marco Antonio Villa retrucou: “honestidade não é mérito, é obrigação”. O não ser corrupto não justifica todas as barbaridades que ele vem perpetrando contra o Brasil e os brasileiros. Alguém já disse que Bolsonaro age como um animal selvagem. Ele não foi adestrado nem domesticado pelas regras de convívio social.

#### 4. As falas de Bolsonaro

Por motivos que creio que ficam claros no que se vê em diversas passagens deste artigo e alhures, tenho que me ater a falas curtas, pois o ex-capitão aparentemente nunca escreveu nada – segundo o jornalista Marco Antônio Villa ele é semianalfabeto, nunca leu nem escreveu nada. Pois bem, as falas desse ex-capitão vão dos disparates mais absurdos às ofensas mais truculentas a pessoas, instituições (nacionais ou internacionais), ideias (de que ele não é bem dotado), tudo isso temperado com muitos palavrões. Para começar, vejamos o que ele disse do diretor da OMS, o etíope Tedros Adhanom Ghebreyesus: “O diretor da OMS é médico? Não é médico” (*Notícias Uol*, 23/04/2020). Ao saber dessa asserção, o senhor Tedros informou que fez graduação em Biologia, mestrado em Imunologia de Doenças Infecciosas (Universidade de Londres) e doutorado em Saúde Pública (Universidade de Nottinham), embora não precisasse descer ao nível do ex-capitão para lhe dar satisfação. É uma asserção leviana, como muitas outras que ele profere com grande prodigalidade sem o menor pudor.

## ECO-REBEL

Em várias oportunidades eu lembrei que o discurso do ex-capitão é parecido com o de Hitler e o de Mussolini. Pois bem, ele publicou nas redes sociais o seguinte: “Melhor viver um dia como leão que cem anos como cordeiro”, acrescentando que “Mais vale viver lutando com honra pela liberdade do que ficar escondido sem a coragem de ajudar a seu país” (*Correio Braziliense*, 01/06/2020), que lembra a frase “os italianos têm se alimentado demais de cordeiro até agora; é chegado o momento de eles passarem a se alimentar de miolo de leão”<sup>1</sup>. Isso lembra uma frase semelhante em italiano, porém, lembra mais diretamente ainda a fábula do lobo e do cordeiro, de La Fontaine. O ex-capitão quer agir como o lobo frente ao cordeiro, que seriam seus adversários – cerca de 75% da população –, embora ele não saiba disso, pois o que importa é o que lhe interessa. Em Globo.com, G1, 03/05/2020 vemos uma sequência de declarações autoritárias e filo-ditatoriais do ex-capitão. “Temos as Forças Armadas ao lado do povo, pela lei, pela ordem, pela democracia, pela liberdade”. Em seguida diz: “Nós queremos o melhor para o nosso país. Queremos a independência verdadeira dos três poderes, e não apenas uma letra da Constituição, não queremos isso. Chega de interferência. Não vamos admitir mais interferência. Acabou a paciência. Vamos levar esse Brasil para frente. Acredito no povo brasileiro e nós todos acreditamos no Brasil”. Tudo isso foi dito ao grupo de manifestantes antidemocracia e pró-ditadura mencionado acima pelo fato de o STF ter coibido algumas de suas arbitrariedades.

Ele fala de independência dos três poderes, mas “independência” nos seus termos, porque não aceita o fato de o STF ter impedido de ele nomear um amigo seu e de seus filhos para o cargo de diretor da Polícia Federal. Com esse amigo lá, esperava que os processos contra os alegados crimes de seus filhos fossem arquivados. Ao dizer “acabou a paciência” está sugerindo um não cumprimento de decisões judiciais. Tanto que chegou a dizer: “Peço a Deus que não tenhamos problemas nessa semana. Porque chegamos no limite, não tem mais conversa. Daqui para frente, não só exigiremos, faremos cumprir a Constituição”. Para ele, “cumprir a Constituição” é dar a ela a interpretação que lhe interessa. Mais, continuou o ex-capitão, “ela [A Constituição] será cumprida a qualquer preço. E ela tem dupla-mão. Não é de uma mão, de um lado só não. Amanhã nomeamos novo diretor da PF e o Brasil segue o seu rumo, aí”. Nota-se a veulência de impor sua vontade à força, pois é o Comandante em Chefe das Forças armadas. Isso lembra o também truculento general-presidente, da época da ditadura militar, João Baptista Figueiredo, que gostava mais do cheiro de cavalo do que do de gente. Em 1978 ele disse sobre uma possível oposição à ideia de abertura política que estava se iniciando, *malgré lui*: “É para abrir mesmo. E quem quiser que não abra, eu prendo. Arrebento. Não tenha dúvidas”. Os dois só não são iguais porque o Figueiredo tinha um pouquinho de cultura, embora fosse tão casca grossa quanto o ex-capitão.

Em vez de administrar o Brasil no que é mais premente no momento, a luta contra a covid-19, o ex-capitão fica criando problemas, desrespeitando o Congresso, o STF e a Constituição. Para ele o mais importante é o seu poder, pois é ele quem manda, e quer continuar mandando.

Em mais uma das saidinhas do Palácio da Alvorada, uma repórter perguntou:

-Repórter<sub>1</sub>: *O senhor pediu a troca, presidente?*” (de um delegado no Rio de Janeiro, a fim de evitar que seus filhos continuassem sendo investigados).

-Ex-capitão: *Isso é uma patifaria!*, berrou Bolsonaro.

-Repórter<sub>1</sub>: *O senhor pediu alguma troca no Rio?*”, perguntou novamente a repórter.

-Ex-capitão: *Cala a boca! Não te perguntei nada!*”, gritou o ex-capitão mais enraivecido ainda.

Se ele tivesse algum ceutil de civilidade, teria percebido que no caso cabia dar uma resposta, pois lhe foi feita uma pergunta, educadamente, coisa que ele desconhece. Não era ele que tinha feito uma pergunta, portanto, cabia-lhe simplesmente responder. Mas, como sempre, a matilha que se

## ECO-REBEL

posta lá para ouvir suas pataquadas aplaudiu – frequentemente ele a estuma e alguns de seus membros avança contra repórteres. Mas, diante da ausência de resposta, outro repórter perguntou:

-Repórter<sub>2</sub>: *O senhor pediu a troca, presidente?*”.

A resposta veio mais raivosa ainda:

-Ex-capitão: *Cala a boca! Cala a boca!*” (*Poder* 360, 05/05/2020).

De acordo com a Linguística Ecológica e a Análise do Discurso Ecológica, o núcleo da língua é a interação comunicativa e para que um ato de interação comunicativa seja eficaz é necessário que os interlocutores entrem em comunhão, uma espécie de predisposição para o diálogo, um clima de sintonia, de sinergia. Pois bem, os “diálogos” com o ex-capitão subvertem tudo isso. Para ele, é como uma guerra que ele tem que vencer; “conversar” é ele impor sua opinião. Em vez de ser uma atividade colaborativa, é uma disputa em que só ele tem que ganhar. O interlocutor só tem a opção de concordar com ele. Se lhe é feita uma pergunta de que não gosta, manda o interlocutor calar a boca ou, até onde sua civilidade permite, diz “acabou a entrevista”, vira as costas e vai embora, seguido de seus guarda-costas. Em vez de diálogo, com ele o que há é antidiálogo.

Vejamos mais um exemplo de antidiálogo: como reportado na *Agência Estado* de 10/06/2020, uma seguidora de Bolsonaro desiludida disse: “Nós temos hoje 38 mil mortos por causa do covid. E, assim, não são 38 mil estatísticas, são 38 mil famílias que estão morrendo nesse momento, que estão chorando, o senhor, como chefe da nação, eu votei no senhor, fiz campanha para o senhor, acho até que o senhor me conhece. E eu sinto que o senhor traiu a nossa população”. Ao que, como sempre, o ex-capitão retrucou: “Se você quiser falar, sai daqui, já foi ouvido. Cobre do seu governador. Sai daqui”.

Vê-se que quando é confrontado com uma pergunta incômoda, que sugere alguma verdade que lhe incomoda, ele simplesmente agride. Isso mostra seu despreparo para o cargo que ocupa, que exige postura e compostura, coisa de que é falto. O historiador e jornalista Marco Antonio Villa disse que o ex-capitão tem uma linguagem de marginal. Anda em sua opinião, até Fernandinho Beira-Mar (um dos maiores chefes do tráfico de drogas no Brasil, na cadeia há longo tempo) tem um comportamento e uma linguagem mais decente do que a dele. Talvez até mesmo Pablo Escobar (TV Cultura, 28/01/2021, 21h).

Como várias vezes mostrado, por mim e por outros autores, o ex-capitão não sabe dialogar, só quer impor suas ideias a ferro e fogo, pois quem manda é ele. Vale dizer, como não tem a força do argumento, usa o argumento da força, mediante agressões verbais e contumélias, protegido por seus guarda-costas muito bem armados. Sabemos que para a Linguística Ecológica, de que a ADE faz parte, a toda solicitação – como uma pergunta – a civilidade recomenda que deve corresponder um atendimento, como uma resposta adequada. Isso mostraria que os interlocutores estão em comunhão dialógica, não numa alteração ou disputa, como ele pensa que o “diálogo” é. Por ver a interação comunicativa como disputa, alteração, quem tem que vencer é ele, a qualquer custo. Com ele não há diálogo, uma vez que não atende a solicitação-pergunta do interlocutor, falando alto e ao mesmo tempo que ele.

### 5. O clã Bolsonaro e o Gabinete do Ódio

Volta e meia se lê na imprensa que há um Gabinete do Ódio no Palácio do Planalto, “nome dado ao grupo de assessores que mantém ligação com Carlos e que atua nas redes sociais de Bolsonaro” (*Estadão*, 17/05/2020), do qual saem calúnias e ofensas a pessoas e instituições que não são do agrado do clã Bolsonaro. O historiador, escritor e comentarista político Marco Antônio Villa

## ECO-REBEL

chegou a afirmar que há uma quadrilha na presidência, e o ex-capitão é o chefe dessa quadrilha (TV Cultura, 27/04/2020, 21h30min). Em outra oportunidade, ele disse que há uma organização criminosa (ORCRIM) no poder (Jornal da TV Cultura, 04/05/2020, às 21h). O jornalista usa também o termo *caterva* para designar esse pessoal casca grossa, de baixo nível. Até o filho mais novo, o 04, distribui baixarias e ofensas (*Correio Braziliense*, 01/03/2020).

O filho Carlos Bolsonaro é tido como o organizador de notícias falsas em massa contra a PF e, provavelmente, o coordenador do Gabinete do Ódio. Dizem que ele tem uma sala no Palácio, mesmo sendo vereador no Rio de Janeiro. Enviar notícias falsas contra pessoas e instituições anonimamente é subversão, terrorismo, crime. Aliás, há informações de que o próprio ex-capitão, o pai, teria preparado atos de terrorismo durante seu período na caserna. No verbete “Jair Bolsonaro” da *Wikipedia* em português, fala-se de uma operação chamada “Beco Sem Saída”, em 27 de outubro de 1987, que “teria como objetivo explodir bombas de baixa potência em banheiros da Vila Militar, da Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, e em alguns outros quartéis militares com o objetivo de protestar contra o baixo salário que os militares recebiam na época”. Ainda conforme Marco Antônio Villa, os membros do clã agem não apenas como milícias digitais. Há também milícias de ativistas, como a do grupo que fez manifestação contra a democracia apoiada pelo ex-capitão, a agressão ao Ministro do STF Alexandre de Moraes e o grupo que acampou na Esplanada dos Ministérios a fim de mostrar que apoiam o ex-capitão. Mas, para quê? Só pode ser para criar um clima de caos e ele vir como salvador da pátria, implantando uma ditadura militar e, talvez, conseguindo uma paz e uma tranquilidade de cemitério.

Há denúncias de que alguns de seus filhos estejam ligados às milícias de exterminadores do Rio de Janeiro. Por exemplo, a morte do ex-policial e miliciano Adriano da Nóbrega, “trouxo à tona suas ligações com a família do presidente Jair Bolsonaro e com a milícia do Rio de Janeiro. Ele foi morto em operação policial na cidade de Esplanada, na Bahia” (BBC News, 19/02/2020). Esse miliciano fora homenageado com a Medalha Tiradentes pelo então deputado estadual do Rio de Janeiro Flávio Bolsonaro, mesmo estando Adriano na prisão condenado em júri popular. Após sua execução na Bahia, por resistir à voz de prisão atirando contra os policiais, o próprio presidente o elogiou. Será que isso não é suficiente para ligar a família Bolsonaro às milícias do Rio de Janeiro? Enfim, não faltam fatos e atos que justificam os nomes Gabinete do Ódio e “organização criminosa” associados ao clã Bolsonaro. As respostas raivosas e truculentas às perguntas de repórteres vistas acima, feitas com o cenho franzido, dão mais força aos que falam desse “gabinete” e dessa “organização”. O deputado federal Eduardo Bolsonaro afirmou em uma entrevista que bastam um soldado e um cabo para fechar STF (*Agência Brasil*, 21/10/2018).

O ódio que emana do Gabinete do Ódio pretende atingir até a democracia. Tanto que o deputado federal Eduardo Bolsonaro afirmou uns tempos atrás que “se a esquerda radicalizar a esse ponto, a gente vai precisar ter uma resposta. E uma resposta pode ser via um novo AI-5” (G1, 31/10/2019). O AI-5 foi o ápice da ditadura militar que infernizou o Brasil por cerca de 20 anos, prendendo, torturando e matando quem discordasse do regime. Este ano (junho de 2020), “Eduardo Bolsonaro diz que ‘não é mais uma opinião de ‘se’, mas de ‘quando’ ocorrerá momento de ruptura” (G1, 28/05/2020). Isso vem reforçar as ameaças que seu pai-presidente tem feito aos poderes constituídos, querendo armar a “população” (a minoria que o apoia). As ameaças de Eduardo Bolsonaro às instituições democráticas vêm de longe. Em 2018 ele disse, como já vimos, que “bastam um soldado e um cabo para fechar o STF” ([www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br), 2018/10). Como se vê, ele vem destilando seu ódio à democracia de longa data. Para completar, todos eles são altamente preconceituosos. A começar com os homossexuais. O ex-capitão disse certa feita: “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater” (*Folha de São Paulo*, 19/05/2002). Ao então deputado *gay* Jean Wyllys ele afirmou: “O problema é seu. Eu não teria orgulho de ter um filho como você”. Esse

preconceito machista inclui as mulheres. Numa discussão com uma deputada, o ex-capitão disse que “já que está difícil ter macho por aí, eu estou me apresentando como macho e ela aloprou. Não pode ver um homossexual na frente. Ela deu azar duas vezes: uma que sou casado e outra que ela não me interessa. É muito ruim, não me interessa”, num momento em que ele distribuía panfletos contra a causa *gay* (*O Globo*, 12 de maio de 2011). Aqui entram outros preconceitos. Primeiro, ele “não entraria em um avião pilotado por um cotista nem aceitaria ser operado por um médico cotista”. Segundo, “se pegasse filho fumando maconha, o torturava” (TV247, 14 de agosto de 2015, 13:47 h)”.

Os ameríndios não poderiam ficar fora dos alvos do ódio do ex-capitão. Sobre um índio que fazia reivindicações em Brasília ele disse: “Esse é o índio que vem falar aqui de reserva indígena. Ele devia ir comer um capim ali fora para manter as suas origens” (The Intercept Brasil, TV Câmara, 9/12/14)”. Contra os adversários políticos suas atitudes violentas se manifestam com bastante vigor. Para ele, “se fuzilassem 30.000 corruptos, a começar pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, o país estaria melhor” (TV247, 14 de agosto de 2015, 13:47 h).

O ex-capitão é abertamente a favor da tortura. Em sua opinião, “o objetivo da tortura “é fazer o cara abrir a boca. Tem que ser arrebitado para abrir o bico” (*Veja* online, 20/10/2018). Defendeu o torturador Brilhante Ustra na votação do *impeachment* de Dilma Rousseff. Defendeu as execuções durante a ditadura militar, que ele idolatra, dizendo que “gastaram muito chumbo com Lamarca. Ele deveria ter sido morto a coronhadas” (*O Globo* online, 27/07/1996). Em outra ocasião, disse: “vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre, hein? Vamos botar esses picaretas para correr do Acre. Já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem de ir pra lá. Só que lá não tem nem mortadela, hein, galera. Vão ter de comer é capim mesmo”, disse enquanto fazia seu conhecido gesto de quem está atirando (*Exame*, 03/09/2018).

Em Silva (2020) foram apresentados vários adjetivos aplicados ao ex-capitão. Eis mais alguns: desatinado, desvairado, descontrolado, desequilibrado, tresloucado, alucinado, neurótico, lunático, delinquente, terrorista, nazifascista, homofóbico, machista, atormentado. Grande parte deles começa pelo prefixo negativo *des-*. A língua não tem qualificativos adequados o suficiente para lhe atribuímos. Já no seu período de caserna um superior disse dele que tinha “falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos” (*Wikipedia*). Na verdade, é muito difícil encontrar uma boa qualidade no ex-capitão. Eu pelo menos ainda não encontrei nenhuma. O MSN de 25/05/2020 acrescentou que ele é um “líder vingativo”, com “atuação irresponsável e perigosa”, além de ser “negacionista” da gravidade do coronavírus.

Gostaria de terminar esta seção do artigo com uma fala do Presidente Nacional da OAB, Felipe Santa Cruz. De acordo com ele, “a população não pode mais cair em provocações que opõem dois valores e colocam o brasileiro para brigar. Raciocínios pobres, argumentos rasos, metáforas incabíveis. CNPJ na UTI? Já são mais de 8 mil CPFs perdidos, sem chance de recuperação! Não validemos este debate lunático” (*Estado de Minas*, 07/05/2020). Por causa da ideologia bolsonarista, alguns brasileiros brigam entre si, inclusive parentes próximos. O ex-capitão está mais preocupado com a falência de empresas (CNPJ) do que com a morte de pessoas (CPF).

### 6. Ideologia

Não há como não voltar à questão da ideologia, no pior sentido da palavra. Além das ideologias fundamentalistas políticas e religiosas, existem algumas de caráter idiossincrático. Uma das mais conhecidas é o criacionismo, que segue a interpretação bíblica da criação descrita no *Gênesis* e nega a teoria científica da evolução formulada por Charles Darwin. Há muitas versões dessa ideologia (não dá para chamá-la de ‘teoria’), em várias épocas da história e em vários lugares do mundo, mas, a mais conhecida no Ocidente é essa baseada no *Gênesis*. Uma segunda ideologia

## ECO-REBEL

idiossincrática é o terraplanismo. Tem havido demonstrações de que a terra é redonda desde os gregos e o fato foi definitivamente comprovado pela ciência desde pelo menos o final da Idade Média. No entanto, os seguidores dessa ideologia afirmam que a terra é plana. Simplesmente porque acham e querem que assim seja e ponto final. Não há argumento racional que os convença. Não sei se os terraplanistas defendem também o geocentrismo, a ideia de que a terra é o centro do universo e que os demais corpos celestes, como o sol e a lua, giram em torno dela. Essa ideia faria mais sentido, se se pode falar assim, do que a terraplanista porque podemos “mostrar” para quem quiser que o sol “se levanta” no leste, percorre toda a abóbada celeste acima de nossas cabeças e “se põe” no oeste. No dia seguinte é a mesma coisa e assim sucessivamente. Portanto, é “empiricamente” demonstrado que o “sol gira em torno da terra”, pelo menos para aqueles que não veem um milímetro além da ponta do próprio nariz. Mas, pelo menos haveria algum “argumento”, o que não existe para o terraplanismo.

Há outras crenças (ideologias) do mesmo jaez, mas eu gostaria de falar apenas de mais duas. Uma delas é o negacionismo. De acordo com o *Dictionnaire Larousse Online*, trata-se de uma “doctrine niant la réalité du génocide des juifs par les nazis, notamment l’existence des chambres à gaz” (doutrina que nega a realidade do genocídio dos judeus pelos nazistas, sobretudo a existência das câmaras de gás). Os negacionistas acham que muitos fatos demonstrados cientificamente são “fraudes”, verdadeiro é o que eles acham que é. As imagens de cadáveres ao lado de pacientes em hospitais superlotados são consideradas *fake news*. O número de infectados e de mortos pela covid-19 são forjados para defender o interesse das funerárias e até promover um *lockdown*, a fim de levar as empresas brasileiras à falência e a China comprar todas a preço de banana.

Essa última asserção leva à quarta ideologia, chamada de “teoria da conspiração”, o conspiracionismo, que vou continuar chamando de ideologia da conspiração para não conspurcar a palavra ‘teoria’, embora Eco (2010) use a expressão italiana “*teoria del complotto*”. Um ex-presidente do Irã afirmou que o coronavírus (SARS-CoV-2) foi criado em laboratório com financiamento de Bill Gates a fim de obter muitos lucros em seus negócios. Quando ainda era presidente, ele afirmou que o holocausto dos judeus pelos nazistas não tinha existido, ou seja, além de conspiracionista ele é também negacionista.

A essas quatro ideologias aberrantes, poderíamos acrescentar a “ideologia bolsonarista”. Em seu primitivismo, ela inclui todas as anteriores. Se as filosofias construcionistas dizem, com base em argumentos filosoficamente aceitáveis, que a linguagem cria o mundo, as ideologias recém-elencadas dizem que o mundo, os fatos, a verdade é o que interessa a mim e ao meu grupo, é o que nós queremos que aí esteja e que seja como queremos que seja. O que os outros veem é mentira, é conspiração para defender interesses espúrios e incógnitos. Até parece que os defensores dessas ideologias estão a fim de fazer deboche com a situação, fazer gozação de nossa cara, zoar conosco; só pode ser isso. É difícil acreditar que sejam sinceros no fundo de suas consciências. Por tudo isso, vê-se que o ex-capitão pratica um governo idiocrata<sup>2</sup>.

Sabemos que ideologia cega e ensurdece as pessoas. Não interessa o que elas veem nem o que ouvem. Elas estão afetadas pelo Problema de Orwell, como formulado por Noam Chomsky: as evidências abundam, ninguém em sã consciência discorda, mas os seguidores dessas ideologias juram de pés juntos que não é verdade. Tudo é culpa da imprensa, que só quer falar mal de sua ideologia, distorcendo os fatos. Toda a imprensa brasileira e estrangeira está mentindo, inclusive a conceituada revista inglesa de medicina *The lancet*<sup>3</sup>. Por isso, temos que lutar não apenas com a pandemia do coronavírus, mas também com uma infodemia, ou até uma desinfodemia, um surto epidêmico de notícias falsas, na maioria das vezes inventadas pelos seguidores dessas ideologias. Durante a campanha e ao assumir a presidência o ex-capitão alegou que implantaria um governo livre de “ideologias” como a esquerdista, mas introduziu uma ideologia de direita pior do que a

## ECO-REBEL

esquerdista, pois, no fundo, no fundo, tem veleidades de implantar uma ditadura militar, de triste memória, com ele no comando, é claro, aliás, como dizia um dos cartazes na manifestação pró-ditadura de que ele participou e à qual incentivou.

Voltando ao busílis da questão, “no dia em que o Brasil atingiu a marca de dez mil mortes causadas pela covid-19 – considerando apenas os óbitos confirmados – apoiadores do presidente Jair Bolsonaro fizeram uma *performance* dançando em torno de um caixão em Brasília”. Eles chegaram a fazer encenações ridicularizando os enterros, num total desrespeito ao sofrimento dos mortos e de seus familiares (*Estado de Minas*, 09/05/2020). Vale dizer, para esses adoradores de são bolsonaro, tudo aquilo que a imprensa mostra é *fake news*. Só eles sabem o que está acontecendo, embora não apresentem provas.

Ao receber o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Turim, Umberto Eco disse, numa conferência sobre “a teoria da conspiração”, que com as redes sociais os imbecis têm o mesmo poder de se expressar que um detentor de Prêmio Nobel. Minha primeira reação a essa ideia foi de que se trataria de uma manifestação preconceituosa do grande intelectual. Mas, diante de tanta imbecilidade dita pelos seguidores das ideologias recém-mencionadas, já estou ficando propenso a concordar com Eco. Cada um pode dizer a besteira que quiser, com ou sem fundamento<sup>4</sup>. Pode até agir com violência contra os que não concordam com suas insanidades. É o que fazem as milícias bolsonaristas.

No que segue, veremos mais argumentos sobre a surdez e a cegueira ideológica. Na verdade, a ideologia do ex-capitão é muito parecida com a de Adolf Hitler, a de Benito Mussolini e outros da mesma laia, como já assinalado várias vezes. Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Hitler disse que “uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”. Em outras situações se diz que não há fatos, mas versões. Pois bem, o comportamento e as ideias do ex-capitão *et caterva* sobre o letal coronavírus mostram que ele segue esses princípios. Ele ignora tudo que a Virologia, a Infectologia, a ciência em geral dizem sobre o vírus. O que importa é o que ele acha sobre o fenômeno. Afinal ele é macho e é ele quem manda.

Neste contexto seria interessante evocar a interação organismo-mundo da Ecologia, que equivale à relação indivíduo-mundo usando a palavra, enfim, a relação entre a palavra e a coisa, entre o signo e o referente. Os petistas dizem que a cassação de Dilma Rousseff foi golpe. Os que a cassaram, dizem que aplicaram a constituição na destituição da presidente<sup>5</sup> que cometeu o crime de responsabilidade. O presidente da sessão, Ricardo Lewandowski, do STF, violou a constituição ao não aplicar a exigência constitucional de que quem é cassado perde os direitos políticos. Ele excluiu este último item. Assim, quem cometeu ilegalidade, quem deu golpe (na constituição) foi ele. Enfim, aqui como alhures “verdade” é o que minha ideologia defende; o que os outros dizem é mentira.

O ex-capitão alega que luta contra a corrupção, mas troca o ministro e o delegado que não permitiriam a ele interferir nas atividades da PF para livrar a cara de seus filhos acusados de corrupção e outros crimes. Sabemos que ele abomina governos como o de Nicolás Maduro, da Venezuela, mas está fazendo exatamente o mesmo que ele faz – para vergonha de Bolsonaro, se é que a tem – a Venezuela forneceu caminhões de oxigênio para salvar pessoas em Manaus, diante do descaso de seu governo. Além de tudo, ambos defendem o uso da cloroquina no tratamento da covid-19, sem nenhum embasamento científico, simplesmente porque é assim que querem que seja. Nada mais parecido com uma ideologia de extrema esquerda do que uma ideologia de extrema direita. Contrapondo a tudo que acaba de ser dito, gostaria de terminar esta seção do artigo citando algo positivo. Ao promulgar a Constituição de 1988, o Dr. Ulysses Guimarães disse, levantando-a e mostrando-a ao público: “Tenho ódio de ditadura; ódio e nojo”.

### 7. Discussão

As ações e as falas do ex-capitão são antípodas da ideologia da vida defendida pela Análise do Discurso Ecosistêmica. Essa ideologia está apresentada de forma sinóptica na seção 2 acima. Ele alega que defende o emprego das pessoas, pois, como disse um popular na rua, “é melhor morrer com a barriga cheia do que morrer de barriga vazia”, e ele estava querendo dizer morrer devido à covid-19. Não obstante a justeza dessa asserção, o fato pode ser visto também da perspectiva de que sobreviver com fome por algum tempo talvez seja menos mal do que morrer logo por ter desobedecido a recomendação de não se aglomerar e não se expor ao perigo de contaminação. Defunto não precisa de emprego nem de comida.

O ex-capitão ofende o STF, a Câmara dos Deputados, o Senado Federal, a maioria dos governadores, a imprensa e diversos outros setores em vários pronunciamentos. Humilha seus auxiliares, não cumpre o que lhes prometeu ao convidá-los para fazer parte de seu governo. Por isso, após a demissão do Ministro da Justiça (Sérgio Moro) que queria combater a corrupção e o crime organizado, perdeu o apoio de muitos segmentos da sociedade (empresários, parlamento, STF e até entre suas próprias hostes). Assim sendo, não deu outra: ele começou a fazer justamente a velha política, aliando-se ao oportunista Centrão, a despeito de seu atual ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno, ter dito certa feita que “se gritar pega Centrão, não fica um meu irmão” (TV Globo, Jornal Hoje, 07/05/2020, 14:20). Essa negação dos princípios apresentados antes de chegar ao poder, se dá diante da iminência de um processo de *impeachment* contra o presidente. Nesse momento, o ex-capitão esquece tudo que prometeu e faz a “velha política”. Como disse o filósofo Luiz Felipe Pondé: “Só quem tem dificuldade para pensar não percebe que Bolsonaro está fazendo a velha política do toma lá dá cá” (TV Cultura, 05/06/2020, 21:20). Conclusão: o ex-capitão não cumpre a palavra empenhada, não tem palavra<sup>6</sup>. Ao ex-juiz Sergio Moro, por exemplo, ele prometera carta branca para ser seu Ministro da Justiça, fazendo-o abandonar uma carreira de mais de 20 anos como juiz. Quando Moro não concordou com ações que levariam a não investigar alegados crimes de seus filhos, forçou-o a se demitir e agora considera-o inimigo. Seus auxiliares têm que dizer amém a todas as suas arbitrariedades, como faz o sevandija general Eduardo Pazuello, ministro da Saúde.

Voltemos à questão da semelhança do discurso do ex-capitão com o de Hitler, mais no conteúdo do que na forma. Marina Basso Lacerda fala das semelhanças gerais entre o bolsonarismo e o fascismo com base em uma análise do fascismo feita por Theodor Adorno, apoiado na teoria de Freud. De acordo com ela, o bolsonarismo só não coincide com o fascismo em duas características deste que seriam “positivas”: o intervencionismo estatal na economia e o projeto nacionalista, de construir uma grande nação (LACERDA, 2021). O objetivo de Bolsonaro, ao contrário, é apenas implantar uma ditadura militar, com ele no comando e todos os cargos importantes do governo nas mãos de militares o que, na verdade, já existe.

No que tange à forma, as limitações intelectuais do ex-capitão não permitem que ele profira um discurso com a coesão e a coerência dos desse monstro. Hitler escrevia e corrigia seus textos, talvez auxiliado por algum ajudante. O livro *Mein Kampf* (minha luta) está escrito em um alemão escoreito. Quando ao ex-capitão, parece que nunca digitou nada, a não ser no celular, e nunca leu nada de literatura, história ou filosofia. Os textos-discursos de Hitler são bem elaborados, respeitam a coerência e a coesão internas. Os do ex-capitão são cheios de palavrões, de marcadores de discurso como “pô”, “tá?”, “OK?”, “isso daí”, “e daí?”, “né?” e quejandos. Como os discursos de Hitler, e de Mussolini, os do ex-capitão apresentam muita repetição, a fim de ficar martelando uma mentira como se fosse verdade até que as massas a assimilem. Igual àquelas músicas que, de tanto as ouvi-las, começamos a cantarolá-las. Em parte, o recurso da repetição se deve à pobreza de repertório linguístico. Como disse Marco Antônio Villa, “Bolsonaro deve conhecer um máximo

## ECO-REBEL

de 500 palavras”. É claro que isso é um exagero, mas como metáfora é válido. Como dizem os comentaristas dos discursos de Hitler, o objetivo é a manipulação do povo e quanto mais simples for o discurso mais tocará as pessoas simples. Nada de informação nova, apenas lugares comuns, o que agrada a malta de seguidores.

Uma outra semelhança entre os discursos do ex-capitão e os de Hitler pode ser vista nos aspectos paralinguísticos. Mesmo quem não sabe nada de alemão percebe nos discursos do *Führer* um tom de voz raivoso, com jatos sonoros intensos que revelam agressividade, acompanhado de muitos esgares. Pois bem, os discursos do ex-capitão contêm tudo isso, assemelhando-se aos de Hitler também nas inflexões da voz, no tom alto, ríspido e impositivo, aos gritos. Ambos usam frases curtas, repetidas várias vezes, típicas do autoritarismo. No caso do ex-capitão, as frases curtas em geral são coroadas por um “tá certo?”, “OK?” e, quando ele está muito furioso, “e ponto final”, ou seja, é o que eu disse e o que eu quero e acabou, não há contra-argumento.

Na paralinguagem de ambos entram também expressões do corpo. A gesticulação é nervosa, impositiva, com dedo em riste ou, então, apontando para o interlocutor. O rosto fica contraído, o cenho franzido e crispado espasmodicamente, com muitos esgares. Se algum repórter faz uma pergunta incômoda, o ex-capitão simplesmente diz “entrevista encerrada”, vira as costas e se manda com aplausos da própria claque e vaias aos repórteres.

Ele é incapaz de apresentar uma sequência de frases coerentes sem a intromissão de um desses marcadores. Suas frases são curtas na forma e impositivas no conteúdo. Curtas porque ele é incapaz de um pensamento mais elaborado. Tanto que quando está irritado – e frequentemente ele está irritado – termina-as não apenas com um desses marcadores, mas também com expressões como “não tem mais conversa”, “acabou!”, “chega!”, “chegamos no limite!”. Isso aconteceu, por exemplo, quando o STF podou uma de suas irresponsabilidades.

Suas frases são impositivas no conteúdo porque ele não dialoga. Não ouve o outro, só quer impor o que acha, o que é de seu “interesse, do de sua família e de seus amigos”, para usar suas próprias palavras. Enfim, o ex-capitão não dialoga, apenas comunica o que quer que os outros ouçam, a fim de obedecerem, se for o caso. Tanto que não responde a perguntas incômodas dos repórteres que se postam junto com sua claque na saída do Palácio da Alvorada e, se/quando reponde, fá-lo com aspereza, em tom agressivo, apenas para ofender o repórter, não propriamente para responder à pergunta. Ao contrário, após despejar seus despautérios, vira as costas e vai embora com seus seguranças e bajuladores.

Quando mandou dois repórteres calar a boca, fê-lo aos berros, inteiramente descontrolado. Ele é tão limitado intelectualmente que não percebe que num regime como o que defende (ditadura militar) ele não poderia estar dizendo os impropérios e ofensas à democracia que faz a todo momento, a não ser que fosse ele o próprio ditador ou um de seus asseclas.

Já vimos que o discurso e as ações de Bolsonaro vão na contramão dos princípios apregoados pela ADE. Silva (2020) mostrou que de fato há conceitos polares, portanto, amor e ódio, por exemplo, são as duas pontas de um mesmo diâmetro de circunferência. Assim, para se enfrentarem questões de conflito, que estão no lado do ódio, por exemplo, poder-se-ia partir tanto de um dos lados quanto do outro. Os seguidores da religião bolsonarista partem do lado do ódio e, frequentemente, ficam nele. A ADE, ao contrário, recomenda (prescreve) que se enfatize o polo amor, partindo de uma visão holística, e se vá na direção do ódio a fim de arrefecê-lo, estabelecer a harmonia, a comunhão. Afinal, como se pode ver no *Tao te ching*, o amor só existe porque existe o ódio, mas ele recomenda enfatizar o lado amor. Até na guerra se deveria tentar vencer sem matar ninguém, como se vê em a *Arte da guerra*, de Sun Tzu (544 a.C.–496 a.C.).

### 8. Observações finais

Na *Wikipedia* em português, pode-se ler que, “segundo biografia feita por seu filho Flávio, Bolsonaro ‘foi candidato a vereador porque calhou de ser a única opção que possuía no momento para evitar que fosse vítima de perseguição por parte de alguns superiores’” – por que será que alguns superiores queriam “persegui-lo” (será que ele estava rezando?)? Em seguida foi eleito deputado federal por vários mandatos, sem ter aprovado nenhum projeto relevante. Geralmente, ele só aparecia na imprensa devido a escândalos, afirmações preconceituosas, atitudes raivosas, apoio a torturadores da ditadura militar e algo do gênero. Durante todo esse tempo mudou de partido várias vezes, como se muda de camisa.

Já na caserna ele se sobressaía devido a fatos negativos. Seus superiores o avaliaram como dono de uma "excessiva ambição em realizar-se financeira e economicamente". Um deles chegou a dizer que ele "tinha permanentemente a intenção de liderar os oficiais subalternos, no que foi sempre repellido, tanto em razão do tratamento agressivo dispensado a seus camaradas, como pela falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos". O que é pior, vimos que ele chegou a planejar a explosão de bombas de baixa potência em quartéis para chamar a atenção sobre o baixo soldo dos militares. Vale dizer, já naquela época seus superiores anteciparam muita coisa do que está dito no presente artigo sobre o ex-capitão. Mas, o mais estarrecedor é que ele planejou atos terroristas e um grupo de seus seguidores simulou bombardeio do STF (com rojões), coisa que ele acha que é apanágio das esquerdas. Tudo isso está na sua biografia publicada na *Wikipedia*.

O ex-capitão nasceu com a bunda virada para a lua. Primeiro, tem se exposto no meio de multidões sem nenhuma proteção, sequer usando máscara, mas até o momento (junho/2020) não foi afetado, embora muitos membros de seu governo tenham sido<sup>7</sup>. Segundo, ele pode cometer os maiores desatinos, desrespeitar a lei e ameaçar as instituições democráticas sem ser punido, frequentemente devido a uma conjunção de fatores negativos, como os que permitiram que ele chegasse à presidência da república, ou seja, a fachada, a corrupção dos governos do PT e não ter ido aos debates dos candidatos na televisão. Como ele acha que porta o lábaro de não corrupto, pode cometer os maiores desatinos, como está discutido por Fernandes (2020a, 2020b). Mesmo diante das diversas delinquências e dos diversos crimes perpetrados por ele, para retomar as palavras de Marco Antonio Villa, não seria exagero pôr em sua boca a expressão: “Cassem-me, se forem capazes!”

### Notas

1. “Gli italiani si son troppo nutriti finora di carne di **agnello**: è giunto il momento ch'essi imparino a nutrirsi di midollo di **leone**”, indevidamente atribuída a Benito Mussolini. Eco (2010) comenta isso no contexto da “teoria da conspiração” (*teoria del complotto*). Na verdade, a frase de Bolsonaro lembra a famosa “Fábula do Lobo e do Cordeiro”, de Jean de la Fontaine (1621-1695), de que ele certamente nunca ouviu falar.
2. Sobre a idiocracia, é importante não confundi-la com “governo de idiotas”. Trata-se de governo de idiotas. Ver texto de Paulo Esteves e Monica Herz, “Bolsonarismo não sabe, ou prefere ignorar sinais de colapso”, *Estadão* online, 12/05/2020.
3. O Editorial da conceituada revista científica inglesa *The lancet*, de 09 de maio de 2020, confirma tudo que digo no presente artigo (cf. COUTO, 2020b).
4. “I social media danno diritto di parola a legioni di imbecilli che prima parlavano solo al bar dopo un bicchiere di vino, senza danneggiare la collettività. Venivano subito messi a tacere, mentre ora hanno lo stesso diritto di parola di un Premio Nobel. È l’invasione degli imbecilli”. Isso foi

dito durante a cerimônia em que Eco recebeu o título de doutor *honoris causa* em “Comunicação e cultura da mídia”, na Universidade de Turim, em 10/06/2015 (*La Stampa*, 11/06/2015).

5. ‘Presidente’ é substantivo de dois gêneros (o presidente, a presidente), mas os adoradores de são lula quiseram modificar até mesmo a língua, como Mussolini, que vetou o uso de *lei* (o senhor, a senhora), por considerá-lo de influência estrangeira (como o *Sie* alemão) e um tanto efeminado (eis aí o machismo compartilhado com o ex-capitão!) e impondo o *voi* (vós). O ditador turco Atatürk proibiu o uso da escrita árabe em prol da latina. A ex-presidente esquerdoide da Argentina, Cristina Kirchner, se dizia “la presidenta”. Se querem fazer a distinção masculino/feminino, por que não dizem “o poeta” e “a poetisa”, em vez de “o poeta” e “a poeta”, como dizem? Alguns direitistas chamam os da esquerda de “esquerdopatas”, mas, assim eles poderiam ser chamados de “direitopatas”. Os fundamentalismos de qualquer jaez de equivalem.

6. O coronel do cerrado Joaquim Roriz, favelizador-mor de Brasília, certa feita prometeu algo em um de seus inúmeros comícios. Alguém do público disse que ele havia prometido a mesma coisa na campanha anterior, mas não cumpriu, ao que ele retrucou: “Eu prometo de novo!” Detalhe: ele foi governador de Brasília quatro vezes; a primeira como biônico (durante a ditadura militar), mas, a partir da segunda, com o curral eleitoral que conseguiu formar distribuindo terras públicas para as pessoas, se tornou imbatível. Só parou de se candidatar e ser eleito quando morreu em 2018.

7. Alguns meses mais tarde (meados de julho/2020), ele acabou contraindo o vírus, embora tenha tido a sorte de não precisar de ir para uma UTI e ser entubado. Só teve sintomas leves, na sua crença, por ser “macho”. Vaso ruim não quebra!

### Referências

ALEXANDER, Richard; STIBBE, Arran. 2014. From the analysis of ecological discourse to the ecological analysis of discourse. *Language sciences* v. 41, p. 104-110.

COUTO, Elza K. N. N. Revisitando a análise do discurso ecológica. *Via litterae* v. 7, n. 1, 2015, p. 117-129. Disponível em:

<https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/4455> (acesso: 20/04/2020).

COUTO, Hildo Honório do. Análise do discurso ecológica (ADE), 2013. Disponível em:

<https://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html>

(onde a teoria foi proposta pela primeira vez).

\_\_\_\_\_. Linguística ecossistêmica crítica ou análise do discurso ecológica (ADE), 2014a. Disponível em:

<https://aarvinha.blogspot.com/2014/07/linguistica-ecossistemica-critica-ou.html>

\_\_\_\_\_. Análise ecossistêmica crítica ou análise do discurso ecológica (ADE). In: COUTO, Elza; DUNCK-CINTRA, Ema; BORGES, Lorena (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014b, p. 27-42.

\_\_\_\_\_. Discursística, 2020a. Disponível em:

<https://ilinguagem.blogspot.com/2020/03/discursistica.html> (acesso: 26/04/2020).

\_\_\_\_\_. Covid-19 no Brasil, o presidente Bolsonaro e a revista de medicina britânica *The lancet*. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6, n. 3, 2020b. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/34509/27690>

COUTO, Hildo; COUTO, Elza; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

COUTO, Hildo; COUTO, Elza. Por uma análise do discurso ecológica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015, p. 82-104. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9968/8801>

## ECO-REBEL

\_\_\_\_\_. Por uma análise do discurso ecológica (ADE). In: COUTO, Hildo; COUTO, Elza; ARAÚJO, Gilberto; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem*: Ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora da UFG, 2016, p. 437-472 (reprodução de COUTO; COUTO, 2015).

ECO, Umberto. La retorica del lupo davanti all'agnello. *La Repubblica* 04/01/2010. Disponível em: <https://www.larepubblica.it>

FERNANDES, Ubirajara Moreira. “Mas ele não é corrupto”. *Boletim do GEPLÉ* n. 3, 2020a. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/numero3.pdf>

\_\_\_\_\_. “But he is not corrupt”: Not being corrupt justifies any delinquency and crime. *ECO-REBEL* v. 6, n. 4, 2020b, p. 73-77. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/35675/28326>

FINKE, Peter. Identity and manifoldness: New perspectives in science, language and politics. In: FILL, Alwin; Mühlhäusler, Peter (eds.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum, 2001, p. 84-90.

LACERDA, Marina Basso. De Hitler a Bolsonaro, porque o líder fascista hipnotiza seus seguidores: porque o líder fascista fascina seus seguidores. *Viomundo*, 23/01/2021. Disponível em:

<https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/marina-lacerda-de-hitler-a-bolsonaro-por-que-o-lider-fascista-hipnotiza-seus-seguidores.html>

SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecológica. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, p. 90-106, 2020. Disponível em:

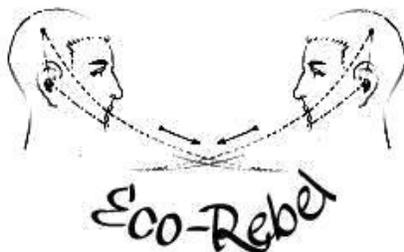
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>

TRAMPE, Wilhelm. Sobre o papel da linguagem nos sistemas ecológicos antropogênicos. *ECO-REBEL* v. 2, n. 1, 2016, p. 39-56. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9897/8741>

Aceito em 30 de dezembro de 2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.



## **ADE, VIDA NA FACE DA TERRA E CORONAVÍRUS**

Márcio M. G. Silva (*Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista*)

Ubirajara Moreira Fernandes (*Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista*)

*Há males que vêm para o bem*  
(dito popular)

**Abstract:** In this article we intend to discuss the impact of corona vírus on life on earth by using the theoretical basis of Ecosystemic Discourse Analysis (EDA). We will see that the impact of the vírus has been highly harmful to the life of humans, not only biologically but also sociologically. The presence of the vírus forced humans to stay at home, stopping most activities, what caused several losses and damages such as unemployment as well as famine. However, it forced us to stay at home most of the time together with close relatives (children, husband, wife etc.). If forced us to get in touch (in communion) at a distance. In non-human nature the virus' impact has been mostly positive, giving way to a reduction of pollution of earth, waters, and air. That is to say, the vírus caused a tremendous upheaval in human life.

**Key-words:** Corona vírus; Ecosystemic Discourse Analysis; psycosocial impact; psychophysical impact.

**Resumo:** Neste artigo discutimos o impacto do coronavírus na vida na face da terra, usando como base teórica a Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE). Veremos que o impacto do vírus foi altamente nocivo à vida dos humanos, tanto biológica quanto sociologicamente. A presença dele obrigou os humanos a ficarem em casa, paralisando a maior parte das atividades, o que causou inúmeros prejuízos financeiros, desempregos e até fome. Mas, obrigou-os também a ficarem mais em casa com os parentes próximos. Levou-os a entrarem em comunhão à distância. Na natureza não humana, o impacto foi altamente positivo, aliviando a poluição da terra, das águas e do ar. Enfim, o coronavírus provocou uma reviravolta completa na vida dos humanos.

**Palavras-chave:** Coronavírus; Análise do Discurso Ecosistêmica; impacto psicossocial; impacto psicofísico.

### 1. Introdução

O dito popular da epígrafe já enuncia algo do que pretendemos fazer neste artigo. Nosso objetivo é mostrar que a Análise do Discurso Ecológica (ADE) é um arcabouço teórico bastante apropriado para se discutir o que a pandemia do coronavírus (SARS-CoV-2, covid-19) provocou nos humanos, no mundo e em sua relação com ele. Como se pode ver em todas as publicações sobre a disciplina, a exemplo de Silva (2020 e *este número*), o busílis na análise de qualquer texto-discurso é a vida, com tudo que ela implica. Pois bem, com o arcabouço teórico-metodológico da ADE pretendemos mostrar o fato de que, a despeito de o vírus ter feito (e ainda está fazendo) um grande estrago na sociedade, da perspectiva da vida na face da terra em geral há um lado positivo, uma vez que ele nos fez rever várias atitudes. No meio ambiente físico-natural houve vários reflexos positivos. Por exemplo a terra, o ar e as águas estão com menos poluição. Talvez os reflexos positivos tenham sido menores no meio ambiente mental.

Usando uma terminologia proposta por Alwin Fill, veremos que o coronavírus teve um impacto bastante significativo em nossa relação com o entorno. Esse entorno compreende o meio ambiente social e o natural com, é claro, consequências no meio ambiente mental. No presente contexto, é melhor falar em ‘meio ambiente físico-natural’, pois além do ‘meio ambiente natural’ propriamente dito, existe também o ‘meio ambiente construído’.

Aqui não vamos falar do “problema Bolsonaro”. Basta! O primeiro autor já está cansado de comentar e criticar os desatinos do desvairado presidente. Que a Polícia e o Código Penal cuidem dele. A ADE procura abordar questões de conflito e/ou desagradáveis à la Gandhi (PRIVAT, 1958) e seguindo os princípios da Ecologia Profunda e do Taoísmo. Em todas essas fontes se tenta resolver os conflitos sem autoritarismos, sem violência, encarando a questão holisticamente. Afinal, ninguém é inteiramente bom nem inteiramente mau. Hitler, por exemplo, deve ter tido momentos de ternura com crianças e com a esposa. Muita gente tida como boa por aí pode ter tido momentos de raiva, em que fez coisas de que depois se arrependeu. Por exemplo, João de Deus, de Abadiânia (GO), pretensamente curou muita gente de várias partes do globo, no entanto, era um abusador de mulheres fragilizadas e indefesas em sua sala particular na Casa Dom Inácio. Como disse Jesus, “Quem nunca pecou atire a primeira pedra”. Porém, há casos de pessoas de comportamento imaculado como Jesus, São Francisco de Assis, Mahatma Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, Chico Xavier e Irmã Dulce (agora Santa Dulce dos Pobres), entre outros: não se conhece nenhum ato em desdouro deles, que deslustre sua vida de luta pelo bem das pessoas. Se algum deles fugiu dessa conduta em algum momento foi devido a uma espécie de fúria santa, como no caso da expulsão dos vendilhões do templo por Jesus.

### 2. A irrupção e disseminação do coronavírus

Há a suposição de que a covid-19 teria surgido por volta de dezembro de 2019, de animais vivos vendidos em um mercado da cidade de Wuhan (China). Porém, não se sabe ao certo quem foi a primeira pessoa infectada. Quanto ao Brasil, o que se sabe é que no dia 25 de fevereiro de 2020 um empresário de 61 anos que retornava do norte da Itália foi o primeiro diagnosticado (no Hospital Israelita Albert Einstein, São Paulo), mas é provável que já houvesse outras pessoas infectadas antes disso, tanto na China quanto no Brasil e em outras partes do mundo. Em meados

## ECO-REBEL

de março de 2020 registraram-se os primeiros casos de transmissão comunitária no Rio de Janeiro e em São Paulo. Com a finalidade de aquilatar a gravidade do impacto do vírus e situar melhor o contexto da discussão, vejamos a evolução dos casos de infectados e de mortos ao longo do ano de 2020 e início de 2021, tomando apenas alguns meses de pico e parando no começo de janeiro de 2021. Como a Ministério da Saúde do Presidente Bolsonaro começou a maquiar (em junho de 2020) os dados, omitindo alguns deles para dar a ideia de que o vírus não é tão letal como a imprensa “inimiga” dizia, um consórcio de órgãos da imprensa se formou para publicar todos os dados fornecidos pelas secretarias de saúde estaduais, como se vê no quadro a seguir. Nota-se que a cada mês o número de infectados aumenta de um milhão e do de mortos de 15 mil a 57 mil. Nota-se também que em setembro o número de mortos chegou ao nível mais baixo, mas a partir de novembro começou a subir de novo, tendo chegado a um pico em janeiro, devido às aglomerações das festas de fim de ano. Só em Manaus (AM), já havia 219.544 infectados e 5.879 mortos (em 12/01/2021) e o sistema hospitalar já estava entrando em colapso.

Data	16/03	01/06	27/07	29/08	16/09	06/11/	07/01/2021
Infectados	234	526.447	2.423.798	3.819.077	4.421.686	5.617.844	7.930.943
Óbitos	----	29.937	87.131	120.025	134.174	161.871	200.163

Número de infectados e mortos ao longo do ano de 2020 e início d 2021

Fonte: Consórcio formado por *Estadão, G1, O Globo, Extra, Folha e UOL*

O linguista responsável pela decolagem da Ecolinguística como disciplina acadêmica, Alwin Fill, publicou um livro sobre a importância da língua para a espécie humana (FILL, 2010), cujo título é *The language impact (O impacto da língua)*. Já nas primeiras páginas, o autor usa a expressão “Impact Linguistics” (linguística do impacto) para designar o estudo linguístico da questão. De acordo com ele, “a fala na verdade não se chocou contra nosso planeta como um meteorito. Ela se desenvolveu por um processo evolucionário em uma das milhões de espécies durante um período de mais de alguns milhões de anos. Porém, seu impacto pode ser comparado com o de um meteorito” (p. 7) diante do salto qualitativo que a linguagem significou na evolução que levou ao *homo sapiens*. Para o bem ou para o mal, talvez mais para o mal do que para o bem, o domínio da linguagem permitiu aos humanos se considerarem os “reis da criação”, com poderes para dominar todos os demais e a natureza inorgânica.

Em Fill (2020) o autor fala de um outro impacto, o da pandemia do coronavírus na criação de novas palavras, dando lugar a uma espécie de novilíngua (*newspeak*), lembrando o livro *1984* de George Orwell, que Fill chama também de coronalinguagem. Nós vamos levar um pouco adiante a metáfora de Alwin Fill e falar do impacto do vírus na sociedade e no mundo em geral. Veremos que na sociedade houve, e está havendo, impactos negativos e positivos. No meio ambiente físico – no natural propriamente dito e no construído – aparentemente só houve impactos positivos. Isso porque ele nos obrigou a recuar um pouco em nossa exploração abusiva do meio ambiente físico, o que mostra que o maior inimigo da natureza viva são os humanos.

### 3. Impactos do coronavírus

Desde março de 2020, cerca de 90% dos noticiários de televisão são dedicados a comentar o impacto do vírus na sociedade e no mundo em geral. Isso já dá uma ideia da intensidade desse impacto, não só na sociedade, mas também na natureza. Como os humanos não apresentam apenas a dimensão social e a natural, há impacto também na dimensão psicológica, mental, seguindo os três conceitos da Linguística Ecológica e da Análise do Discurso Ecológica. Mais, como já antecipado acima, faz-se necessário cindir o meio ambiente físico em ‘meio ambiente físico-natural’, tradicionalmente chamado apenas de “meio ambiente natural da língua”, em meio ambiente natural propriamente dito e meio ambiente construído.

Para retomar as palavras de Alwin Fill, o coronavírus teve, e ainda está tendo, um impacto enorme na sociedade e na natureza. A ponto de à novilíngua já mencionada, sua coronalinguagem. O objetivo da novilíngua orwelliana era dominar pelo uso de palavras adrede escolhidas, ou seja, o significado das palavras era aquele que o Grande Irmão (*Big Brother*) desejava no momento. Em outros momentos, o significado podia mudar, dependendo dos interesses dele. Havia o “crime de pensamento”; conforme as conveniências do Grande Irmão, 2+2 poderia ser igual a 5 e assim por diante. A coronalinguagem não tem objetivos tão manipuladores assim. O impacto que ela representa se mostra no uso de uma grande quantidade de termos novos cuja introdução foi provocada pela presença do coronavírus. Enfim, essa coronalinguagem constaria apenas de neologismos e empréstimos para se falar do coronavírus.

Além de expressões como *SARS-CoV-2*, *coronavírus* e *covid-19*, palavras como *pandemia*, *comorbidade*, *respirador*, *aglomeração*, *confinamento*, *quarentena*, *distanciamento social*, *máscara* e muitas outras passaram a ser de uso comum. Entre os neologismos comentados por Fill (2020), incluem-se: *home-office* e *home work*. Alguns termos dessa linguagem vieram da linguagem corrente, mas passaram a ser usados com mais intensidade, como é o caso de *isolamento social*, *aglomeração*, *crescimento exponencial*, *imunidade*, *teorias da conspiração*. O autor lembrou que os termos “negativo” e “positivo” passaram a ter os significados trocados. Assim, *ser testado positivo* passou a ser algo negativo (ruim) e *ser testado negativo* passou a ser uma situação positiva (boa). Como disse o autor, na coronalinguagem, positivo é negativo e negativo é positivo, lembrando a novilíngua de Orwell. Fill mostra também que a criatividade dos falantes se mostrou em termos como *covidiota* e *covidão*, este último para presumível operação da Polícia Federal durante a pandemia de que a deputada bolsonarista Carla Zambelli tinha informação privilegiada. O autor lembra a frase “nada será como era antes” fechando o artigo com o seguinte parágrafo: “Espera-se que a coronalinguagem não persista por muito tempo, mas que ela seja algo que será visto como histórico, de que muita gente se lembrará, mas de que não precisará até o fim de suas vidas”. Por fim, ele ressalta que com a coronalinguagem alguns assuntos foram jogados para debaixo do tapete, como “mudança climática”, “refugiados” e outros. Essa é uma consequência negativa, pois se passou a falar na criação de vacina para o coronavírus, esquecendo-se de que outras doenças (malária, sarampo, poliomielite etc.) precisam tanto de vacinas quanto a covid-19. A maioria das consequências do vírus é prejudicial aos humanos. No entanto, veremos que a presença dele teve algumas consequências positivas também, não apenas para animais, plantas e natureza inorgânica, mas também para os humanos.

### 3.1. Impactos no meio ambiente físico-natural: MA natural e MA construído

Começando pelo meio ambiente físico-natural, pode-se lembrar o que o criador da Linguística Ecológica e da ADE disse no capítulo “Desenvolvimento” do primeiro livro de Ecolinguística publicado no Brasil. De acordo com ele, antes da chegada do “progresso” ao Planalto Central, em torno de Brasília havia uma vida relativamente idílica, tranquila. Porém, a chegada do “progresso” trouxe inchaço de cidades, favelizações, poluição, violência etc. Isso já aponta para o fato de que quanto menos intervenção humana na natureza houver, melhor ela funciona, mais ela floresce (COUTO, 2007, p. 367-377). O que é mais, qualquer área já devastada por humanos começa a se regenerar assim que é abandonada por eles.

Na verdade, a presença do vírus tem se mostrado altamente benéfica para o meio ambiente físico-natural. Os efeitos na poluição da terra, do ar e das águas começaram a diminuir em várias partes do mundo. Com a diminuição da circulação de pessoas, alguns animais silvestres começaram a perambular pelas cidades, voltando ao que era deles antes da invasão e devastação humanas, fato reportado para a Austrália, a Índia, o Brasil e outras regiões do mundo.

Em geral, quando uma casa, cidade ou área construída é abandonada pelos humanos, a vegetação começa a retomar o espaço que lhe fora tirado. Todo lugar abandonado pelos humanos começa a enverdecer, encher-se de vida. Até o asfalto começa a ser coberto por limo, por musgo e, em pouco tempo, por plantas assim que os humanos deixam de passar por ele. A cidade de Machu Picchu (Peru) foi abandonada pelos incas, com o que o local foi coberto de vegetação nativa, pela floresta. Ela só foi “descoberta” em 1911. A área foi “limpa” e reconstruída para ser o que existe hoje. A cidade dos khmer, região do Camboja, teve uma grande população durante a Idade Média, mas, como foi abandonada, encontra-se coberta pela floresta. Algo parecido aconteceu com monumentos maias.

Das construções dos europeus e descendentes não há muitos exemplos porque nossa cultura devasta de forma irreversível. Mas, mesmo nesse caso há alguns exemplos. Velho Airão, por exemplo, foi uma das mais importantes vilas do médio Rio Negro, fundada em 1694, no Estado do Amazonas. Devido à produção de borracha ela floresceu até o início da II Guerra Mundial, quando os ingleses passaram a comprar látex da Malásia. Hoje é uma cidade abandonada, coberta pela floresta, ou seja, a floresta retomou o que lhe havia sido retirado.

Imagens de satélite da NASA mostraram uma sensível queda de poluição no norte da China, região de Beijing, devido à desaceleração das atividades econômicas, que provocaram um nível decrescente de dióxido de nitrogênio (BBC New Brasil, 01/03/2020). Os famosos canais de Veneza estão com água limpa. As águas da Baía da Guanabara também se mostram muito mais limpas do que antes da pandemia.

No meio ambiente construído, temos praias, ruas, praças e estradas mais tranquilas, sem grandes engarrafamentos. Por isso, estão muito mais agradáveis, tanto que animais silvestres começaram a perambular por elas. Como lembrou Arne Naess, para o filósofo também norueguês Peter Wessel Zapffe, “o homem é o maior ser trágico porque aprendeu o suficiente sobre a terra para se dar conta de que ela estaria melhor sem a humanidade” (NAESS, 1989, p. 37, nota de rodapé).

Como se vê, não há tantos motivos assim para o antropocentrismo, mas, sim, para que assumamos o biocentrismo e o ecocentrismo, propugnados pela Ecologia Profunda e pela ADE. Vale dizer, incluir a vida humana no contexto maior da vida (vegetal e animal) na face da terra. O ecocentrismo inclui até mesmo a natureza inorgânica, pois, sem um território não há ecossistema. Este assunto

## ECO-REBEL

será retomado na seção 4, na qual veremos o que disse Christopher Manes sobre o impacto dos humanos e de outras espécies sobre a vida em geral na face da terra.

### 3.2. Impacto no meio ambiente social

O vírus é democrático, não discrimina ninguém, talvez “preferindo” quem já tem comorbidades. Com ele não há “foro privilegiado”. Muitos que o têm na política foram testados positivos para a covid-19 e muitos deles morreram. Tanto que se pode dizer que todos são iguais perante o coronavírus, embora sejam escandalosamente desiguais perante a lei. É bem verdade que uma certa igualdade esteja estatuída na Constituição de 1988, mas a existência dos “privilegiados” desmente tudo que lá está.

=>Da perspectiva da vida em sociedade, o vírus trouxe duas coisas opostas: por um lado, levou as pessoas a evitarem viagens e contato com pessoas próximas ou distantes; por outro lado, levou a muitos contatos virtuais de pessoas não só próximas espacialmente umas das outras mas também entre pessoas que se encontram em pontos distantes do globo terrestre. Ele está contribuindo com o processo de globalização, mostrando que o mundo inteiro está interconectado virtualmente. Ele nos fez ver que estamos todos no mesmo barco chamado Gaia. Pobres e ricos estão todos dentro. O vírus começou pelos ricos (que podem viajar para o estrangeiro), mas logo em seguida começou a atingir os pobres, que têm muito menos chances de se defender, sobretudo nas situações em que há muita gente em pouco espaço doméstico, gente que tem que usar transporte coletivo, com veículos apinhados de passageiros etc. Entre os ricos e poderosos afetados podemos começar pelo primeiro-ministro britânico Boris Johnson e sua Secretária de Saúde Nadine Dorries. No Irã, vários membros do Parlamento testaram positivo para o vírus. Dois deles morreram: Fatemeh Rahbar e Mohammad Ali Ramezani. Até o aiatolá Hashem Bathaie Golpayenagi veio a óbito. Na França, pelo menos 12 pessoas da cúpula do governo foram afetadas; na Espanha, umas cinco. O príncipe Albert de Mônaco também foi afetado. No Canadá, Justin Trudeau se autoisolou quando sua esposa contraiu a covid-19.

O Brasil não ficou atrás, como é o caso do presidente do Senado, Davi Alcolumbre, do chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, Augusto Heleno, do Porta-Voz da Presidência, Otávio do Rego Barros, o prefeito de São Paulo, Bruno Covas, e de vários governadores, entre eles o do Pará, Helder Barbalho, e muitas outras autoridades e personalidades famosas, como o prefeito eleito de Goiânia, Maguito Vilela, que morreu sem exercer o cargo. Médicos e até uma figura proeminente na pesquisa sobre saúde como Davi Uip foram acometidos pelo vírus. Houve muitos outros, no Brasil e no exterior, antes, durante e após o espaço de tempo aqui considerado (ver Quadro na seção 2). Até mesmo alguns grupos ameríndios foram atingidos. De meados para o final de junho de 2020, 213 ameríndios já haviam sido contaminados e dois morrido, caso dos líderes Paulinho Paiakan (kaiapó), da aldeia Aukre de Redenção, Pará, e Domingos Mahoro (xavante), de Mato Grosso. Menos de um mês depois (02/07/20) APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) mostram que 10.341 ameríndios já estavam infectados.

O vírus forçou uma mudança em todos os níveis da sociedade: na economia, nas interações sociais e em várias outras situações. Na economia, começou a haver uma enorme retração, com firmas fechando, algumas falindo, muita gente perdendo o emprego. No período pós-pandemia, prevê-se uma recessão de cerca de 6% no mundo 7,4% no Brasil. Se for necessário retomar os confinamentos, a retração pode ser de 7,6% em nível global e 9,1% no Brasil. Mas, pelo menos

em nível micro houve, e está havendo, um florescimento dos serviços de entrega. Certamente é o período em que há mais trabalho para motoqueiros entregadores.

Algumas mudanças na interação social são negativas, ruins da perspectiva humana. Devido ao perigo do contágio, nossa relação com a morte mudou. Em muitas situações mais críticas, muitos mortos são enterrados sem velório nem cerimônia de enterro com a família e amigos. Os mortos são enterrados em vala comum e cobertos com terra por tratores.

As formas de cumprimentar, tão acaloradas entre nós brasileiros, tiveram que ser mais distanciadas, sem contato. Gostávamos não só de aperto de mão, mas de abraços, beijos no rosto etc. Tudo isso teve que ser deixado de lado, quando muito substituído por contato pelos cotovelos, pela mão fechada ou pelos pés, ou simplesmente por nenhum contato.

Houve também mudanças positivas em nossas interações sociais. O vírus nos fez parar e pensar um pouco mais na vida. Na verdade, o confinamento devido ao vírus tem uma dupla face. Se as pessoas se isolam das demais que estão lá fora, unem-se mais dentro de casa. Pais que nunca tinham tempo para ficar com os filhos, com o isolamento social passaram a conviver com eles intensamente. Se não é possível fazer apresentações musicais ao vivo para grandes plateias, passou-se a fazê-las em *lives*, em que se pode ter músicos de diferentes cidades e até de diferentes países apresentando um concerto. Vídeo-conferências já as havia antes; participação em eventos distantes, *in absentia*, tampouco era novidade, como se pode ver em Jacobs et al. (2018). Até votações no Congresso Nacional e em outras instituições têm sido feitas por esse processo. Enfim, em muitos casos não é necessário o funcionário se deslocar à empresa em que trabalha. Pode desempenhar sua função com *home work*, no *home office*.

Em suma, o SARS-CoV-2 (coronavírus, covid-19) está tendo um impacto devastador apenas na sociedade. Para a natureza ele está sendo até certo ponto benéfico, pois está fazendo com que o maior devastador da história da terra tenha que se recolher um pouco. Esse recolhimento tem permitido o florescimento de muitos aspectos do meio ambiente natural que vem fenecendo desde que os humanos começaram a pôr em prática o que Francis Bacon (1561-1626) apregoou, o domínio sobre a natureza.

### 3.3. Impacto no meio ambiente mental

Até aqui só falamos da dimensão natural e da social das pessoas. Porém, temos também uma vida psíquica, um ecossistema mental, que se localiza entre o natural e o social, funcionando como um elo entre eles. Pois bem, o aspecto mental é altamente afetado, tanto por fatores naturais quando por fatores sociais, ou por falta deles. Tem havido conflitos de pessoas em confinamento, ansiedade e até surtos de descontrole emocional. As pessoas se sentem entediadas, deprimidas, estressadas, agressivas.

Uma categoria muito importante na Linguística Ecológica é a comunhão, interação basicamente mental. Como sabemos, ela frequentemente se dá entre pessoas juntas em determinado espaço. Pois bem, a presença da covid-19 nos mostrou que é possível entrar em comunhão à distância. As vídeo-conferências, as *lives*, os bate-papos pelo WhatsApp, tudo isso de alguma forma junta pessoas mentalmente, embora possam estar a milhares de quilômetros uma da outra. Sobretudo as trocas de mensagens em membros de grupos do WhatsApp que, na verdade já existiam antes do coronavírus, revelam que as pessoas estão afinadas mentalmente, ou seja, estão em comunhão. E aqui temos uma novidade para a Linguística Ecológica em geral, não apenas

para a ADE: contrariamente ao que dá a entender a literatura sobre o assunto, pode haver comunhão sem que os participantes estejam espaço-temporalmente juntos. Há comunhão à distância, embora a comunhão prototípica continue sendo a que se dá entre pessoas juntas em determinado lugar.

Enfim, a maior parte das consequências do confinamento na vida mental das pessoas por causa do coronavírus é negativa. Elas se sentem enclausuradas, tolhidas em sua liberdade de ir e vir, de encontrar amigos, enfim, se divertir. Como dizem os psicólogos e psiquiatras, “essa situação provoca medo, relativo ao perigo iminente de contágio, e ansiedade, que é a antecipação dos riscos”, como disse epidemiólogo psiquiátrico Jair de Jesus Mari. “A reação ao estresse difere de pessoa para pessoa”, mas sempre existe. Sente-se perda de liberdade, preocupação com as perdas econômicas, sentimentos de raiva, tédio, solidão e desamparo. Há um grande medo sobre as perspectivas, ou falta delas (para discussão sobre medo, ver Fernandes (*este volume*)).

Há também algumas “vantagens”, se é que se pode falar assim. As pessoas são forçadas a voltarem para dentro de si. No entanto, nossa sociedade consumista-capitalista nos levou a ter medo da solidão e do silêncio. Muita gente sente verdadeiro pânico se se veem sós. Outras não suportam o silêncio. Mas, há aquelas que amam as duas coisas: gostam de ficar sós e de silêncio, e não são apenas aquelas ligadas às meditações do misticismo oriental.

Enfim, a presença do coronavírus transformou nossa vida em todas as suas dimensões, como a natural, a mental e a social.

#### **4. O coronavírus visto pela ADE**

O objetivo principal da ADE é a defesa da vida, sem adjetivações, defesa que inclui a luta contra o sofrimento evitável. Ela está preocupada com a vida de todos os seres, rechaçando o antropocentrismo. Assim sendo, não deveria ela defender a vida do vírus também, uma vez que ele é um ser vivo? Realmente, a presença do vírus nos faz pensar na questão da vida e da morte (que faz parte da vida e do sofrimento), o busfúlis da proposta da Análise do Discurso Ecológica. É importante notar que nem tudo são flores na natureza. Há também os cardos, os espinhos, as tempestades, os raios, os terremotos, os vulcões, os furacões, os tornados, os animais ferozes e peçonhentos. Entre os seres vivos, existe a cadeia trófica; nela um ser vivo pode ser alimento para outros. Em termos ecológicos, as interações entre os seres da natureza podem ser harmônicas ou desarmônicas. Os seres humanos não são exceção, embora tenham o privilégio de estar no topo da cadeia alimentar e ter o poder de estar por sobre todos os demais. Não é nenhum crime se alimentar de produtos animais. Há um equívoco entre os veganos de que o natural seria o vegetarianismo radical. Os felinos são todos carnívoros. A Ecologia mostra que isso existe para manter a homeostase do ecossistema, mantê-lo em equilíbrio. Aí surge um problema: o vírus, no caso o coronavírus, só vive, sobrevive e se prolifera em células humanas. Ele se “alimenta” de humanos. Portanto, como qualquer ser animal, também os seres animais humanos têm direito de se defender contra a morte provocada pela covid-19, o sofrimento máximo que pode acometer qualquer ser vivo.

Nós temos uma visão de mundo altamente antropocêntrica, desde pelo menos os gregos. O filósofo sofista Protágoras (480-410a.C.) já dizia que “o homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são” (MARITAIN, 1959, p. 41). Cerca de dois mil anos mais tarde, Francis Bacon (1561-1626) defendeu o *imperium hominis* (império do homem)

## ECO-REBEL

sobre o mundo porque, de acordo com ele, a natureza está aí para ser dominada, mediante o uso do método indutivo da ciência. O mesmo fizeram muitos outros pensadores antes e depois dele, como na época do Mercantilismo (séc. XV ao XVIII) e na do Iluminismo (segunda metade do séc. XVIII), quando as teorias de base exclusivamente física e mecânica começaram a ceder lugar ao estudo dos seres vivos. Isso levou ao surgimento da Biologia e, um pouco depois, da Ecologia.

Para mostrar que não somos tão superiores assim às demais formas de vida, Christopher Manes lembra que “Darwin convidou nossa cultura a enfrentar o fato de que observando a natureza não notamos nem um fiapo de evidência de que os humanos sejam superiores ou mais interessantes do que, digamos, o líquen” (MANES, 1996, p. 22). Em outra passagem, ele afirma que “se os fungos, uma das formas ‘mais baixas’ na escala de valores humanísticos, se extinguirem amanhã, o efeito no restante da biosfera será catastrófico, uma vez que a saúde das florestas depende do fungo micorrizo; o desaparecimento das florestas descontrolaria a hidrologia, a atmosfera e a temperatura de todo o globo. Ao contrário, se o *homo sapiens* desaparecer, o fato sequer será notado pela esmagadora maioria das formas de vida na face da terra” (MANES, 1996, p. 24).

Essa pertinente constatação de Manes merece um reparo. Na verdade, “a esmagadora maioria das formas de vida na face da terra” notaria sim a ausência dos humanos. A vida dos demais seres vivos (vegetais e animais) floresceria com toda a luxúria que lhes é característica. Tanto que, como vimos acima, qualquer lugar abandonado pelos humanos começa a enverdecer, a reviver e a recuperar toda a exuberância destruída por eles. Portanto, o de que Manes fala não é misantropia. Como disse Arne Naess algures, trata-se de incluir a vida dos humanos no contexto maior da vida na face da terra, de adotar a posição da biofilia e da ecofilia. Estas duas não excluem os humanos. Pelo contrário, adotá-las, ou seja, adotar o ponto de vista do ecocentrismo e do biocentrismo, significa incluir os demais seres vivos na defesa da vida humana. O antropocentrismo, ao contrário, exclui todos os demais seres, todos os que não sejam humanos.

Arne Naess deu um exemplo incisivo e cristalino de como valorizar o todo não significa desvalorizar a parte. Ele disse que “se compararmos ‘não mate’ com ‘não mate sua mãe’, a primeira asserção tem prioridade lógica porque dela podemos derivar a segunda, mas não o contrário”. Naess continua afirmando que “a segunda tem prioridade lógica”, mas “se alguém que aceita a primeira é tentado a matar seu cachorro ou sua mãe a situação fica bem clara” (NAESS, 1989, p. 75).

Esta é a postura da Ecologia Profunda, uma das fontes de inspiração da ADE. É por isso que a Linguística Ecosistêmica, de que ela faz parte, prefere falar em ‘interação comunicativa’ em vez de simplesmente ‘comunicação’. Para alguns linguistas antropocêntricos, comunicação propriamente dita é apenas a que se faz linguisticamente. Mas, para a ADE e todas as fontes em que ela se abeberou, comunicação é apenas mais um tipo de interação, que se dá não apenas no nível social, superorgânico, mas também no orgânico e no inorgânico (COUTO, 2009, p. 33-47). Bactérias, fungos e vírus também são seres vivos, por mais que o último, como o coronavírus, por exemplo, possa ser prejudicial aos humanos (SEBEOK, 1978). Por isso, interagem também, como se pode ver em Westerhoff et al. (2014). Na escala da vida como um todo, não há nenhum problema nisso. Aliás, a vida dos humanos depende da das demais espécies, vegetais e animais. Desaparecendo estas duas, desaparece também a espécie humana.

Sabemos que o núcleo da língua para a Linguística Ecosistêmica e para a ADE são as regras interacionais e os atos de interação comunicativa nelas baseados. Pois bem, nesse aspecto a pandemia provocou grandes mudanças. As pessoas no Brasil são muito efusivas tanto nas

saudações e cumprimentos quanto nas despedidas. Isso é feito com apertos de mão, abraços, beijos etc. Já vimos que a presença do vírus obrigou as pessoas a evitarem tudo isso. Quando muito se dá a mão fechada ao outro, que responde da mesma forma. Às vezes se tocam pelos cotovelos. Pode acontecer até de se cumprimentarem à distância, apenas fazendo uma medida, pendendo o corpo para a frente. Enfim, a pandemia afetou drasticamente a ecologia da interação comunicativa.

### 5. Observações finais

Um popular de Fortaleza disse em uma entrevista na rua: “É hora de todos se unirem a favor da vida” (TV Globo, 29/04/2020, 14h40min). O jornalista Marcelo Tas, por seu turno, afirmou: “Isso é um tapa na cara”, ou seja, ver os pobres diante do dilema ‘proteger-se do coronavírus ou morrer de fome’. Mas, será que levará a uma conscientização da classe média sobre o drama dos pobres? O fato é que o ano de 2020 e pelo menos até meados do de 2021 serão de triste memória, uma espécie de hiato que vai ficar na história, em termos da dinâmica da vida.

A pandemia do coronavírus, com a covid-19, mudou muita coisa no mundo, no nível natural, no mental e no social. Algumas mudanças foram para melhor, sobretudo as que se deram na natureza. Nas dimensões mental e social nem tanto. A maior parte das mudanças foram para pior, pelo menos da perspectiva dos humanos. A coisa chegou a tal ponto que até o Papa Francisco (2020) se preocupou com o mundo pós-pandemia. Na verdade, ele publicou um livro exatamente com esse nome, *La vita dopo la pandemia*. Mas, ele enfatiza as mudanças positivas, atitude típica de um verdadeiro religioso. No que tange à Ecolinguística, sobretudo a Análise do Discurso Ecosistêmica, a irrupção e resiliência do vírus fornece amplo material para pesquisa. A presença do vírus nos faz repensar o valor da vida, o que é vida, se os humanos têm algum privilégio na vida na face da terra e assim por diante.

### Referências

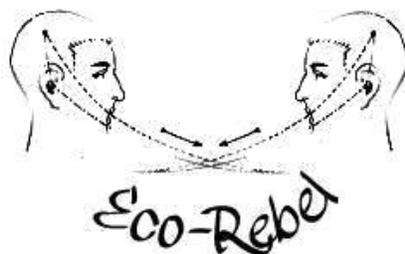
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O tao da linguagem: um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.
- FILL, Alwin. *The language impact – Evolution – System – Discourse*. Londres: Equinox, 2010.
- \_\_\_\_\_. Newspeak as Coronaspeak 2020. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6, n. 4, 2020. Disponível em: [www.xxx.xxx.sss.ddd](http://www.xxx.xxx.sss.ddd)
- JACOBS, George M.; TAN, Hui Shan; THE, Jie Xin. The acceptance of virtual presentations at international conferences on education. *ECO-REBEL* v. 4, n. 2, 2018, p. 49-64. <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12360/10831>
- MANES, Christopher. Nature and silence. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (orgs.). *Ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Athens: The University of Georgia Press, 1996, p. 15-29.
- NAESS, Arne. *Ecology, Community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- PAPA FRANCISCO. *A vida após a pandemia*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.
- PRIVAT, Edmond. *Vie de Gandhi*. Paris: Denoël, 1958.

## **ECO-REBEL**

SEBEOK, Thomas. *The sign and its masters*. Austin: University of Texas Press, 1978.  
WESTERHOFF, Hans V. et al. Molecular networks and intelligence in microorganisms. *Frontiers in microbiology* v. 5, 2014, p. 1-17 (são nove autores).

Aceito em 21 de janeiro de 2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.



## NOTAS SOBRE SOFRIMENTO, DOR, RESPEITO, COMPAIXÃO E MEDO, NA ANÁLISE DE DISCURSOS PELA ADE

Ubirajara Moreira Fernandes (*Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista*)

**Abstract:** The objective of this short essay is to present the concepts of suffering, pain, respect, compassion and fear, emphasizing the fact that fear precedes all the other feelings. It is shown that there are real and imaginary fear, that there are natural, mental and social suffering. There are also degrees of suffering at all these levels. In view of all this, it seems clear that these concepts should be incorporated in the list of concepts/categories of EDA.

**Key-words:** Suffering/pain; respect/compassion; fear; EDA.

**Resumo:** O objetivo deste breve ensaio é discutir os conceitos de sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo, salientando que este último antecede os demais. O artigo ressalta que existe medo real ou imaginário bem como sofrimento nos níveis natural, mental e social. Ele mostra outrossim que há graus de sofrimento em todos os níveis. Diante de tudo isso, parece ficar claro que esses conceitos devem se incluídos nas categorias de análise da ADE.

**Palavras-chave:** Sofrimento/dor; respeito/compaixão; medo; ADE.

### 1. Introdução

Toda a literatura sobre a Análise do Discurso Ecológico (ADE) tem mostrado que seu objetivo é analisar, interpretar e criticar textos-discursos da perspectiva da vida na face da terra, enfatizando a sua defesa, defesa que inclui uma luta contra o sofrimento evitável. Sofrimento tem sido associado a dor. Os dois são defesas que os seres vivos têm contra a mutilação dos próprios corpos. No entanto, não tem sido feita nenhuma diferenciação entre eles. Por esse motivo, o objetivo deste pequeno ensaio é não só tentar fazer essa diferenciação, mas também associar os dois a compaixão, respeito e medo.

Veremos que todos esses conceitos têm a ver com a vida, no sentido mais amplo do termo, vida de todos os seres, e não apenas dos seres humanos. Nisso a ADE segue os princípios da Ecologia Profunda (NAESS, 1973, 1989, 2002), que se insere na visão ecológica de mundo (VEM). Para os seguidores da Ecologia Profunda (EP) em especial, e da VEM em geral, a vida de todos os seres na face da terra é mais importante do que ideologias políticas, religiosas e outras, pois, elas levam

as pessoas a ver as próprias ideias, crenças e convicções contra a “deles” ou a de “vocês”. Se eu sou de esquerda e você é de direita, somos inimigos, logo, sua vida não é tão importante como a dos que estão do meu lado. Por esse motivo, a VEM procura evitar essa polarização, não negando que ela existe, mas tentando mostrar que ater-se a apenas uma dessas ideologias e considerá-la a única “correta” não é a melhor maneira de se abordarem as questões. Pior ainda, se a pessoa se ativer ao lado negativo do polo, que em geral é negacionista, criacionista e conspiracionista (segue as teorias da conspiração). Contrariamente a tudo isso, o praticante da VEM e da EP se posta na posição que permite uma visão englobante (holística) da realidade, vendo os dois polos como as duas pontas do diâmetro de uma circunferência, como se pode ver em Silva (2020, e *neste volume*).

### 2. Sofrimento e dor

Como se pode ver nas obras de Arne Naess mencionadas acima, a Ecologia Profunda reconhece que todo ser vivo está sempre à procura da própria autorrealização, do próprio bem-estar, da própria felicidade. Por isso, os sofrimentos evitáveis, aqueles causados por maldade de alguém, por acidente ou qualquer outra causa desnecessária e/ou evitável devem ser evitados. Sobretudo Naess (2002) defende a tese de que a emoção não deve ser vista como separada da razão. O que é mais, do ponto de vista da vida, a emoção talvez seja mais relevante do que a razão. No entanto, há a dor e o sofrimento que fazem parte da vida, mecanismos para o organismo manter a própria vida. Na literatura sobre ADE se tem falado sobre esses dois sentimentos de maneira geral, não se tem feito distinção entre os dois. É chegado o momento de fazer uma precisão (NAESS 1989, p. 42-43), para usar um conceito da EP, ato de tornar precisos os conceitos, ou seja, aproximar o foco e vê-los microscopicamente, como estabelecido no método da focalização de Garner (2004, p. 202-204).

Começamos pelas conceituações de sofrimento dadas pelo dicionário *Aurélio*. A primeira é tautológica, pois simplesmente remete ao ato de sofrer. Em seguida ele diz que sofrimento pode ser “dor física”. No entanto, o sofrimento é muito mais amplo do que isso. Tanto que ele acrescenta outras definições. Uma delas é “angústia, aflição, amargura”, vale dizer, o sofrimento pode ser também de cunho psíquico (mental). Isso é válido até mesmo quando ele acrescenta acepções como “paciência” e “resignação”. Enfim, o sofrimento pode ser físico (natural), psicológico (mental) ou social. O dicionário não apresentou nenhuma acepção de cunho social, mas, como veremos mais abaixo, desde seu surgimento como “Linguística Ecosistêmica Crítica” em Couto (2013), a Análise do Discurso Ecosistêmica tem mostrado que o sofrimento pode ocorrer nas três dimensões: natural (físico), mental e social. Neste último caso, talvez fosse melhor falar em “sofrimento psicossocial”, pois, mesmo tendo causas sociais, o efeito é na psique de um indivíduo. A dor é definida pelo mesmo dicionário como uma “impressão desagradável ou penosa proveniente de lesão, contusão ou estado anômalo do organismo ou uma parte dele”, acrescentando que é também “sofrimento físico”. Para a ADE, a manifestação prototípica da dor é a dor física, que pode ser causada por ferimentos, torção de algum membro, contusão, luxação e tortura física, entre outros. Como se vê, a dor é eminentemente de cunho natural, físico, fisiológico, biológico. Quando se fala em “dor na consciência”, trata-se de uma metáfora, de uma extensão no uso do termo. Metaforicamente, pode-se dizer que a pessoa pode sentir dor mental, psíquica e, talvez, até social, mas essas duas últimas não são manifestações prototípicas da dor.

O sofrimento é mais amplo do que a dor, pode incluí-la. Vimos que ele pode ser físico (natural), confundindo-se com a dor, mas pode ser também mental e até social. O sofrimento mental pode ser causado por assédio moral no trabalho, por tortura psicológica etc. O sofrimento social pode ser um labéu injusto impingido em alguém; pode ocorrer também quando alguém é difamado,

caluniado, desmoralizado perante a comunidade a que pertence. A morte representa a dor e o sofrimento máximos.

É importante ressaltar que há graus de sofrimento. A agulhada de uma injeção é uma dor física, mas é menos séria do que uma tortura psicológica ou desmoralização social perante o grupo a que a pessoa pertence. Um xingamento momentâneo (mental) é menos nocivo à saúde mental da pessoa do que difamação, calúnia, desmoralização. Para muitos grupos étnicos tradicionais, o sacrifício de uma criança que nasce com algum defeito é menos grave do que o não cumprir a tradição de sacrificá-la. O sacrifício causa sofrimento físico na criança, mas sua ausência provoca sofrimento no grupo como um todo (sofrimento social). É uma questão ética bastante séria para a ADE, que fica sempre do lado da vida: a morte é irreversível, mas costumes tradicionais podem mudar ao longo do tempo.

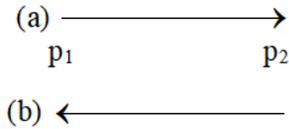
Sufrimento e dor fazem parte da vida, vista de uma perspectiva biológica que, acredito, é também a do senso comum. Não há necessidade de nenhuma elucubração filosófica para se saber o que significa “apesar da violência do choque entre os veículos, os dois motoristas saíram com vida” ou “o cachorro atropelado na rua está vivo”. Quando alguém diz isso, deixa implícito o outro lado da questão, a morte. As pessoas e o cachorro estão vivos porque não morreram, numa situação em que isso poderia ter acontecido. Vida e morte não são questões simbólicas, mas vitais. Na tradição elas são vistas como antagônicas, mutuamente exclusivas, é uma ou outra. A ADE adota a visão do Taoísmo, de acordo com o qual vida e morte são como os dois extremos do diâmetro de uma circunferência, logo, partes dele, articulam-se ao longo do mesmo eixo. Um extremo não existe sem o outro, como acontece com todos os conceitos polares, fenômeno discutido pormenorizadamente em Silva (2020, e *este volume*). Podem ser vistas também como fases de um ciclo: para que haja morte tem que haver vida; para que haja vida tem que haver morte. A morte de um ser vivo dá lugar à vida de outro ou outros.

Apesar de todo ser vivo estar sempre à procura da autorrealização, de seu bem-estar (NAESS, 1973, 1989), a vida apresenta as inconveniências da dor, do sofrimento, do medo, da ansiedade, da angústia, da fobia, do pavor e do pânico, entre outros. Contrariamente ao que seria de se esperar, tudo isso faz parte da vida. Juntamente com os conceitos de respeito e compaixão discutidos na seção seguinte, entre outros, o sofrimento e a dor são necessários como mecanismos de preservação da própria vida.

### 3. Respeito e compaixão

Vejamus como o dicionário define respeito: “1. Ato ou efeito de respeitar(-se). 2. Reverência, veneração. 3. Obediência, deferência, submissão, acatamento”. Os termos “reverência”, “deferência” e “acatamento” deixam implícito que respeito tem a ver com o áter (o outro), não própria e necessariamente com o ego. No sentido de “reverência” e “veneração”, o respeito é muito observado nas tradições orientais, como no Taoísmo. Até nas lutas marciais há esse respeito ao parceiro de luta; para com o mestre às vezes há até mesmo veneração. O discípulo obedece ao mestre cegamente, acatando seus ensinamentos. Pode acontecer de haver até uma certa submissão. Compaixão, diz ainda o dicionário, é uma espécie de “pesar que em nós desperta a infelicidade, a dor, o mal de outrem; piedade, pena, dó, condolência”. Etimologicamente ‘compaixão’ significa algo como “ato de sofrer com”, com-paixão (*passio*, paixão). Se o sofrimento e a dor se dão no ego (*self*) e ficam nele, a compaixão é um sentimento direcionado ao áter, ao outro. Vejamus como se pode mostrar graficamente as relações representadas por respeito e compaixão:

## ECO-REBEL



No caso,  $p_1$  e  $p_2$  são duas pessoas da comunidade. A dor e o sofrimento se dão ou só em  $p_1$  ou só em  $p_2$ . Respeito e compaixão, por seu turno, se dão de  $p_1$  para com  $p_2$  ou vice-versa, como mostram as setas (a) e (b). Vimos que o respeito existe porque sem ele seria impossível a convivência em uma sociedade. Quanto à compaixão,  $p_1$  geralmente a sente para com  $p_2$ , ou vice-versa, quando percebe que ele está em uma situação que lhe causa dor ou quando vê que ele está sofrendo não só dor física (natural), mas também quando está sofrendo forte pressão psicológica (dimensão mental) ou até sendo desmoralizado socialmente. Em suma, compaixão é sentir o sofrimento do outro, é com-sentir (sentir com ele), com-paixão (sofrer com ele).

Normalmente, respeito e compaixão não vão só na direção de  $p_1$  para  $p_2$ , ou vice-versa, unidirecionalmente. Eles podem ser também recíprocos, bidirecionais, e frequentemente o são. Se for bidirecional, temos o que em Linguística Ecosistêmica se chama de comunhão. Com isso, podemos fornecer uma definição alternativa de comunhão ainda não vista na literatura: ela pode ser respeito recíproco.

Respeito e compaixão são sentimentos e impulsos que justificam porque a Ecologia Profunda<sup>1</sup> é de caráter prescritivo. Prescrição no sentido de recomendação de ações que evitem o sofrimento (e a dor) evitável ou que tentem amenizá-los, adotando-se uma atitude de respeito e compaixão pelo álder. Além disso respeito vai mais longe. Ele se baseia no princípio de que “meu direito termina onde começa o seu”, como no dito popular. Logo, respeito é um conceito eminentemente social, mais típico de seres humanos, embora não esteja excluído de antemão que ele possa se manifestar também entre alguns animais ditos “superiores”, como alguns mamíferos. Quanto a compaixão, é de caráter psicossocial, pois consiste em ego sentir o que acha que álder sente. É com-sentir com ele sua dor.

É o respeito que permite a existência das comunidades. É pelo fato de um respeitar o espaço do outro, os seus direitos, que existem as comunidades, as sociedades. Certa feita Umberto Eco deu uma formulação incisiva sobre esse princípio. Diante da pergunta “o que é convenção social?”, ele respondeu: “não devem me impedir de cagar, mas se eu venho cagar em sua casa, não está certo. Então, fazemos um acordo, eu não cago em sua casa, você não caga em minha casa e nenhum de nós caga no meio da rua”<sup>2</sup>. Aí temos um exemplo pungente de respeito ao espaço e ao direito do outro, de socialidade e civilidade, enfim, das bases para a existência da sociedade. A compaixão já se dá mais no nível individual, ou melhor, no nível interindividual.

### 4. Medo<sup>3</sup>

Até o presente momento, as discussões sobre Análise do Discurso Ecosistêmica têm incluído a questão do sofrimento e da dor. Na seção anterior, vimos que os conceitos de respeito e compaixão também precisam ser incluídos na discussão. Pois bem, na presente seção vou tentar mostrar que uma quinta categoria precisa ser incluída, a do medo. Na verdade, o medo precede todas elas.

Existe uma longa discussão sobre o medo, inclusive na Psicanálise, em que começou com o próprio Freud (FREUD, 1926). Para se ter uma ideia da complexidade da questão, em Klein; Herzog (2017) e Pauluk; Ballão (2019) se pode ver que há dificuldade até mesmo sobre como traduzir termos alemães utilizados por Freud. Por esses e outros motivos, eu prefiro partir da definição do *Aurélio*: “Sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma

## ECO-REBEL

ameaça”. É algo de caráter psíquico, mental, que se dá no indivíduo. Por ser um sentimento individual, de caráter psicofísico ou psicossocial, o medo pode se manifestar diante de um perigo real ou de algo imaginário, como o próprio dicionário já adianta. Por ser de natureza intimamente pessoal, alguém pode ter medo até de algo que para outras pessoas seria inofensivo, anódino, como a barata, passar por baixo de escada, o número 13 etc.

Como mostra a literatura sobre o assunto, e como acabamos de ver, é necessário distinguir pelo menos dois tipos de medo. Primeiro, temos o medo diante de um perigo real, que pode causar dor, sofrimento físico e/ou a morte. Em alemão, esse medo é chamado de *Furcht*. Segundo, temos o medo de algo imaginário, chamado de *Angst* em alemão. Às vezes esse segundo tipo de medo é recebe o nome de fobia. Por sinal, a palavra alemã recua ao radical indo-europeu relacionado com *angústia*, como na palavra latina *angustus* (estreito, apertado). Talvez a tradução mais adequada para *Angst*, medo de algo imaginário, seja *fobia*. Em casos mais leves, pode-se ter *temor*, mas, em situações reais ou aparentemente mais perigosas, pode-se sentir *pavor*, *pânico*, *terror* etc.

Como o medo é subjetivo, existe no ego. Em princípio existem tantos tipos de medo quantas forem as situações, reais ou imaginárias, que cada indivíduo considere ameaçadoras. Existe medo de morrer, que é algo real e inevitável, mais cedo ou mais tarde todos morreremos. Medo de cobras, de precipícios, de alturas (acrofobia), de lugares fechados (claustrofobia) e medo de andar de avião também têm um certo fundamento real. No entanto, medo do demônio (capeta), de fantasmas e assombrações, de ambientes públicos (agorafobia) e assemelhados estão mais para o lado da *Angst* alemã.

O medo existe na psique, é de natureza mental. Porém, como o mental está entre o natural e o social, ele parte sempre do mental e se dirige ora para o natural, ora para o social. O primeiro caso equivale ao que o dicionário chamou de perigo real (*Furcht*). Por exemplo, se estou na rua e vejo um veículo vindo a mais de 100km por hora em minha direção, meu medo real de morrer – talvez até instinto – me faz correr para um lugar em que imagino que o carro não me atingirá. No entanto, se estou numa floresta sozinho e tiver medo de fantasma, tratar-se-á de um medo imaginário, por só existir em minha imaginação (*Angst*).

Por ser sentimento de inquietação ante a perspectiva de um perigo (real ou imaginário), o medo existe para que o ser que o sente evite situações que possam representar perigo para sua vida. Vale dizer, ele provoca atitudes que levem a evitar situações que provoquem sofrimento e dor, aí inclusa a morte, que seria o extremo dessas situações. O mesmo medo contribui para que o ser vivo, sobretudo os humanos, evite que isso aconteça no outro também, logo, ele implica respeito e compaixão.

Medo e sofrimento/dor são sentimentos que existem no ego – no sentido de *self* – e se voltam para ele, ao passo que o respeito e a compaixão são sentimentos transitivos, referem-se ao álder, ao outro, ou melhor, é algo que vai de ego para álder. Na seção anterior, vimos que respeito e compaixão são relacionais por existirem em ego em função de álder. Dor e sofrimento, ao contrário, são pontuais: podem existir ou só em ego ou só em álder, embora possa existir nos dois ao mesmo tempo, situação que precisa ser investigada.

O coronavírus nos fez – e ainda faz – sentir muito medo, medo real, *Furcht*. O primeiro deles é o de sermos infectados. Com as informações de que somos bombardeados pela mídia, a infecção tem grandes chances de trazer sofrimento, dor, mas, pode também nos levar a óbito, como a imprensa prefere dizer (em vez de morte). Mas, temos também medo de perder entes queridos, parentes e amigos. Podemos ter medo de infectar os outros; tanto que usamos máscaras. Muita gente tem medo de perder o emprego, de ficar sem dinheiro. Os mais pobres têm medo de não terem o que comprar para comer. Há outros medos, como o dos administradores do país, que

temem pelo que virá na economia no período pós-pandemia: a perspectiva é de uma profunda recessão.

### 5. Discussão

Sufrimento e dor não são apanágio dos humanos. Praticamente todo ser vivo que tenha algum tipo de vida mental (WESTERGOFF et al., 2014), sentem-nos. Muitos são capazes de evitar situações que os provoquem. Isso está provado pela Etologia (TINBERGEN, 1963; SEBEOK, 1979) e pela Sociobiologia (WILSON, 1980). Até na Ecologia Profunda (NAESS, 1973, 1989) e na Ecologia Social (BOOKCHIN, 1993), há bases para se entender a questão. Essas ciências nos mostram que para sobreviver os organismos precisam adaptar-se ao meio, sendo que alguns deles pelo menos tentam adaptar o meio a si, como é o caso dos humanos e daqueles animais que constroem abrigos como, por exemplo, o joão-de-barro, que constrói uma casa perfeita para a proteção de seus filhotes. De acordo com o sociobiólogo Edward Wilson, “o comportamento social, como qualquer forma de resposta biológica, é um conjunto de estratégias para registrar mudanças no meio ambiente”, enfim, “o comportamento social é uma forma de adaptação” (WILSON, 1980, p. 74). Antes, o autor já havia dito que “modificação no meio ambiente físico é a adaptação maior” (p. 30).

Na relação com o seu meio ambiente, os seres vivos precisam reconhecer o que lhes é favorável, indiferente ou perigoso. Como todos eles estão sempre à procura da própria autorrealização, provavelmente a primeira sensação que têm é a de medo do que pode pôr em risco a própria integridade, do que pode provocar dor, sofrimento.

O respeito e a compaixão são prototipicamente de cunho social, pois envolvem o outro. Linguístico-ecossistemicamente, é uma interação organismo-organismo, ou interação pessoa-pessoa. No entanto, ele pode se estender para as relações organismo-mundo, pessoa-entorno ou meio ambiente. É o sentimento que leva o indivíduo a ter consciência de que não deve depredar o meio ambiente, seu e/ou dos outros. Só ocorre nos seres que têm uma vida mental intensa, como os humanos, que os leva a respeitar o direito e o espaço do outro. Infelizmente, porém, desde o início da construção de artefatos os humanos são os maiores predadores e devastadores de que se tem notícia.

### 6. Observações finais

Como são sentimentos e/ou sensações que têm a ver com a vida, sobretudo a biológica, mas também a psíquica e a social, sofrimento e dor, respeito e compaixão, por um lado, e medo, por outro, merecem ser incluídos nas categorias de análise da Análise do Discurso Ecológico. No caso específico do medo, não é para menos que ele seja tão generalizado, todo mundo o sinta. Quem disser que não tem medo de nada está mentindo, pois, do contrário, não estaria vivo. Tanto que a sabedoria popular, o vulgo afirma que quem tem cu tem medo. Como todo mundo o tem, todo mundo tem medo, em maior ou menor grau, medo real ou imaginário, ou ambos, o que é mais comum.

Não há pessoas exclusivamente boas nem pessoas exclusivamente más (SILVA; FERNANDES, *este volume*). No entanto, há pessoas propensas, por natureza, para o lado “bom” ou para o lado “mau”. Por isso a ADE segue o Taoísmo, em que se olha para o todo, não apenas para um dos lados, como discutido em Silva (2020, e *este volume*)

É por isso que a ADE, seguindo a EP, o Taoísmo e Gandhi não defende a mulher que sofre nas mãos de um marido violento apenas por ser mulher, mas porque ela é um ser vivo que sofre. Sua causa é vista em um contexto muito maior, holisticamente. Gostaria de terminar citando Arne Naess. De acordo com ele, “não mate” é mais abrangente do que “não mate sua mãe”. A primeira

asserção inclui a segunda. No entanto, de um ponto de vista ético, parece que a segunda é mais importante (*apud* SILVA; FERNANDES, *este volume*).

Existem outros muitos outros sentimentos, alguns deles entrecruzando-se com os vistos acima. Seria interessante uma pesquisa mais abrangente sobre todos os tipos de sentimento que os humanos podem sentir ou, pelo menos, sobre os de uma outra espécie de ser vivo, o que talvez fosse mais executável.

### Notas

1. Sobre a Ecologia Profunda, ver o capítulo com esse título em Couto (2012).
2. *Folha de São Paulo*, 14/05/1995: <https://biblioteca.folha.com.br/1/02/1995051401.html>
3. No *site* Psicanálise Clínica são dados alguns exemplos de medo, ou seja, medo de: *falar em público, ficar sozinho, morrer, altura, voar, sangue, escuro, lugar fechado, ficar doente, tempestade, animais, injeção*. Essa lista certamente está incompleta. Ver <https://www.psicanaliseclinica.com/tipos-de-medo/>

### Referências

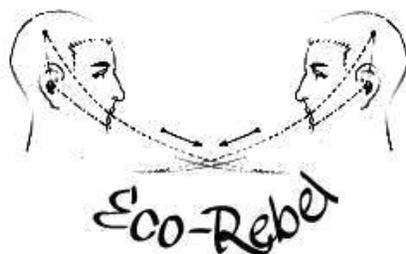
- BOOKCHIN, Murray. What is Social Ecology? In: ZIMMERMANN, M. E. (org.). *Philosophy: From Animal Rights to Radical Ecology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1993
- CAPRA, Fritjof. Laudato si – a ética ecológica e o pensamento sistêmico do Papa Francisco. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6, n. 2, 2020, p. 5-17. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32662/26617>
- COUTO, Hildo Honório do. *O tao da linguagem: um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.
- \_\_\_\_\_. Análise do discurso ecológica (ADE), 2013. Disponível em: <https://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html>
- FREUD, Sigmund. *Hemmung, Symptom und Angst*. Leipzig/Viena/Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1926.
- GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Berna: Peter Lang, 2004.
- KLEIN, Thais; HERZOG, Regina. Inibição, sintoma e medo? Algumas notas sobre a *Angst* na psicanálise. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, v. 20, n. 4, 2017, p. 686-704. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142017000400686](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142017000400686)
- NAESS, Arne. The shallow and the deep, long-range ecology movements. *Inquiry* 16, 1973, p. 95-100.
- \_\_\_\_\_. *Ecology, Community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Life's philosophy: reason and feeling in a deeper world*. Athens: The University of Georgia Press.
- PAULUK, Luiz R.; BALLÃO, Cléa M. Considerações sobre o medo na história e na psicanálise. *Fractal: revista de psicologia* v. 31, n. 2, 2019, p. 60-66. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922019000200060](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922019000200060)
- SEBEEK, Thomas A. Semiotics and Ethology. *The sign and its masters*. Austin: The University of Texas Press, 1979, p. 27-60.
- TINBERGEN, N. On aims and methods of ethology. *Zeitschrift für Tierpsychologie* v. 20, 1963, p. 410-433.
- WESERHOFF, Hans V. et al. Molecular networks and intelligence in microorganisms. *Frontiers in microbiology* v. 5, 2014, p. 1-17 (são nove autores).

## **ECO-REBEL**

WILSON, Edward O. *Sociobiology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

Aceito em 15 de janeiro de 2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.



## **A DESCRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO ENQUANTO MEIO DE MANUTENÇÃO DA VIDA: A PERSPECTIVA DA ADE**

---

Lais Carolina Machado e Silva (UFG)

Lajla Katherine Rocha Simião (UFG)

**Abstract:** This article presents an investigation about abortion, a controversial issue that involves several discourses in the spheres of politics, religion, law, health, etc. There are countless discourses claiming that the decriminalization of abortion would be a way of maintaining life, so that a greater number of women would be. These discourses are a starting point for our research because they imply a contradiction: how would the decriminalization of abortion be a way of maintaining life, when they disregard the life of fetuses? In this article we use the theoretical framework of the Ecosystemic Discourse Analysis (EDA), which emphasizes the ideology of life in its broadest sense, which will be the starting point for our analysis, discussing the delicate dilemma 'death of women versus death of fetus'. The thorny question is: Which of the two lives should be saved? We understand that when we talk about decriminalizing abortion, the issue goes beyond a dispute between which life would be most important; it is rather a question of which life we can do something about, in order to protect it. Thus, starting from what the EDA advocates, we understand that the decriminalization of abortion should be understood as a practice for life, not against it, in the sense that it may lead to the protection of lives of countless women, who would not need to resort to clandestine practices. One of the characteristics of EDA is its engagement and its prescriptive character, insofar as it proposes realizable alternatives that aim to eliminate avoidable suffering and preserve life. Thus, the EDA proposes the creation of socio-educational measures that enable greater knowledge about the use of contraceptive methods and sexual issues, in order to avoid the banalization of abortion, as well as greater access by the population to preventive methods.

**Key-words:** Decriminalization of abortion; Suffering; Ecosystemic Discourse Analysis.

**Resumo:** Este artigo apresenta uma investigação acerca do aborto, questão polêmica e que implica diversos discursos nas esferas da política, religião, direito, saúde etc. Há inúmeros discursos que afirmam que a descriminalização do aborto seria um meio de manutenção da vida, de modo que

um maior número de mulheres seria salvo com a descriminalização dessa prática. Esses discursos se tornaram ponto de partida para essa pesquisa, justamente por enxergarmos uma contradição: como a descriminalização do aborto seria uma forma de manutenção da vida, quando desconsideram a vida dos fetos? Neste artigo utilizamos o referencial teórico da Análise do Discurso Ecológica (ADE), que enfatiza a ideologia da vida em seu sentido mais amplo, a qual será ponto de partida para nossa análise, discutindo o delicado dilema ‘morte de mulheres versus morte de feto’. A espinhosa pergunta é: Qual das duas vidas se deve salvar? Após nossa investigação entendemos que quando falamos em descriminalizar o aborto, a questão vai além de uma disputa entre qual seria a vida mais importante, mas sim em entendermos por qual vida podemos fazer alguma coisa, no sentido de protegê-la. Desse modo, partindo do que preconiza a ADE, compreendemos que a descriminalização do aborto deve ser entendida como uma prática a favor da vida, não contra, no sentido de que estará resguardando a vida de inúmeras mulheres, as quais não precisariam recorrer às práticas clandestinas. Uma das características da ADE é seu engajamento e seu caráter prescritivo, na medida em que propõe alternativas realizáveis que visam a eliminação do sofrimento evitável e a preservação da vida. Assim, a ADE propõe a criação de medidas socioeducativas que possibilitem um maior conhecimento sobre o uso dos métodos contraceptivos e as questões sexuais, de modo a evitar a banalização do aborto. Como também um maior acesso da população aos métodos preventivos.

**Palavras-chave:** Descriminalização do aborto; Sofrimento; Análise do Discurso Ecológica.

### 0. Introdução

Este artigo apresenta uma investigação acerca dos discursos sobre a descriminalização do aborto enquanto meio de manutenção da vida. Para tanto, tomamos como objeto de análise um texto que tem por título “Ser a favor da descriminalização do aborto é ser a favor da vida”, veiculado pelo site “Uma Feminista Cansada”, publicado em 2012. Para o desenvolvimento dessa pesquisa realizamos uma abordagem teórica com base na Análise do Discurso Ecológica, doravante ADE, que enfatiza a ideologia da vida, o que não significa que ela desconsidere as ideologias políticas, porém, ela não será ponto de partida para a análise. A ADE difere dos demais modelos teóricos por assumir um caráter intervencionista, no sentido de prescrever alternativas realizáveis em prol da defesa da vida. No entanto, é importante ressaltar que essa defesa inclui a luta contra o sofrimento evitável, sabendo que existem alguns tipos de sofrimentos que não conseguimos evitar. Essa discussão será melhor apresentada em nossa fundamentação teórica.

O aborto é um tema polêmico, pois implica diversas questões que envolvem política, religião, direito, legislação, saúde, educação, entre outras. Essas questões geram dois tipos de discursos: um em defesa do direito à escolha por parte da mulher, isto é, a favor da prática do aborto, e outro que criminaliza essa ação, por defender que há uma forma de vida que começa desde a sua fecundação no útero, levando em consideração a vida do feto.

## ECO-REBEL

Cerca de 55 milhões de mulheres por todo o mundo realizam aborto, sendo que metade desse número é realizado sem condições de segurança e a proibição legal dessa prática não a evita, mas leva à clandestinidade, “o que provoca dor, doenças e mortes em mulheres, muito especialmente jovens, pobres e negras”. (CAVALCANTE et al, 2006). Constata-se, dessa maneira, que o alto índice de morte materna decorre de abortos ilegais e inseguros, o que gera sofrimento (físico, mental e social).

Por ser uma questão bastante polêmica, em que não há uma resposta definitiva, partimos da hipótese de que a ADE, seguindo os preceitos da Ecologia Profunda de intervir em prol da vida, daria prioridade à vida da mulher em casos de gravidez resultante de estupro ou em que o parto pudesse colocar a vida dela em risco, por exemplo. Os demais casos poderiam ser examinados caso a caso, sempre dando ênfase à ideologia da vida.

Este artigo é composto por quatro seções, a primeira (1) traz um apanhado geral e histórico sobre o aborto; na segunda (2) apresentamos o suporte teórico no qual a pesquisa está embasada, portanto, essa seção aborda questões relativas à ADE; a terceira (3) seção é composta pela análise do objeto em si, relacionada à teoria e, por fim, na seção quatro (4) apresentamos as considerações finais.

### **1. Aborto: uma questão polêmica**

Aborto, etimologicamente, quer dizer privação de nascimento, que vem do latim *abortum*, derivado do termo *abortire*. Segundo Teles (2004, p. 171), essa prática é definida como a interrupção da gravidez que resulta na morte do feto. Para ele é a morte de um ser humano em formação. Já Mirabete (2011, p. 57), entende aborto como a interrupção da gravidez com a destruição do produto da concepção. Infere-se, dessa maneira, que na primeira definição há uma humanização do feto, diferentemente da segunda definição em que a vida desse feto é coisificada. Entretanto, ambos os autores entendem que para se configurar o aborto, o feto ou produto da concepção deve morrer, sem implicar necessariamente a expulsão de dentro do organismo. Contudo, independente ou não da expulsão do feto, a prática se configura como crime.

Essa prática, no entanto, nem sempre foi vista dessa maneira. Na Grécia antiga, Aristóteles indicava o aborto como método de controle da população grega, limitando os nascimentos. Platão, por sua vez, defendia que o aborto deveria ser obrigatório, “por motivos eugênicos, para as mulheres com mais de 40 anos e para preservar a pureza da raça dos guerreiros”. Sócrates

## ECO-REBEL

recomendava às parteiras que facilitassem o aborto àquelas mulheres que o desejassem. Já Hipócrates, em seu juramento, responsabilizou-se em não aplicar pessário em mulheres para provocar aborto. (SCHOR; ALVARENGA, 1994, p. 19)

Entre os Romanos o aborto era uma prática comum, considerada um direito natural do pai, que decidia sobre a vida ou a morte de seus filhos, nascidos ou não. Apesar de essa ser uma prática permitida entre os povos da antiguidade, ela poderia ser interpretada sob distintas ópticas dependendo da época. Nos primeiros anos da República, por exemplo, essa prática era tolerada pelo alto índice de natalidade. Já no Império, com a queda na taxa de natalidade, a legislação tornou-se severa em relação ao aborto provocado, caracterizando-a como delito contra a segurança do Estado. (CABANELLAS apud SCHOR; ALVARENGA, 1994, p.19)

Com o advento do Cristianismo o aborto passou a ser definitivamente condenado, embasado no quinto mandamento “Não matarás”. A Igreja Católica assumiu essa postura, mas houve fortes interesses políticos e econômicos por trás dessa decisão e que se mantém até hoje. (SCHOR; ALVARENGA, 1994, p.20).

No século XIX, houve um aumento considerável na prática do aborto entre as classes mais populares devido ao “êxodo crescente do campo para a cidade e da deterioração de seu nível de vida” conforme Schor; Alvarenga (1994, p.20). Isso que certamente era visto como uma ameaça pela classe dominante, por expressar um decréscimo na oferta de mão de obra barata necessária para a expansão das indústrias. (SCHOR; ALVARENGA, 1994, p.20). Já a classe alta controlava a natalidade por meio de uma forte repressão sexual, condenando severamente o aborto, mesmo essa prática sendo muito comum entre os membros dessa classe (CABANELLAS apud SCHOR; ALVARENGA, 1994, p.20)

Atualmente, o aborto é tipificado como crime tanto se for cometido pela gestante quanto se for realizado por terceiros, com ou sem consentimento. Essa prática só não é punida em duas situações: no caso de aborto terapêutico, realizado na tentativa de salvar a vida da gestante, ou em caso de “aborto sentimental”, decorrente de gravidez por estupro. Todas elas só podem ser praticadas pelo médico, sendo o autoaborto punido. Essas punições levam a reclusão de 1 a 10 anos, dependendo das motivações, quem pratica e em que condições (SCHOR; ALVARENGA, 1994).

De acordo com França (2017), o “aborto sentimental” também pode ser chamado de piedoso ou moral. Essa forma de aborto tem sua indicação em casos de estupro. Essa nomenclatura

## ECO-REBEL

surgiu durante a Primeira Guerra Mundial, em alguns países da Europa, quando muitas mulheres foram violentadas pelos invasores. Desse modo, nasceu um movimento patriótico de contra essa maternidade imposta pela violência. Esse tipo de aborto está amparado por nosso Código Penal, no inciso II do artigo 128.

O termo “aborto sentimental” está destacado entre aspas, pois entendemos que seja necessário a problematização desse termo, assim como há algum tempo trocou-se a expressão crime passional por feminicídio, pois entendeu-se que não existe crime, assassinato que seja cometido por amor, da mesma forma o emprego do termo sentimental para caracterizar o aborto pressupõe que a única questão que pesa nessa decisão é o sentimento, seja de raiva, de revolta em torno do crime que foi cometido. No entanto, essa questão vai muito além disso, é uma questão de saúde física, mental e psicológica.

Entre as principais causas que geram uma gravidez indesejada e, conseqüentemente, levam a gestante a provocar o aborto estão: o atraso cultural, a falta de educação sexual, a paternidade “irresponsável” e a falta de conhecimento sobre o uso de métodos contraceptivos. Deve-se considerar que essa prática, principalmente de forma clandestina, pode trazer implicações de ordem orgânica, social, econômica e psíquica à mulher.

Segundo Neme et al (apud SCHOR; ALVARENGA, 1994, p.19), “entre as conseqüências de ordem orgânica, podemos citar até mesmo o risco da infecundidade. Entre os casos de infecção puerperal, sabe-se que 60% deles são ocasionados por aborto provocado (choque septicêmico)”, esse tipo de conseqüência implica em 34% das mortes.

Já do ponto de vista social, o aborto provocado é resultado das dificuldades de sobrevivência da mulher ou da família em meio a uma urbanização desenfreada, da carência de programas educativos e de planejamento reprodutivo, do alto custo de vida, além da precariedade de situação pessoal ou de condição de vida da mulher, onde entram fatores emocionais e psicológicos (SHCOR; ALVARENGA, 1994, p.19).

Por todos esses motivos, tem se tornado comum um aumento no número de defensores da prática livre e descriminalizada do aborto. A descriminalização consiste em retirar a prática da esfera jurídica, deixando-a exclusivamente na esfera da saúde e da consciência da mulher, que passa a atuar livremente sobre o direito de escolha do próprio corpo. Portanto, esse ato não será mais tipificado como crime, havendo uma supressão na aplicação de pena quando essa interrupção é praticada pela gestante ou com o seu consentimento, mas permanecerá caracterizado como crime

“nos casos em que, vítima de qualquer violência, a mulher sofra o aborto contra a sua vontade e sua consciência” segundo Araújo no site da *Gazeta do povo* (2014).

Outro ponto importante para discutir a descriminalização do aborto é o fato de que a descriminalização não implica aumento do número de casos, pois pesquisas, realizadas em países em que a prática foi descriminalizada, revelam que o número se manteve, porém, o número de morte de mulheres diminuiu.

Nesse sentido, abordaremos em nossa análise um discurso que trata a descriminalização do aborto como meio de preservação da vida. Para tanto utilizaremos o aporte teórico da ADE. Desse modo, é necessário discuti-la mais detalhadamente.

### **2. Abordagem teórica: Análise do Discurso Ecolinguística e seus princípios**

De acordo com Couto et al. (2015), a Análise do Discurso Ecolinguística está no contexto da Linguística Ecolinguística, ramo da Ecolinguística praticada no Brasil, portanto, ela tem como pressuposto o ecossistema integral da língua, que é formado pelo Povo (P), pelo Território (T) e pela Língua (L). Existe uma inter-relação entre esses três componentes do Ecossistema Fundamental da Língua. Para que haja L é necessário que exista um P, cujos membros vivam e convivam em um T (COUTO, 2007).

Couto (2016) afirma que o Ecossistema Linguístico contém, em seu interior, outros três ecossistemas: o natural, o social e o mental. O ecossistema natural é constituído pelo entorno físico da linguagem, que inclui não só o território, mas também os outros elementos da natureza, como, por exemplo, o ar, as águas, os corpos celestes e, também, o corpo físico do povo (P). A diferença entre este e os demais ecossistemas linguísticos é que ele abrange todas as formas físicas e nele P e T são encarados como entidades físicas, naturais, e L, por sua vez, são as relações concretas que se dão entre eles. Desse modo, tudo o que pertence à língua como fenômeno natural é estudado aqui.

Em Silva (2020), está presente um questionamento que inclusive pode ser o questionamento de várias pessoas ao se depararem com essa teoria. No entanto, como partimos (e participamos) de uma teoria que é viva e se movimenta, devemos entender que ela apresenta e sempre apresentará atualizações, pois se trata de uma disciplina científica viva. Nesse sentido,

## ECO-REBEL

chegamos ao ponto da questão. Se a Análise do Discurso Ecológica é parte da Linguística Ecológica, qual seria o sentido daquela existir?

Vejamos o que nos diz Silva (2020) sobre essa questão. De acordo com ele, os conceitos específicos da ADE são na verdade conceitos que não são visíveis a olho nu pela Linguística Ecológica, pois são microscópicos. Eles estão ali presentes, no entanto, precisam desse olhar aprimorado, específico que a ADE pode conferir. Desse modo, se um linguista decide analisar um discurso pela perspectiva da ADE, ele precisa usar um “microscópio”, pois necessita focalizar em detalhes que são praticamente imperceptíveis à Linguística Ecológica de modo direto e imediato. Ele precisa, inclusive, utilizar o método da focalização (*focussing method*) proposto por Garner (2004). Pelo fato de as categorias centrais da ADE não serem visíveis a olho nu, é preciso ampliá-las, conforme figura a seguir.



Visualização da ADE no interior da LE  
Fig.1

Segundo Couto et al. (2015), a Análise do Discurso Ecológica possui algumas fontes principais de inspiração, dentre as quais se destaca a visão ecológica do mundo, que provém, em grande parte, da Ecologia Profunda, de Arne Naess (1912-2009), que vai à raiz dos problemas, sem concessão à ganância econômica, diferentemente da “ecologia rasa” que defende o meio ambiente até onde essa defesa não contrarie os interesses econômicos. É por meio dessa visão que nos é permitido encarar o mundo a partir de um ponto de vista ecológico, buscando o equilíbrio do ecossistema. Para esses autores, um ecologista convicto preocupa-se, inclusive, com a linguagem que utiliza, priorizando aquela que não induza à depredação da natureza nem ofenda nenhum segmento da sociedade, como a comunidade LGBT, os negros e as demais minorias. A

## ECO-REBEL

visão ecológica de mundo, por ser uma visão ecossistêmica, deve levar o estudioso a ver seu objeto de estudo como parte de um todo maior.

A ADE encontrou ainda como fonte de inspiração o Taoísmo, o qual mostra que somos seres tridimensionais, compostos de corpo, mente e espírito. Ele possui como conceito central a harmonia e daí decorre outros como: tolerância, humildade, prudência, os quais contribuem para que uma sociedade viva sem conflitos. A Análise do Discurso Positiva também se revelou fonte de inspiração, pois ela sugere que se assuma uma postura positiva frente ao mundo, fazendo dele um lugar melhor e, também, a ecologia social que defende a ideia de que grande parte dos problemas ambientais e ecológicos é de base social, ou seja, criados pela sociedade (COUTO et al, 2015, p. 130-131).

Conforme afirma Couto et al. (2015, p. 131), a filosofia de Gandhi, que se aproxima dos ensinamentos do Taoísmo, também inspirou a ADE. Gandhi defendeu seus ideais de forma pacífica, o que incomodou muito seus inimigos. Adotou a ideia da não violência, não ofensa e assumiu posturas assimiladas por uma visão ecológica de mundo que incluíam direitos iguais para as mulheres, pluralismo étnico e religioso e a luta contra a divisão em castas. Todas essas posturas vão ao encontro de uma sociedade mais igualitária que preze pelo bem-estar de todos os seres.

A ADE permite a análise ecológica de todo e qualquer discurso, não somente os ecológicos, antiecológicos ou pseudoecológicos. Por ser uma disciplina da ecologia que faz estudos de fenômenos da linguagem, ela parte de uma visão ecológica de mundo (VEM), ecossistêmica, ou seja, diz respeito ao pensamento em rede, de que tudo está interligado. Ela prioriza ainda o lado positivo de toda e qualquer questão não no sentido de ignorar o negativo, mas no sentido de enxergá-lo por outro viés, e é justamente por não ignorá-lo que ela assume um caráter prescritivo, visto que seu praticante deve intervir prescrevendo atitudes realizáveis que promovam a defesa da vida e que busquem amenizar o sofrimento quando é evitável, já que a dor faz parte da vida e auxilia a nos autopreservarmos (COUTO et al., 2015).

De acordo com Couto (2016, p. 449), o modo pelo qual a ADE encara o mundo é pelo ângulo de uma defesa intransigente da vida, evitando, assim o sofrimento, que pode ser natural, mental e social. O sofrimento natural é aquele que está visível e que não se pode negar, o caso de um espancamento, por exemplo, que pode levar ao maior tipo de sofrimento que se pode imaginar, a morte. O sofrimento mental é causado pelos vários tipos de assédio que existem, seja moral, sexual, agressões verbais etc. Esse sofrimento pode se dar tanto no âmbito do trabalho quanto no

## ECO-REBEL

familiar ou em qualquer outra relação interpessoal, posto que o sofrimento mental se dá quando uma pessoa expõe a outra a situações que lhe causam algum tipo de incômodo. Por fim, o sofrimento social diz respeito aos casos de difamação, desmoralização em público, entre outros. Esses tipos de sofrimento não se restringem a apenas os seres humanos, mas também aos demais animais, por exemplo, no caso da caça e pesca lúdica, que se dá apenas para satisfazer a vontade do ser humano e não com vistas à alimentação, ou seja, expõe os animais ao sofrimento apenas por prazer.

Conforme Couto (2016, p. 452) há uma série de assuntos que devem ser estudados pela ADE, dentre os quais destacamos alguns. Um deles é o antropocentrismo, que diz respeito à supervalorização do ser humano em detrimento dos outros seres vivos, isto é, coloca-se o homem como o centro do universo. Esse tipo de atitude, que é comum nos dias atuais, tem nos levado à destruição do nosso meio ambiente em prol de propósitos que somente beneficiam os seres humanos. Podemos enxergar essa visão antropocêntrica também quando o homem pensa na preservação do meio ambiente como maneira de garantir a própria sobrevivência, ou seja, não se preserva porque de fato se entendeu a importância do meio ambiente de todos os seres vivos, mas porque sua destruição pode ser prejudicial à manutenção da vida humana (COUTO, 2016, p. 452).

Sobre o culto ao desenvolvimentismo, Couto (2016, p. 452) nos diz que é um problema, pois implica na interferência do homem no meio ambiente. Para além disso, o desenvolvimento significa ir de um estado menor a um outro maior, o que sugere que o que é grande é melhor. Nesse sentido, o culto ao desenvolvimento vai contra um dos princípios da ADE, e do Taoísmo, por exemplo, que considera a importância de um ser em relação ao outro, um complementando o outro, no sentido de que só me defino enquanto grande, pois existe um pequeno para me relacionar a ele.

Um outro preconceito é o etnocentrismo, que consiste em considerar o que existe em nossa cultura melhor do que o que existe na dos outros. Julgamos uma cultura diferente a partir do ponto de vista da nossa. Na verdade, a minha cultura não pode servir como parâmetro de comparação para as demais. Entretanto, quando pensamos no caso das mulheres em alguns países muçulmanos radicais, sabemos o quanto elas são expostas ao sofrimento físico, mental e também social. Nesse sentido, não podemos ignorar a questão, mesmo porque, como afirma Naess, nesses próprios países há uma minoria que discorda dos costumes praticados por essas comunidades em relação à mulher. E essa pequena minoria deve receber nosso apoio, pois busca a extinção de dessa forma de sofrimento (COUTO, 2016, p. 453).

## ECO-REBEL

O androcentrismo (machismo) também é uma manifestação de atitude e linguagem preconceituosas, já que rebaixa e traz sofrimentos a mulher. Vivemos em uma sociedade machista em que a violência contra a mulher é escancarada e pouco punida. Desse modo, a luta das feministas se encaixa aqui, pois está no conceito mais amplo da igualdade de direitos e deveres dos seres humanos, independentemente do sexo.

A ADE se faz importante em nossa pesquisa, pois é ela que nos possibilitará um olhar ecológico sobre o discurso acerca da descriminalização do aborto, dando ênfase a defesa da vida.

### 3. Análise do objeto

Para realizarmos nossa análise recorreremos ao texto que tem por título “Ser a favor da descriminalização do aborto é ser a favor da vida”, veiculado pelo site Uma Feminista Cansada, em 2012. O que despertou nosso interesse a princípio foi a afirmativa presente no título. Afinal, como é possível afirmar que a descriminalização do aborto é um meio de proteção à vida? O que se vê, geralmente, é a oposição aborto *versus* vida. Desse modo, por trabalharmos com a ADE, que propõe a defesa da vida, entendemos que seria interessante analisar esses discursos partindo da perspectiva da ideologia da vida, sabendo que esse assunto instaura um dilema, ‘morte de mulheres *versus* morte de feto’.

Uma das características da ADE é o holismo, que diz respeito à maneira pela qual devemos encarar nosso objeto, de uma forma abrangente, ou seja, uma abordagem holística deve considerar o todo e não somente partes, desse modo, ao analisarmos nosso objeto precisamos levar em conta todos os lados da questão. O texto aqui analisado trata de uma questão polêmica, a descriminalização do aborto, que apesar de ser da ordem de saúde pública mobiliza discursos políticos e, principalmente, religiosos. O impasse em relação a esse tema começa justamente por uma indefinição sobre qual instância deve decidir sobre tal prática. Ao olharmos para nosso objeto não podemos desconsiderar essas questões, pois os discursos em prol da descriminalização do aborto possibilitarão a emergência de discursos machistas, discursos religiosos, além da da laicidade do Estado, a qual é constantemente questionada.

Percebemos que o impasse sobre a descriminalização do aborto suscita relações desarmônicas na sociedade, já que não há um consenso sobre a aprovação ou não, sobre a possibilidade de o aborto ser enxergado como algo benéfico. Essa relação desarmônica vai contra

## ECO-REBEL

a comunhão proposta pela ADE, que de acordo com Couto (2016) é uma abertura para a comunicação, pressupõe equilíbrio, harmonia e sintonia. Notamos que entre os diversos setores da sociedade não há comunhão, na medida em que não entram em um consenso sobre um tema que diz muito mais sobre a preservação da vida do que ao contrário.

No Recorte I logo a seguir, percebemos que há uma dúvida por parte de muitas pessoas sobre o que seria de fato essa descriminalização e em que medida poderia ser considerada como algo benéfico para as mulheres e para a sociedade. Essa falta de informação gera conflitos, são diferentes opiniões que giram em torno de um tema que já deveria estar solucionado, dada sua relevância. A ADE, por ter sido influenciada pelo Taoísmo e pela filosofia de Gandhi, prega o equilíbrio, a harmonia entre as pessoas. Desse modo, entendemos que uma discussão que promovesse um esclarecimento em relação à descriminalização do aborto seria um meio de evitar o conflito que se faz presente em nossa sociedade.

*Recorte I: Eu recebo muitas perguntas, comentários, de pessoas que, muitas vezes feministas, ainda têm uma grande dificuldade de entender a descriminalização do aborto como algo benéfico.*

No Recorte II, há um reconhecimento de que o aborto é considerado algo ruim. De fato, o aborto pode trazer sofrimento para mulher, tanto natural quanto mental e social. O sofrimento natural se dá quando as mulheres que se submetem às práticas ilegais e clandestinas morrem ou ficam com sequelas. Esse sofrimento, como afirma Couto (2016), é aquele que é visível, que é o maior sofrimento humano, a morte. O sofrimento social ocorre porque muitas mulheres que optam pelo aborto são hostilizadas pela sociedade, a qual não aceita que elas decidam sobre seu próprio corpo. A mulher que decide realizar a interrupção da gravidez passa a ser vista de um outro modo pela sociedade, principalmente porque há uma valorização da maternidade em nossa sociedade, e a mulher está exposta há muitas regras, uma delas é a de se tornar mãe, de preferência que o filho seja fruto de um casamento. Essas são regras que são impostas por uma sociedade machista e patriarcal e que de alguma maneira influenciam na forma como as mulheres são tratadas. Por fim, o sofrimento mental se dá quando as mulheres não têm um acompanhamento psicológico após a prática do aborto. A decisão pelo aborto não é fácil e traz consequências físicas e psicológicas, nesse sentido, um acompanhamento feito por profissionais é de extrema importância.

## ECO-REBEL

*Recorte II: O aborto é algo inerentemente ruim, variando de desconfortável a abominável dependendo das opiniões pessoais de cada um.*

No Recorte III, é apresentado um argumento para que a descriminalização do aborto seja entendida como “em favor da vida”, no sentido de que sendo considerado crime ou não o número de abortos continuará sendo o mesmo, independente de qual seja a legislação do país. No entanto, com a descriminalização dessa prática pouparíamos a vida de inúmeras mulheres que se submetem à prática ilegal do aborto em clínicas com pouca ou nenhuma condição de higiene. Essa ideia é reforçada no Recorte IV, em que a autora afirma que a criminalização do aborto afeta diretamente as mulheres que possuem um baixo poder aquisitivo, pois são essas que não conseguem pagar por um serviço com profissionais e em clínicas com a higiene necessária. Isto é, na maioria dos casos, são as mulheres pobres que são expostas aos diversos tipos de sofrimento, o que não quer dizer que aquelas que possuem um poder aquisitivo maior também não sofram.

*Recorte III: Veja só esta conclusão. Caso o aborto seja crime ou não, restrito ou não, o número de abortos permanece exatamente o mesmo. Ou seja, independente da legislação de um país, um número x de fetos serão abortados.*

*Recorte IV: Então a criminalização do aborto é uma maneira eficiente de prender pessoas de baixo poder aquisitivo que estão correndo risco de morte - e manter estas pessoas presas por 1 a 3 anos, apesar de não oferecerem perigo algum pra sociedade.*

No Recorte V, chegamos ao dilema que buscamos pensar nessa pesquisa, a vida do feto *versus* a vida da mulher. De acordo com a autora do texto em análise, o aborto ilegal mata um número de pessoas para além do número de fetos, que de qualquer forma iriam morrer. Isso quer dizer que independente de ser crime ou não, as mulheres continuarão praticando o aborto, o que muda com a descriminalização é o número de morte de mulheres que diminuiria, posto que elas não iriam mais se submeter a qualquer atendimento. Nesse sentido, a questão não é mais decidir entre a vida mais importante, mas sim buscar proteger aquela que está ao nosso alcance, nesse caso, a vida das mulheres.

*Recorte V: Simples. Porque o aborto ilegal e inseguro mata pessoas. Pessoas ALÉM do número x de fetos que já iriam morrer.*

Finalmente, no Recorte VI a autora afirma que o feminismo escolheu a opção que salva mais vidas, o que está em consonância com um dos princípios da ADE, o da proteção incessante da vida e o posicionamento contra tudo o que pode trazer sofrimento. “A ADE entende ideologia como sendo o modo de encarar o mundo, e o seu modo de encarar o mundo é pelo ângulo de uma defesa intransigente da vida” (COUTO, 2016, p. 449).

*Recorte VI: O Feminismo escolheu a opção que salva mais vidas. Escolhemos a opção que salva um maior número de pessoas. Independente de estas pessoas serem nascidas ou não.*

#### **4. Considerações finais**

A ADE, por defender a vida em seu sentido mais amplo, é a favor da descriminalização do aborto, no sentido de que a vida de muitas mulheres seria poupada, posto que elas não precisariam recorrer a práticas clandestinas. Outro fator que contribui para que a ADE seja a favor é o fato da descriminalização não implicar no aumento no número de casos de aborto, pois, pesquisas realizadas em países em que a prática foi descriminalizada, o número de abortos se manteve, porém, o número de morte de mulheres diminuiu. No entanto, o fato de ser a favor da descriminalização não quer dizer que ela seja a favor da prática em série. O que a ADE propõe é que cada caso deve ser analisado em sua especificidade. Afinal, ela considera que é necessário intervir em defesa da vida, dessa maneira, ela pode ser a favor da prática do aborto, pensando na defesa da vida daquelas mulheres que correm risco de vida ou por anomalias fetais graves e irreversíveis ou motivos psicossociais, ou aquelas mulheres que ficaram grávidas como resultado de um estupro, ou se submeteram a uma prática clandestina de abortamento etc. Há uma série de questões adicionais que são levadas em conta no momento de ser a favor de uma prática que em um primeiro momento pode parecer não estar a favor da vida.

Nesse sentido, deve haver uma ponderação entre a proteção da vida da mulher e a proteção da vida do embrião ou feto, na busca de equilíbrio. De acordo com os preceitos da ADE, isso é fundamental para que uma sociedade viva em paz. Quando falamos em descriminalizar o aborto,

## ECO-REBEL

a questão vai além de uma disputa entre qual seria a vida mais importante, ou seja, trata-se de entender por qual vida podemos fazer alguma coisa, no sentido de protegê-la.

Outro aspecto que nos permite afirmar que a ADE é a favor da descriminalização do aborto é o fato de sabermos que é por meio dessa mudança que as mulheres deixarão de se submeter aos vários tipos de sofrimentos causados pela prática ilegal do aborto, seja ele natural, social ou mental. A descriminalização permitirá que as mulheres tenham acesso a um atendimento especializado e com as condições de segurança necessárias, o que diminuirá o número de mortes, conseqüentemente o sofrimento natural. Esse atendimento deverá ser estendido a um acompanhamento psicológico, diminuindo assim o sofrimento mental e o social, na medida em que com o tempo e com maiores informações esse tema possa ser melhor aceito na sociedade. Desse modo, após a análise do texto entendemos que a descriminalização do aborto deve ser entendida como uma prática a favor da vida, não contra, no sentido de que estará resguardando a vida de inúmeras mulheres.

Uma das características da ADE é seu engajamento e seu caráter prescritivo, na medida em que propõe alternativas realizáveis que visam à eliminação do sofrimento e à preservação da vida. Dessa maneira, a ADE propõe a criação de medidas socioeducativas que possibilitem um maior conhecimento sobre o uso dos métodos contraceptivos e as questões sexuais, de modo a evitar a banalização do aborto. Como também um maior acesso da população aos métodos preventivos.

### Referências

ARAÚJO, L. L. Descriminalizar não é legalizar. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/descriminalizar-nao-e-legalizaregvd5w2od4wfyvjc81e7p6hji>> Acesso em: 26 de jun. de 2016.

CAVALCANTE, Alcilene; XAVIER, Dulce (Orgs.). Em defesa da vida: aborto e direitos humanos. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2006.

Código penal. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 138 p. Conteúdo: Código penal – Decreto-lei no 2.848/1940

COUTO, H. et al. (Org.) O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. –Goiânia: Editora UFG, 2016. 528 p.- (Coleção Síntese; v. 2)

COUTO, Hildo Honório do. COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. BORGES,

## ECO-REBEL

Lorena Araújo de Oliveira. Análise do discurso ecológica – (ADE) Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 9. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

COUTO, Hildo Honório. Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

FRANÇA, Genival Veloso de, 1935- Medicina legal / Genival Veloso de França. -- 11. ed. -- Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2017. il.

MIRABETE, J. F. Manual de direito penal: parte especial, arts. 121 a 234 - B do CP. 28. ed. São Paulo: Atlas, 2011. v. 2.

SCHOR, N.; ALVARENGA, A. T. O Aborto: Um Resgate Histórico e Outros Dados. Rev. Bras. Cresc. Dás. Hum., São Paulo, IV (2), 1994.

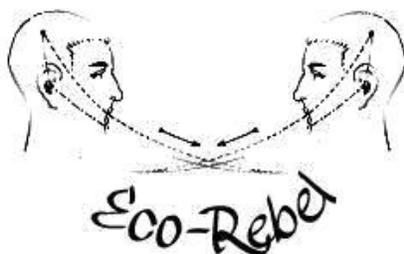
SILVA, Márcio M. G. Ideologias, coronavírus e análise do discurso ecossistêmica. ECO-REBEL v.6,n.2,2020. (<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32659/26615>)

TELES, Ney Moura. Direito penal: parte especial: arts. 121 a 212. São Paulo: Atlas, 2004. v.2.

UMA FEMINISTA CANSADA. Ser a favor da descriminalização do aborto é ser a favor da vida. 2012. Disponível em: <<http://www.feministacansada.com/post/35488631240>>. Acesso em: 26 de jun. de 2016.

Aceito em 5 de janeiro de 2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.



## UM ESTUDO DA RELAÇÃO ISLÃ-TERRORISMO PELA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA

Djiby Mane (Universidade de Brasília)

*O homem forte não é aquele que derruba seu adversário. O homem forte é aquele que se controla quando a raiva tenta dominá-lo (Hadith<sup>1</sup> de Bukhari).*

**Resumo:** Depois dos atentados aos três prédios do complexo do World Trade Center, em New York, Estados Unidos da América, em 11 de setembro de 2001, notou-se alguma intensificação de atos terroristas atribuídos e/ou reivindicados por grupos muçulmanos autodenominados jihadistas. Nesse sentido, além de averiguar a relação Islamismo-terrorismo, o presente estudo analisou as consequências de atos terroristas nas vítimas. Para tanto, o *Alcorão* – livro sagrado do Islã – foi de fundamental importância por constituir a principal fonte de informação religiosa, além das informações sobre os recentes atos terroristas cometidos na África e Europa. Como fundamentação teórica valeu-se das ideias de Haugen (1972), Couto (2007, 2015 e 2020) e Couto e Couto (2015). Por meio da análise de alguns casos de atos terroristas, foi possível perceber que as vítimas estão sujeitas aos sofrimentos físico, mental e social apontados pela Análise do Discurso Ecolinguístico. Com base na análise da palavra “*jihad*”, nos vieses pacífico (luta no caminho de Deus para fazer o bem) e bélico (luta armada como autodefesa), as violências perpetradas pelos grupos jihadistas não passam de má interpretação ou interpretação para fins próprios (políticos e econômicos). Como religião de paz, o Islamismo proíbe qualquer tipo de sofrimento à alma criada por Allah. Logo, diante de situações de terror causadas por supostos jihadistas que se dizem lutar em prol do Islã, não somente é necessário esclarecer alguns pontos para dissipar as dúvidas e calúnias que se espalham sobre aquela religião, mas também é dever dos muçulmanos se unirem em torno da verdade para defendê-la dos mais diversos tipos de acusações e lutar contra as injustiças por meio do poder da linguagem, sem qualquer tipo de violência.

**Palavras-chave:** Islã; Terrorismo; Sofrimento; ADE.

---

<sup>1</sup> É a palavra do Profeta Mohamed. Ele inclui “Sunna” e é mais amplo para incluir todas as palavras, ações e crenças do Profeta e qualquer ação a que ele tenha dado a sua aprovação explícita ou tácita ou desaprovção. É a fonte secundária do islã, já que o utiliza o Profeta Muhammad como um exemplo de como viver de acordo com as regras estabelecidas no alcorão.

**Abstract:** After the attacks on the three buildings of the World Trade Center complex in New York, United States of America on September 11, 2001, there was some intensification of terrorist acts attributed and / or claimed by Muslim groups called themselves jihadists. In this sense, in addition to investigating the relationship between Islam and terrorism, the present study analyzes the consequences of terrorist acts on victims. To this end, the Koran – the holy book of Islam – was of fundamental importance as it constituted the main source of religious information, in addition to information about the recent terrorist acts committed in Africa and Europe. As a theoretical foundation, it uses the ideas of Haugen (1972), Couto (2007, 2015 & 2020) and Couto & Couto (2015). Through the analysis of some cases of terrorist acts, it was possible to realize that the victims are subject to the physical, mental and social suffering pointed out by Ecosystemic Discourse Analysis. The word “*jihad*” indicates something peaceful (struggle in the way of God to do good) and war (armed struggle as self-defense). Therefore, the violence perpetrated by jihadist groups is nothing more than misinterpretation or interpretation of Islam’s principles for their own purposes (political and economic). As a religion of peace, Islam forbids any kind of suffering in the soul created by Allah. Therefore, faced with situations of terror caused by supposed jihadists who claim to fight for Islam, not only is it necessary to clarify some points to dispel doubts and slanders that spread about that religion, but it is also the duty of Muslims to unite around the truth to defend it from the most diverse types of accusations and fight injustices through the power of language, without any kind of violence.

**Keywords:** Islam; Terrorism; Suffering; EDA.

### 1.Considerações iniciais

Depois dos atentados aos três prédios do complexo do World Trade Center, em New York, Estados Unidos da América, em 11 de setembro de 2001, sem contar o conflito que opõe Israel e Palestina, os muçulmanos têm sido erroneamente associados ao terrorismo e à violência em geral. Tal associação se intensificou com a formação de grupos terroristas que se denominam “jihadistas”, cujo objetivo é defender a religião muçulmana e os países muçulmanos – Iraque, Líbia e Síria – por exemplo, invadidos pelo ocidente.

“Jihad”, “atos suicidas” ou “imposição da religião pela força” são exemplos de termos ou expressões clichês sobre o Islamismo, cuja relevância não é realmente questionada. Um amálgama os cristaliza, isto é, a relação Islã-terrorismo. E os eventos os reforçam, ou seja, os atos violentos cometidos por extremistas islâmicos.

De fato, a questão da possível ligação entre o Islamismo, os muçulmanos e a violência não deve ser entendida como “o Islã é violento?” Ou “os muçulmanos são violentos?” O terrorismo cometido por muçulmanos não está necessariamente ligado à sua identidade religiosa, pois existem outros fatores que estão à sombra e que fazem com que a luz seja simplesmente lançada sobre a identidade religiosa dos atores terroristas. Como esse terrorismo muçulmano de raízes socioeconômicas é legitimado pelos atores com base em referências religiosas (*Alcorão* e *Sunna*),

a culpa acaba apontada para o Islamismo. No entanto, olvida-se que tais referências religiosas são utilizadas subjetivamente. Por exemplo, ao fazer uso do *Alcorão* para justificar suas ações violentas, os terroristas fazem do Islã uma religião de guerra, isto é, violenta.

Diante do exposto, o presente estudo analisou a relação entre o Islamismo e o terrorismo, no intuito de verificar se os argumentos de que a religião muçulmana é uma religião violenta ou pelo menos que ela fornece justificativa para as ações terroristas cometidas por alguns de seus supostos seguidores são fundados ou tendenciosos. Em outras palavras, desejou-se verificar se a relação entre o Islã e o terrorismo é bem sustentada ou se é de uma falsa correlação causada pela abundância de atos terroristas cometidos por muçulmanos ou por outros fatores socioculturais.

Assim, o objetivo das linhas que se seguem foi averiguar a existência de uma causalidade entre terrorismo e Islamismo, no intuito de entender a relação entre aquela religião e o terrorismo, além de verificar se a religião muçulmana é realmente uma religião violenta.

Fundamentado em *Alcorão*, Haugen (1872), Couto (2007, 2015 e 2020) e Couto e Couto (2015), a presente pesquisa se deu em três partes, além das considerações iniciais e finais. A primeira parte evidencia algumas considerações sobre a Análise do Discurso Ecolinguística – ADE como uma área da Ecolinguística. Quanto à segunda parte, ela define o termo “*jihad*” e apresenta os seus princípios de paz e guerra, com base em algumas *suras*<sup>2</sup> retiradas do *Alcorão* sagrado. Por fim, a terceira parte analisa alguns dados de atos terroristas para entender o sofrimento dos sujeitos vitimados.

## 2. Ecolinguística e Análise do Discurso Ecolinguística

A Ecolinguística surgiu como um novo paradigma para a pesquisa linguística, expandindo a Sociolinguística para levar em conta não apenas o contexto social onde a língua está enraizada, mas também o contexto ecológico.

De cunho interacional e integradora, a Ecolinguística desenvolve um modelo de complexidade para dar conta em todos os níveis das inter-relações entre as línguas, as pessoas e seu ambiente (COUTO, 2007). Em outras palavras, ela considera a língua do ponto de vista da interação; ou seja, do mesmo modo que a Ecologia, onde se examina a interação entre os

---

<sup>2</sup> ‘S’ de ‘*sura*’ ou ‘*surata*’: Significa literalmente aquilo que está arrumado. Corresponde aos capítulos do Alcorão.

## ECO-REBEL

organismos e entre os organismos e o meio ambiente, a Ecolinguística explora a interação entre as línguas e entre as línguas e seu meio ambiente e a sociedade em que são utilizadas.

A Ecologia – base da Ecologia da Linguagem – tem sido definida como o estudo das interações entre os seres vivos e seu meio ambiente. Etimologicamente, o termo “ecologia” vem do grego antigo *oikos* (casa, *habitat*) e *logos* (ciência, conhecimento). Criada em 1866 pelo biólogo alemão Ernst Haeckel, a Ecologia é a ciência do *habitat*.

Uma definição geral admitida e particularmente utilizada em Ecologia Humana consiste em definir a ciência ecológica como a relação triangular entre os indivíduos de uma espécie, a atividade organizada desta espécie e o meio ambiente desta espécie (COUTO, 2007). Nesse ínterim, o meio ambiente é o produto e a condição desta atividade e, portanto, da sobrevivência da espécie, enquanto a atividade pode ser o próprio ato de comunicação, que somente será possível através da linguagem.

Sobre a questão, Haugen (1972, p. 325)<sup>3</sup> assevera que:

O verdadeiro meio ambiente de uma língua é a sociedade que a utiliza como um de seus códigos. A linguagem existe apenas na mente de seus usuários e só funciona para relacionar esses usuários uns aos outros e à natureza, ou seja, seu ambiente social e natural. Parte de sua ecologia é, portanto, psicológica: sua interação com outras línguas nas mentes de falantes bilíngues e multilíngues. Outra parte de sua ecologia é sociológica: sua interação com a sociedade na qual funciona como meio de comunicação.

Em Ecologia, o meio ambiente – conhecido como ecossistema – designa o conjunto formado por uma associação ou comunidade de seres (ou biocenose) e seu meio ambiente geológico e atmosférico (ou biótopo), ao passo que os elementos que constituem um ecossistema desenvolvem uma rede de interdependências que permitem manter o desenvolvimento da vida.

Nesse ecossistema se dão as inter-relações ou interações conhecidas como Ecossistema Fundamental da Língua ou Ecologia Fundamental da Língua – EFL (COUTO, 2007). Para Couto

---

<sup>3</sup> Do original: “*The true environment of a language is the society that uses it as one of its codes. Language exists only in the minds of its users, and it only functions in relating these users to one another and to nature, i.e. their social and natural environment. Part of its ecology is therefore psychological: its interaction with other languages in the minds of bi- and multilingual speakers. Another part of its ecology is sociological: its interaction with the society in which it functions as a medium of communication*” (HAUGEN, 1972, p. 325).

## ECO-REBEL

(2007), a comunidade é um ecossistema entendido como um agrupamento de pessoas, população ou povo (P), que tem um meio de comunicação em comum – a linguagem (L) – e que convive em um determinado espaço ou território (T).

Na EFL, a sociedade, entendida como população, povo ou grupo de pessoas (P) é o elemento dinâmico da comunidade. No caso em tela, ela é constituída por todos os muçulmanos do mundo, incluindo árabes e não árabes. Vale destacar que os árabes constituem um povo ou uma etnia cujo critério distintivo é o uso da língua árabe, sendo os não árabes aqueles que em todo mundo adotaram a religião muçulmana.

Em relação ao território (T), ele é entendido como um espaço delimitado, apropriado por um indivíduo, uma comunidade, um grupo social, para garantir sua reprodução e a satisfação de suas necessidades vitais. É uma entidade espacial, o local de vida do grupo. No caso em tela, ele se caracteriza pelo aspecto geográfico de todos os países árabes e comunidades muçulmanas.

A linguagem (L), por sua vez, não é um fenômeno isolado, mas faz parte de qualquer ser humano e, conseqüentemente, da sociedade. Ela é o requisito indispensável para o desenvolvimento da pessoa e do grupo social a que pertence; é entendida como um meio de comunicação que permite aos seres humanos expressarem seus sentimentos, seus pensamentos, suas emoções, isto é, um meio de interação.

A EFL insere-se com a Linguística Ecológica que, segundo Couto e Couto (2015, p. 91), “[...] é uma variante da ecolinguística que, como o próprio nome já sugere, tem no ecossistema seu ponto de partida”.

Sobre ecossistema linguístico, Couto (2015, p. 56) afirma que existem três, quais sejam:

1) ecossistema natural da língua, 2) ecossistema mental da língua e 3) ecossistema social da língua. Os três convergem ou se fundem no 4) ecossistema integral da língua. Em cada um deles a língua deve ser relacionada ao respectivo meio ambiente, no caso, o 1) meio ambiente natural, 2) mental e 3) social da língua.

O Ecossistema Natural da Língua é composto por um povo (P), morando em um espaço geográfico ou território (T) e compartilhando uma mesma língua como meio de comunicação (COUTO, 2015). Por exemplo, em Casamança, região sul do Senegal, tem-se o povo balanta (P<sub>1</sub>), que interage por meio da língua balanta (L<sub>1</sub>) e convive em um território (T<sub>1</sub>), mais conhecido pelo nome de ‘balantacunda’, que significa na língua mandinga “o território dos balantas”.

## ECO-REBEL

Quanto ao Ecosistema Mental da Língua, Couto (2015, p. 58-59) afirma: “O meio ambiente mental da língua é constituído de  $P_2$  mais  $T_2$ , pois é aí que se dão as interações mentais da aquisição, do armazenamento e do processamento da língua”. No caso do exemplo do balantacunda ( $T_2$ ),  $P_2$ , que envolve balantas, em sua maioria, mandingas, manjacas e mancanhas, as crianças adquirem o balanta ( $L_2$ ) no convívio com seus coleguinhas, enquanto em suas casas adquiriram e falam com seus pais na língua materna. Assim, em  $T_2$ ,  $P_2$  são geralmente bilíngues, claro, além do francês – língua oficial do país, que eles aprendem na escola.

Já o Ecosistema Social da Língua se refere ao meio ambiente social da língua e é o conjunto formado por  $T_3$  mais  $P_3$  – membros de uma população organizados socialmente (COUTO, 2015). Considerando o mesmo exemplo, como o nome indica, o balantacunda é formado principalmente pelo povo balanta, mas convive com mandingas, manjacos e mancanhas. Nesse ínterim, a interação de  $P_3$  se dá em  $T_3$  por meio do balanta  $L_3$  em grande parte dos casos de interações comunicativas. Mas devido ao importante papel do mandinga na islamização de balantas e manjacos, a interação também se dá pelo mandinga.

Tais ecossistemas da língua (natural, mental e social) evidenciam uma interdependência entre povo (P), território (T) e linguagem (L). A própria EFL já ensina que sem as bases físicas do território (T), não há povo (P) e, sem os membros do povo (P) convivendo, não há língua (L). Em outras palavras, para que haja língua (L), é necessário que exista um povo (P), cujos membros vivam e convivam em determinado território (T). Assim, o desaparecimento do território (T) implica o desaparecimento do povo (P) e o desaparecimento do povo (P) implica o desaparecimento da língua (L).

A Ecolinguística procura dar conta em todos os níveis das inter-relações entre as línguas, as pessoas e seu ambiente. E entre suas vertentes, uma consiste em analisar o papel do discurso no campo da Ecologia, isto é, a influência da linguagem na natureza e nos ecossistemas, que são fonte de todas as formas de vida: a Análise do Discurso Ecosistêmica – ADE.

Tradicionalmente, a análise do discurso é uma técnica de pesquisa em ciências sociais que permite questionar o que se faz enquanto fala, além do que se diz. Em outras palavras, é uma análise da articulação do texto e do lugar social em que é produzido (ORLANDI, 2007). É uma abordagem multidisciplinar que toma emprestados muitos conceitos das áreas de Sociologia, Filosofia e Psicologia, Ciência da Computação, Ciências da Comunicação, Linguística e Estatística Textual ou História. Aplica-se a objetos tão variados como, por exemplo, discurso político,

## ECO-REBEL

religioso, científico, artístico etc., além de se preocupar com os conceitos, a linguística e a organização narrativa dos discursos orais e escritos analisados.

Aplicada à Ecolinguística, a análise do discurso, sob o viés da ADE, é, segundo Couto (2020, p. 1), “uma área da Linguística Ecolinguística (LE), dedicada especificamente à análise, interpretação, comentário e crítica de textos-discursos”.

Com a abordagem da ADE, a Ecolinguística está preocupada com a forma como a linguagem está envolvida na formação, manutenção, preservação, influência ou destruição das relações entre os humanos, outras formas de vida e o meio ambiente.

Por ser em favor da vida, a ADE luta contra qualquer tipo de sofrimento que, segundo Couto e Couto (2015, p. 76), se dá em três, a saber: 1) Físico (natural); 2) Mental; ou, 3) Social. O sofrimento físico se refere a uma lesão, à mutilação de um órgão (a prática de excisão na África, que consiste em cortar parte do clitóris, por exemplo), à tortura física ou a qualquer tipo de ferimento aos seres vivos, sendo a morte o sofrimento físico máximo. Como exemplo, tem-se a COVID-19 – *Corona Virus Disease 19*, que se revelou violenta entre os casais, com os casos de brigas entre casais, além das mulheres estarem expostas a relações sexuais forçadas.

A título de ilustração, a seguir, tem-se o depoimento de uma mulher de Camarões na ocasião de uma pesquisa realizada por Laouan (2020, p. 3):

Sou vítima de vários atos de violência por parte do meu marido. Antes, ele não fazia nada para contribuir. Eu estava lutando para alimentar as crianças. Agora está difícil. Peço dinheiro a ele para alimentar a família e é o tempo todo brigas e discussões. Ele também me estupra – ele quer insistir. As crianças também brigam o tempo todo em casa.

O relato apresentado, ao apontar o sofrimento físico ao qual estão sujeitas as mulheres na pandemia em curso, evidencia que a violência de gênero se deve ao estresse social geral, combinado com as crescentes tensões em torno da família constantemente confinada em casa. Com o isolamento devido à COVID-19, em todo o mundo se deu algum aumento no número de casos de violência doméstica, uma vez que as mulheres em risco deste modal de violência estão confinadas em casa com seus agressores, não sendo possível sair para denunciá-los. Além disso, as mulheres estão mais expostas a abuso e exploração sexual devido ao isolamento e à promiscuidade.

## ECO-REBEL

Quanto ao sofrimento mental, ele pode ser causado via tortura verbal. E ainda, as medidas de isolamento da pandemia em curso levaram as pessoas a mudarem seus hábitos. Assim, o mais cruel é não poder beijar, abraçar, despedir-se de um ente querido, conforme o relato de uma ganesa na pesquisa realizada por Laouan (2020, p. 3): “O medo está em toda parte. As pessoas têm medo, até as crianças. Meus filhos não me abraçam mais porque têm medo de pegar o vírus”.

De fato, a pandemia da COVID-19 deixou as pessoas com medo: de contaminação; no sentido claustrofóbico, por ficar entre as quatro paredes 24 horas por dia, preocupadas e incomodadas com a paralização das atividades socioeconômicas etc., acarretando níveis elevados de *stress* e ansiedade provocados pelo volume massivo de notícias veiculadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs.

Já o sofrimento social pode ser provocado, por exemplo, quando alguém difama, cria intrigas e/ou desmoraliza outrem no contexto da comunidade a que pertence. Por exemplo, a confusão que se dá com a associação do Islamismo com o terrorismo cria uma marginalização dos muçulmanos, levando a uma islamofobia. Assim, para alguns, alguém que se diz muçulmano é passível de desconfiança, sendo sinônimo de terrorista pronto para agir a qualquer momento.

Diante do exposto, os tipos de sofrimentos supramencionados serão ilustrados no item 4 a seguir, tomando como exemplo as vítimas do jihadismo.

### 3. De *jihad* ao jihadismo

Faz-se importante entender as diferentes acepções da palavra “*jihad*”, cujo significado tem evoluído bastante, podendo ser sinônimo de paz e guerra santa. Nesse sentido, vale questionar: o Islamismo é mesmo uma religião violenta?

A palavra “Islã” é um substantivo verbal derivado do verbo *aslama*, que significa “se resignar, se submeter”. Em relação a Deus, significa: “Ele se tornou submisso a Deus”. Assim, aquela religião consiste em reconhecer quem é seu Senhor e reconhecer que sua atitude para com seu Senhor e Criador é de submissão e adoração, como ressalta o *Alcorão* (S. 2, V. 131): “Quando seu Senhor lhe disse: “Islamiza-te”<sup>4</sup>. Disse: “Islamizo-me, para O Senhor dos mundos”.

---

<sup>4</sup> Islamiza-te: tradução de *Aslim*, forma imperativa, derivada de *Aslama*, pretérito, do infinito *Islām*. O termo “*moslim*” corresponde, em árabe, ao particípio presente do verbo *aslama*, que, originalmente, significa entregar-se voluntariamente à obediência; e, restritamente, entregar-se ao Islão: a religião

## ECO-REBEL

Tal religião foi chamada de Islã pela simples razão de que nela o escravo (muçulmano) se submete completamente ao poder e controle do Senhor (Deus) e pratica sinceramente o ato de obediência a Ele – princípio fundamental de sua vida.

Do árabe “*gihad*” (esforço), o termo “*jihad*” significa “esforçar-se”, “tentar”, “lutar” ou “combater”. É um combate pessoal realizado contra si mesmo, ou seja, contra os desejos e as ambições egoístas de cada um.

No *Alcorão*, a palavra “*jihad*” prescreve para os seres humanos lutar e fazer esforços contínuos para alcançar e permanecer no caminho certo, como, por exemplo, lutar contra qualquer tipo de mal na sociedade, trabalhar para melhorar sua vida, a de seus filhos e a da sociedade, além de ajudar os mais necessitados. Assim, diz Allah no *Alcorão*: “E lutai por Allah, como se deve lutar por Ele” (S. 22, V. 78).

Ainda sobre a *jihad*, segundo Houaiss (2009, n. p.) é:

1. guerra santa muçulmana; luta armada contra os infiéis e inimigos do Islã. 2. dever religioso dos muçulmanos de defender o Islã através de luta [Pode ser cumprido, doutrinariamente falando, de quatro formas: pelo coração, purificando-se espiritualmente na luta contra o diabo; pela língua e pelas mãos, difundindo palavras e comportamentos que defendam o que é bom e corrijam o errado; ou pela espada, praticando a guerra física.

Assim, *jihad* é um esforço em si mesmo para alcançar o desenvolvimento moral e religioso. É também um conjunto de deveres religiosos de muçulmanos, que têm como objetivo melhorar, a título pessoal, a comunidade islâmica. Como combate de inspiração religiosa, ele pode assumir quatro formas, quais sejam: 1) Coração; 2) Língua; 3) Mão; e, 4) Espada, que podem ser agrupadas em duas, ou seja, as três primeiras constituindo o *jihad* como princípios de paz e, a quarta, constituindo o *jihad* da espada como princípio de guerra.

---

pregada por todos os profetas monoteístas. Tais termos derivam da raiz árabe *salam*, ou seja, paz. Daí, Islão: a Religião da Paz, e, *moslim*: aquele que se entrega inteiramente a esta religião de Deus. No *Alcorão*, o termo “*moslim*” qualifica todos os profetas e todo bom crente. Note-se que islamizar-se é neologismo calcado no verbo árabe, criado em função da necessidade de evitar ocorrência de perífrases, constantes, como, por exemplo, “entrego-me, submisso, a Deus”.

### 3.1. Princípios de paz de *jihad*

O *jihad* pelo coração é a luta do indivíduo contra seus desejos, suas paixões, seus equívocos e suas interpretações errôneas. Isso inclui a luta para purificar o coração, corrigir suas próprias ações e concretizar os direitos e as responsabilidades de todos.

Em outras palavras, é o *jihad* contra o ego e consiste em: 1) Lutar contra o seu ego através do estudo pelo caminho da felicidade e da religião; 2) Ensinar a religião para as pessoas que não a conhecem; 3) Ter paciência contra as provas da vida terrena; 4) Lutar contra as dúvidas inspiradas por Satanás; e, 5) Lutar contra o desejo ilícito e as tentações proibidas (*ALCORÃO*).

No que diz respeito ao *jihad* pela língua, refere-se ao poder da língua para incitar os muçulmanos a praticar a religião. Sobre a questão, Gnerre (1985, p. 03) assim ressalta o poder da linguagem:

O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico. Os casos mais evidentes em relação a tal afirmação são também os mais extremos: discurso político, sermão na igreja, aula etc.

O *jihad* pela língua está assim descrito no *Alcorão* (S. 9, V. 73): “Ó Profeta! Lute contra os descrentes e os hipócritas”. Tal luta significa o empenho do Profeta para ensinar seu povo sobre o Islamismo. Assim, o *jihad* pela língua é a prática da leitura, recorrendo sempre à língua árabe – língua do *Alcorão* – para os ensinamentos.

Já o *jihad* pela mão se assemelha com o *jihad* pela língua, uma vez que aquela se refere ao uso da escrita, como consta no *Alcorão* (S. 96, V. 4-5): “Quem ensinou a escrever com cálam, / ensinou ao ser humano o que ele não sabia”.

O termo em questão busca definir um esforço para a pregação e persuasão, a fim de que o Islã se espalhe por todo o mundo. Esse *jihad*, no sentido de “esforço”, é considerado “*jihad* maior”, sendo um dever que consiste em exortar a todos a fazer o bem e abster-se do mal, conforme dispõe o *Alcorão* (S. 25, V. 52): “Então, não obedea aos renegadores da Fé, Maomé, e ele<sup>5</sup>, luta contra eles (*Djahid Houm*), vigorosamente”).

---

<sup>5</sup> Ele: O Alcorão.

## ECO-REBEL

Assim, o *jihad* é um esforço exercido para combater as más tendências, sendo necessário respeitar as prescrições do *Alcorão* para promover, por um lado, sua unidade pessoal, e criar, por outro lado, dentro da sociedade, uma ordem social onde há justiça e liberdade individual e coletiva – tarefa realizada mediante esforço contínuo para melhorar seu conhecimento e aumentar o nível cultural e moral da comunidade muçulmana.

Não se trata, para o muçulmano, de obrigar seus semelhantes a cumprir com a verdade. Seu dever é refutar a opinião dos oponentes com base em provas, demonstrar por argumentos o que é verdadeiro e convencer persuasivamente aqueles que ainda duvidam. Assim, Allah se manifesta no *Alcorão* (S. 16, V. 125): “Convoca ao caminho de teu Senhor, com a sabedoria e a bela exortação, e discute com eles, da melhor maneira”.

Por vezes chamado de sexto pilar<sup>6</sup> do Islamismo, o *jihad* é dever e responsabilidade de todo muçulmano para convocar as pessoas a abraçar a fé religiosa – o que deve ser feito com sabedoria por meio de ensinamentos.

Em seu sentido denotativo, o termo “*jihad*” é sinônimo de combate, equivalente à guerra santa, mas em que “um santo nunca pisou em um campo de batalha”. Pelo contrário, é a luta do homem contra o profano em direção ao sagrado. No Islamismo, o combate é um dever; é uma luta eterna entre o certo e o errado, entre o bem e o mal – uma dicotomia que se opõe em cada ser humano perpetuamente. Assim, Allah ressalta no *Alcorão* (S. 2, V. 190): “E combatei, no caminho de Allah<sup>7</sup>, os que vos combatem, e não cometais agressão. Por certo, Allah não ama os agressores”.

De fato, não se tem religião ou espiritualidade alguma que incentive a violência. O fio condutor da razão e da fé é o respeito pela vida, isto é, sem qualquer tipo de sofrimento. A violência não têm nenhum tipo de justificação. A paz é um princípio fundador do Islã, ou seja, os termos “paz” e “Islã” estão etimológica e conceitualmente relacionados.

---

<sup>6</sup> Os cinco pilares do Islamismo são: 1) A profissão da fé; 2) O jejum; 3) O *zakat* (tipo de dízimo); 4) As cinco orações; e, 5) A peregrinação à Meca.

<sup>7</sup> A expressão “combater no caminho de Allah” quer dizer lutar pela religião de Deus, a fim de salvar o descrente do jugo da descrença. Do presente versículo até o 195 trata-se da permissão do combate, segundo o Islã, não somente para defendê-lo, mas para extinguir a idolatria.

## ECO-REBEL

E Allah convoca a Morada da paz<sup>8</sup> e guia, a quem quer, à senda reta (*ALCORÃO*, S. 10, V. 25).

Ó vós que credes! Entrai na Paz<sup>9</sup>, todos vós, e não sigais os passos de Satã. Por certo, ele vos é inimigo declarado (*ALCORÃO*, S. 2, V. 208).

O princípio do Islamismo é a paz. Logo, todos os muçulmanos devem praticar diariamente a religião no sentido de alcançar a paz. E ainda, a violência, seja por agressão convencional ou meios suicidas, não é permitida pelo Islã. A resposta de Abel a Caim ilustra bem a questão: “- Em verdade, se me estendes a mão, para matar-me, não te estarei estendendo a mão, para matar-te. Por certo, eu temo a Allah, o Senhor dos mundos” (*ALCORÃO*, S. 5, V. 28).

O princípio de paz do termo “*jihad*” pode ser notado nos cumprimentos dos muçulmanos: “*Assalamu Alaicum*” (Que a paz seja sobre vós); “*Alaicum assalamu wa Rahmatu Allahi wa Baracatu*” (Que sobre vós seja a paz e a misericórdia de Deus e Sua benção). Assim, é preciso lutar pela paz, mesmo contra aqueles que querem fazer uso da violência para resolver seus problemas. Lutar pela paz pode ser traduzido como um gesto de valorização da vida humana, isto é, preservar vidas na face da terra.

Diante do exposto, vale questionar: se o Islamismo é sinônimo de paz, submissão, qual sua relação com a violência? Tal vínculo, muitas vezes estabelecido, surge de uma interpretação equivocada do *Alcorão* e, em particular, da noção de *jihad*, traduzida como guerra santa?

### 3.2. Princípios de guerra de *jihad*

O *jihad* pela espada, *jihad* armado ou “pequeno *jihad*” é o mais conhecido dos significados do termo em questão. Ele foi definido com dois objetivos. O primeiro é uma resposta à agressão ou opressão, como indicado no *Alcorão* (S. 10, V. 39): “Para aqueles contra quem a guerra está envolvida, eles têm a permissão (para lutar), por causa de danos/erros; e, na verdade, Allah é o mais poderoso para ajudar”. Já o segundo consiste em libertar os povos perseguidos por regimes tirânicos, como se deu com os povos persas e bizantinos. Assim, segundo o *Alcorão* (S. 22, V. 39): “É permitido<sup>10</sup> o combate aos que são combatidos, porque sofreram injustiça. – E, por certo, Allah,

---

<sup>8</sup> Morada da paz: o Paraíso.

<sup>9</sup> Ou seja, “...entrai no Islã, a religião da Paz”.

<sup>10</sup> Tem-se aí o primeiro versículo corânico, que concede permissão aos muçulmanos de revidarem o combate dos renegadores da Fé, pois, em mais de 70 versículos, revelados anteriormente, isso lhes fora

## ECO-REBEL

sobre seu socorro, é Onipotente” – versículo revelado que especifica que o *jihad*, como forma bélica, somente pode ser uma resposta à agressão; ou seja, o Islã encoraja o povo oprimido a lutar por sua liberdade e ordena aos muçulmanos que ajudem aqueles que são oprimidos e sofrem.

Como guerra santa, o *jihad* é considerado pelos muçulmanos como uma obrigação individual e coletiva. É uma obrigação da comunidade quando a nação do Islã é ameaçada em sua existência ou em sua religião. Ele se assemelha à guerra e é o instrumento utilizado abusivamente por “terroristas islâmicos”. No decorrer da história serviu como argumento para diferentes grupos muçulmanos para justificar suas guerras contra outros muçulmanos ou contra não muçulmanos ou contra os incrédulos.

E quando os meses sagrados passarem, matai os idólatras, onde quer que os encontréis, e apanhai-os e sediai-os, e ficai a sua espreita, onde quer que estejam. Então, se se voltam arrependidos e cumprem a oração e concedem *az-zakah*, deixai-lhes livre o caminho. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordioso (*ALCORÃO*, S. 9, V. 5).

Tem-se aí o “versículo da espada”, ao qual gostam de se referir os adeptos do jihadismo, mas também aqueles que, no Ocidente, querem espalhar a ideia de que muçulmano e terrorista poderiam ser sinônimos.

Conforme o exposto, os ensinamentos do *Alcorão* apontaram que aqueles que morrem no *jihad*, ou seja, lutando pela causa de Allah para cumprir os propósitos divinos ou para promover o caminho de Allah, serão recompensados com acesso imediato ao Paraíso. Várias passagens daquele livro sagrado afirmam que os guerreiros mortos no campo de batalha realmente não morrem, mas trocam apenas sua vida terrena pela derradeira vida, como consta nos versículos que se seguem:

E não suponhas que os que foram mortos no caminho de Allah estejam mortos; ao contrário, estão vivos, junto de seu Senhor, e por Ele sustentados (*ALCORÃO*, S. 3, V. 169).

Que combatem, portanto, no caminho de Allah, aqueles que trocam a vida terrena pela vida futura. E quem luta no caminho de Allah, morto ou vitorioso, dar-lhe-emos uma grande recompensa (*ALCORÃO*, S. 3, V. 170).

---

vedado.

## ECO-REBEL

Em verdade, aquele que sacrifica sua vida no *jihad* nem sequer é considerado morto, como aponta o *Alcorão* (S. 2, V, 154) no seguinte versículo: “E não digais dos que são mortos no caminho de Allah: “Eles estão mortos”. Ao contrário, estão vivos, mas vós não percebeis”. Assim, deduz-se que aquele livro sagrado promete o Paraíso como recompensa para aqueles que morrem nos caminhos de Allah.

Também é válido destacar que a má interpretação, deformação ou incompreensão de um versículo do Alcorão tem por base três regras, a saber: 1) Não levar em conta as circunstâncias da revelação do versículo ou generalizar o que poderia ser aplicado a um caso especial; 2) Isolar o versículo do seu contexto literal; e, 3) Extrapolar o significado das palavras-chave.

No que diz respeito à “interpretação” do “versículo da espada” (*ALCORÃO*, S. 9, V. 5), os três processos supramencionados são realmente empregados. Nesse sentido, os defensores do *jihad* como forma bélica se esqueçam de ler o versículo 6: “E, se um dos idólatras te pede defesa, defende-o, até que ouça as palavras de Allah; em seguida, faze-o chegar a seu lugar seguro<sup>11</sup>. Isso, porque são um povo que não sabe” (*ALCORÃO*, S. 9, V. 6).

O *jihad* armado é uma interpretação de pregadores “jihadistas” extremamente minoritária e injustificada, segundo a definição dada no *Alcorão*. Assim, o *jihad* – uma obrigação para todos os muçulmanos – deve ser separado do contexto que alguns pregadores do ódio o têm interpretado para justificar o “*jihad* de espada” (*Jihad al-Sayf*).

### 4. Análise do Discurso Ecológico do jihadismo

O Islamismo, religião de paz, por vezes, é associado à violência devido aos ataques atribuídos e/ou assumidos pelo grupo Estado Islâmico – EI – organização criminosa que faz uso daquela religião para promover o terror em todo o mundo.

A propósito de atos terroristas ocorridos em vários cantos do planeta, a seguir tem-se uma abordagem das consequências desses ataques às vítimas que passam ou passaram por diferentes tipos de sofrimentos (social, físico e mental).

---

<sup>11</sup> Ou seja, chegar a seu lar, a sua comunidade.

### 4.1. Sofrimento social

Nos últimos anos, os ataques atribuídos ao EI e/ou a outros grupos similares ensanguentam o mundo, sobretudo, na Líbia, na Síria e em grande parte do continente africano.

A fim de evitar o sofrimento máximo: a morte (COUTO; COUTO, 2015), devido à violência perpetrada por grupos terroristas, muitas pessoas são forçadas a deixar seus países ou regiões de origem (Líbia, Síria, Mali e Nigéria, por exemplo), onde reina a ordem de grupos jihadistas, para tentar encontrar a paz em outros lugares. Mas até chegar lá, eles estão expostos a sofrimentos físico (andar muito ou arriscar suas vidas em embarcações de fortuna) e social (situações desumanas que enfrentam ao se aglomerarem em acampamentos improvisados, vivendo de ajuda de voluntários).

No caso dos indivíduos acampados, estes dependem da ajuda de Organizações Não Governamentais – ONGs humanitárias. Mas com as medidas de distanciamento provocadas pela pandemia da COVID-19, a ajuda tarda a chegar ou simplesmente não chega, resultando em fome, desnutrição e doenças diversas. E além da situação precária, aqueles sujeitos convivem com a dor de parentes que deixaram para trás – mortos ou por não lograrem fugir das atrocidades dos jihadistas.

Para ilustrar o sofrimento social tem-se o exemplo de 229 alunas sequestradas em uma escola nigeriana pelo movimento de insurgência jihadista – frequentemente referido como uma seita – denominado Boko Haram (“o grupo de pessoas engajadas na propagação dos ensinamentos do Profeta e da *jihad*” – nome verdadeiro – ou “a educação ocidental é proibida”).

No caso em tela, o sofrimento social dessas meninas se caracteriza pelo fato de serem mulheres (gênero). Para os jihadistas, a mulher não deve frequentar a escola. Tem-se aí uma discriminação de gênero, uma vez que o Islã preconiza que o homem é sempre superior à mulher.

Os homens têm autoridade sobre as mulheres, pelo que Allah preferiu alguns a outros<sup>12</sup>, e pelo que dispõem de suas riquezas. Então, as íntegras são devotas, custódias da honra, na ausência dos maridos, pelo que Allah as custodiou. E àquelas de quem temeis a desobediência, exortai-as, pois, e abandonai-as no leito, e batei-lhes. Então, se elas vos obedecem, não busqueis meio de importuná-las. Por certo, Allah é Altíssimo, Grande (ALCORÃO, S. 4, V. 34).

---

<sup>12</sup> Entende-se a primazia do homem na sociedade pela força física e pelos encargos de que é investido do que pelo grau de honra.

## ECO-REBEL

Além disso, ainda no caso em tela, têm-se ali mulheres católicas – o que remete ao fato de que as populações mais visadas são jovens, meninas, estudantes e cristãs, a quem o grupo ameaçaria com chicotadas, violência física ou morte até que se convertam ao Islamismo, parem de ir na escola e usem véu, por exemplo.

Para os jihadistas, o Islamismo é a melhor religião. Logo, todos devem se converter à religião muçulmana. Por isso, eles têm invadido vilarejos na África para obrigar os moradores católicos a se converterem; do contrário serão mortos.

Esses jihadistas, com uma indiferença quase geral, fazem uso da violência em nome do Islã para atingir os cristãos com força total, obrigando-os a se converter àquela religião e a abandonar a sua fé, sem falar na destruição e profanação dos símbolos religiosos cristãos.

Diante do exposto, é preciso destacar que o *jihad* é um meio de defender as diferenças, o pluralismo e a diversidade. Em outras palavras, é uma forma de defender a liberdade de escolha, conforme preconiza o *Alcorão* (S. 2, V. 256): “Não há compulsão na religião! Com efeito, distingue-se a retidão da depravação. Então, quem renega *At-Taghut*<sup>13</sup> e crê em Allah, com efeito, ater-se-á à firme alça irrompível. E Allah é Oniouvinte, Onisciente”.

### 4.2. Sofrimento mental

É sabido que muitos indivíduos se confinaram para fugir e se proteger de ataques terroristas. Com a pandemia da COVID-19, a situação tendeu a alguma piora pela exposição ao sofrimento mental, ou seja, pelo medo de um eventual ataque de jihadistas e pelo trauma da falta de apoio de agentes humanitários que tiveram que respeitar as medidas de distanciamento em suas casas ou hotéis.

Amontoados em pequenos abrigos, cobertos com palha ou plástico, alguns grupos são constantemente ameaçados por grupos armados vizinhos, doenças (desnutrição, cólera, diarreia, malária etc.). A isto, soma-se um novo flagelo global: o Coronavírus. Como a “ADE põe a ênfase em duas coisas fundamentais: 1) defesa da vida e 2) essa defesa inclui luta contra o sofrimento” (SILVA, 2020, p. 92), essas pessoas estão lutando contra esses inimigos invisíveis, sabendo que podem ser vítimas a qualquer hora.

---

<sup>13</sup> *At-Taghut*: aqui designa tanto Satanás quanto ao ídolo, ou qualquer outra coisa maléfica.

## ECO-REBEL

No que se refere aos indivíduos sequestrados por grupos jihadistas, eles sofrem física (tortura) e mentalmente, convivendo com a morte, sabendo que cedo ou tarde, os sofrimentos físicos e mentais podem se transformar no sofrimento máximo: a morte. Como exemplo de sequestro, tem-se o caso da francesa Sophie Pétronin, que foi libertada no dia 08 de outubro de 2020, depois de ter ficado quatro anos nas mãos de grupos jihadistas no Mali. Quando questionada sobre sua saúde por um jornalista, ela respondeu que estava bem, acrescentando que não foi vítima de violência; mas para amenizar seu sofrimento mental, ela teve que transformar sua detenção em retiro espiritual.

De fato, os atos terroristas maltratam não apenas os indivíduos, mas também familiares, colegas, vizinhos e, em última instância, a sociedade. O impacto, portanto, vai muito além das vítimas diretas individuais. As vítimas exibem uma resposta de *stress* e medo quando expostas à violência e imprevisibilidade do evento – o que pode resultar em distúrbios do sono, manifestações de ansiedade ou agressão. Nesse sentido, a utilização de transportes públicos ou a ida a determinados estabelecimentos comerciais são postas em causa, com frequentes reações de evitamento e fobias da comunidade.

A escalada de ataques terroristas criou e ainda cria um clima de desconfiança, pois qualquer pessoa pode ser suspeita ou ser alvo, resultando na desintegração do tecido social, acarretando o individualismo e/ou medo, por exemplo. No individualismo, todos vivem mais retraídos, uns com medo dos outros – o que pode levar ao xenofobismo. Nesse sentido, as pessoas podem ter medo da religião muçulmana, isto é, dos muçulmanos, pela confusão comum entre muçulmanos e extremistas islamistas.

### 4.3. Sofrimento físico

No tocante ao sofrimento físico, como exemplo, têm-se os atentados ao periódico *Charlie Hebdo*, ocorridos em 2015, deixando, além de mortos, sobreviventes que convivem até hoje com as sequelas (medo, trauma, insônia, *stress* etc.). Ali, os jihadistas se serviram de um armamento de guerra pesado para matar qualquer pessoa – estratégia comparada a de uma guerra regular. Mas, na abertura do processo que julga os jihadistas sobreviventes, os jihadistas mudaram de estratégias: ao invés de carregar armas para sair atirando, optaram por uma guerra híbrida, que consistiu no uso de faca para atacar as pessoas.

## ECO-REBEL

Nas comemorações que marcam os cinco anos dos ataques terroristas ao *Charlie Hebdo*, o jornal republicou as caricaturas do profeta Maomé. Como resposta ou não a tais provocações, um ataque a facadas se deu em 25 de setembro, em Paris, no 11º distrito, perto de suas antigas instalações, deixando pelo menos dois feridos, incluindo um gravemente. Mesmo que esse agressor alegue se vingar das caricaturas do profeta que marcam essa comemoração – o que é uma difamação, portanto, sofrimento social e mental por parte dos muçulmanos do mundo inteiro –, tal ação não justifica agredir pessoas inocentes ou não a facadas (sofrimento físico).

A republicação das caricaturas do profeta Maomé desencadeou uma onda de ataques terroristas na França. Assim, em 16 de outubro de 2020, um professor de História e Geografia que apresentou as caricaturas do profeta em suas aulas foi decapitado. Na homenagem póstuma ao professor ocorrida no pátio da Universidade de Sorbonne, o presidente francês Emmanuel Macron, em seu discurso, afirmou que a França não vai baixar a guarda para o terrorismo, a liberdade de imprensa será respeitada e as caricaturas continuarão a ser publicadas – discurso que desencadeou revolta em muitos países muçulmanos, com o boicote de produtos franceses.

Em 29 de outubro de 2020, a França foi mais uma vez vítima de ataques terroristas. Em uma igreja na cidade de Nice ocorreu um ato terrorista que deixou uma mulher de 70 anos decapitada, duas pessoas mortas a bala, além de feridos em estado grave. No mesmo dia, ocorreu um atentado a facada nas imediações do Consulado da França em Jedá, Arábia Saudita. Embora sejam isolados, comparado a um lobo solitário, os perpetradores de atos terroristas como esses, sempre juram fidelidade à Al Qaeda ou ao EI – os principais grupos terroristas na atualidade.

A cada ataque terrorista, o tamanho do sofrimento pode ser físico – lesões físicas, em particular –, estético (amputação, lesões faciais ou nas mãos), a perda de alguém próximo (família, amigo, colega) em ataques jihadistas, além de vítimas fatais de atentados e/ou sequestros seguidos de morte, morte por degolamento, amputações etc. Esses ataques terroristas criam uma “polarização” (SILVA, 2020, p. 91), opondo “Estado *versus* jihadistas”, para aqueles que entendem que os jihadistas são como um lobo solitário, agindo por conta própria, sem relação com o islã. Mas, os últimos ataques desencadeados pela republicação das caricaturas do Profeta Maomé mostram que se trata de uma polarização geral “muçulmanos *versus* mundo”.

Dos três tipos de sofrimentos supramencionados, infelizmente, o mais frequente é o físico, até porque o terrorismo sempre age para matar. Nesse sentido, os jihadistas, no sentido bélico do termo “*jihad*”, estão prontos para atacar (dar bote) a qualquer momento quando a ocasião se

## ECO-REBEL

apresentar. Eles não têm nada a perder, por serem movidos pela suposta ideia de que quem morre no caminho de Allah não está morto ou terá o Paraíso garantido. Mas, é importante ressaltar que eles não têm nada a ver com o Islamismo, ou seja, com a religião de paz.

Diante de tantos sofrimentos, é possível questionar: por que o homem é um lobo para o próprio homem? Como os terroristas agem fazendo sempre referência ao *Alcorão*, será que algumas das palavras ali existentes, apesar de tudo, contradizem os atos terroristas islamistas? Claro que há passagens daquele livro sagrado que clamam pela paz entre os muçulmanos, como, por exemplo: “Perguntam-te, Muhammad, pelos espólios. Dize: “Os espólios são de Allah e do Mensageiro<sup>14</sup>. Então, temeí a Allah e reconciliai-vos. E obedeci a Allah e a Seu Mensageiro, se sois crentes” (*ALCORÃO*, S. 8, V. 1); ou com seus inimigos, desde que garantam a paz: “E, se eles se inclinam à paz, inclina-te, também, a ela, e confia em Allah. Por certo, Ele é O Oniouvinte, O Onisciente; [...]” (*ALCORÃO*, S. 8, V. 61); em particular ou – pelo menos de acordo com alguns intérpretes – na liberdade de religião: “Não há compulsão na religião! Com efeito, distingue-se a retidão da depravação. Então, quem renega At-Taghut<sup>15</sup> e crê em Allah, com efeito, ater-se-á à firme alça irrompível. E Allah é Oniouvinte, Onisciente” (*ALCORÃO*, S. 2, V. 256).

Mas nenhum texto proíbe guerra, combate ou vingança em geral. Logo, a questão não é tanto se existem passagens com vocação pacífica, mas sim, como entender as passagens que incentivam o combate, a vingança e a guerra. O problema aqui reside no fato de que a teologia islâmica não desenvolveu até então uma hermenêutica que possa justificar que versos do *Alcorão*, como os que se seguem, sob certas condições, não são mais válidos para a atualidade:

Dize: “Se vossos pais e vossos filhos e vossos irmãos e vossas mulheres e vossos clãs, e riquezas, que ganhastes, e comércio, de que receais a estagnação, e vivendas, de que vos agradais, são-vos mais amados que Allah e Seu Mensageiro e a luta em Seu caminho, então, aguardai até que Allah faça chegar Sua ordem. E Allah não guia o povo perverso (*ALCORÃO*, S. 9, V. 24).

Na verdade, são numerosos os versículos onde Allah denuncia e condena veementemente esse tipo de crime hediondo e ameaça com punições sem precedentes aqueles que o praticam.

Segundo o *Alcorão*, a guerra constitui uma “obrigação indesejada”, que deve ser

---

<sup>14</sup> Somente Deus indica quem possuirá os espólios, impedindo ao Mensageiro em dividi-los, conforme a vontade divina.

<sup>15</sup> *At-Taghut*: aqui, designa tanto Satanás quanto ao ídolo, ou qualquer outra coisa maléfica.

## ECO-REBEL

absolutamente travada em respeito aos valores morais humanos, devendo ser utilizada como último recurso. Nesse sentido, vale destacar que a palavra “Islã” vem da mesma raiz árabe da palavra “paz”, ao passo que aquele livro sagrado condena a guerra como um evento anormal contrário à vontade de Deus: “Cada vez que acendem um fogo para a guerra, Allah, apaga-o<sup>16</sup>. E eles esforçam-se em semear a corrupção na terra. E Allah não ama os corruptores” (*ALCORÃO*, S. 5, V. 64).

Diante do exposto, os versículos de Deus são muito claros. O Islamismo não justifica, em nenhum caso, a matança de civis, independentemente das circunstâncias. Mas, nos últimos anos, ou melhor, nos últimos meses ou dias, muitas violências perpetradas por muçulmanos que acreditam que é a única forma de divulgar a religião muçulmana e proteger países invadidos pelo ocidente, matando em nome de Allah e se autodenominando “jihadistas”, têm sido empreendidas.

O objetivo do Islã é estabelecer felicidade, paz e amor para todos os seres vivos. A própria fé é cheia de bondade, piedade e amor. As relações entre as pessoas são prescritas apenas com base no respeito. Aquela religião condena todas as manifestações de violência e crueldade.

O *Alcorão* possui passagens que são diferentemente interpretadas pelos islamistas e pelo resto do mundo muçulmano? Sem dúvida, existem diferentes passagens naquele livro sagrado onde Allah convoca Maomé para lutar e travar uma guerra contra os pagãos. A partir de 622 d.C., ele liderou várias guerras ofensivas e defensivas em Medina. Até mesmo o *Alcorão* promete àqueles que morrem lutando “no caminho” de Deus ir para o céu.

Então, quando deparardes, **em combate**, os que renegam a Fé, golpeai-lhes os pescoços, até quando os dizimardes, então, acorrentai-os firmemente<sup>17</sup>. Depois, ou fazer-lhes mercê<sup>18</sup>, ou aceitar-lhes resgate, até que a guerra deponha<sup>19</sup> seus fardos. Essa é a **determinação**, li, se Allah quisesse, defender-Se-ia<sup>20</sup> deles, mas **Ele vos ordenou a guerra**, para pôr-vos à prova, uns com outros. E aos que são mortos, no caminho de Allah, Ele não lhes fará sumir as **boas** obras (*ALCORÃO*, S. 47, V. 4) (grifo meu).

---

<sup>16</sup> Fazer guerra contra Muhammad é inócua, pois Deus a faz malograr.

<sup>17</sup> Os: os que escaparam à morte.

<sup>18</sup> Ou seja, outorgar-lhes a liberdade, sem resgate.

<sup>19</sup> Ou seja, até que as armas sejam depostas, ou até que reine a paz.

<sup>20</sup> Se Deus quisesse, triunfaria sobre eles, sem a necessidade do combate, enviando-lhes um castigo fulminante.

Com base nessa citação, a obrigação fundamental da comunidade islâmica de se envolver no *jihad* é enfatizada. A questão é como abordar essas narrativas na atualidade. Logo, tem-se em jogo a interpretação e o uso atual dos textos do *Alcorão*.

### 5.Considerações finais

Ao trabalhar para propagar a desumanização do outro e o martírio religioso em escala planetária, os crimes monstruosos que estão sendo perpetrados por jihadistas evidenciam quantas vezes os homens podem ser escravos das paixões assassinas encorajadas por certas ideologias. O que intriga os cidadãos de fé muçulmana, no entanto, é ver o Islamismo servir como justificativa para assassinatos em massa e o papel que os grupos extremistas desempenham nas referências muçulmanas em sua construção do inimigo e na sua concepção binária e totalitária do mundo.

Os atos terroristas afetam não apenas os indivíduos, mas também suas famílias, seus colegas, seus vizinhos e, em última instância, a sociedade. O impacto, portanto, vai muito além das vítimas diretas individuais. Entre as consequências nefastas e perniciosas dessa ideologia destrutiva e errônea tem-se a desestabilização da paz e da segurança, a ausência de tranquilidade e serenidade e a disseminação do terror, culminando nos sofrimentos social, mental e físico das vítimas.

É difícil listar as desastrosas consequências geradas por este vulcão que cospe e impulsiona sua lava e suas chamas ardentes na direção de sociedades impotentes que vivem em paz e segurança. Em verdade, tem-se aí um fenômeno de turbilhão sinistro e enlouquecedor, que transforma a atmosfera de tranquilidade e serenidade em um pesadelo que causa horror, pavor, pânico e ansiedade. Ele deixa para trás apenas a desolação, a destruição, os infortúnios e os gritos incômodos de mães enlutadas, viúvas tristes, órfãos e feridos abandonados, pobres esquecidos e deficientes físicos.

Diante desse clima de terror, a disseminação da informação pela cobertura midiática sobre o terrorismo pode levar os não muçulmanos a confundir a ideia de que todos os muçulmanos são islamistas, isto é, terroristas. Mas, é importante ressaltar que os islamistas são apenas uma pequena minoria entre os muçulmanos.

O Islamismo não é, portanto, uma religião intrinsecamente violenta, mas uma religião preferencialmente pacífica, humanista e universalista. Embora o Islã, às vezes, tenha se espalhado

## ECO-REBEL

violentamente ao longo da história, essa violência não é específica dele, mas semelhante à vivida pelo Cristianismo, por exemplo, durante as Cruzadas medievais.

Se a palavra “Islã” é sinônima de paz e amor, os jihadistas estão derramando sangue de inocentes ou não em todos os quatro cantos do mundo. O terrorismo é uma forma cega e atroz de violência que não cessa de derramar sangue inocente em várias partes do mundo. Assim, o Islamismo exorta os fiéis a opor “as armas do amor” contra o “terrorismo”. Ele condena a “violência sem precedentes” de militantes islamistas que “profanam o nome de Deus”, na tentativa de justificar suas ações pela religião. Assim, se Deus é amor, então, exortar as pessoas para a paz é uma forma de *jihad*, independentemente da religião, isto é, praticar o bem em detrimento do mal.

### Referências

NOBRE ALCORÃO. Traduzido por Dr. Helmi NASR. Professor de Estudos Árabes e Islâmicos na Universidade de São Paulo, Brasil, s/d.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

\_\_\_\_\_. Linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, 2015, p. 47-81. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>

\_\_\_\_\_. Análise do discurso ecossistêmica – ADE: conceituação e pequeno histórico. *Boletim do GEPLA - Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecossistêmica*, n. 4, 2020. Disponível em:

[http://www.ecoling.unb.br/images/Nmero-4\\_2020.pdf](http://www.ecoling.unb.br/images/Nmero-4_2020.pdf)

COUTO, Hildo; COUTO, Elza; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológico – (ADE)*. Coleção: Linguagem e sociedade Vol. 9 Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa 3.0, 2009*.

LAOUAN, Fatouma Zara. *Analyse rapide du genre - COVID-19 Afrique de l'Ouest* - avril 2020.

Disponível em <https://reliefweb.int/report/benin/analyse-rapide-du-genre-covid-19-afrique-de-louest-avril-2020> e acessado em 19/09/2020.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2007.

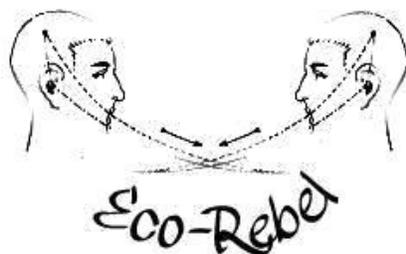
SILVA, Márcio M. G. Silva. Coronavírus, ideologias e análise do discurso ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, 2020. Disponível em:

## **ECO-REBEL**

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800> .

Aceito em 02 de janeiro de 2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.



## UMA LEITURA DISCURSIVO-ECOSSISTÊMICA DO CONTO ‘MARIA’ DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Michelly Jacinto Lima Luiz (UFG/NELIM)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/ NELIM)

**Abstract:** This article analyzes the short story “Maria”, by Conceição Evaristo, from the perspective of Ecosystemic Discourse Analysis, to observe how the discourse of racial prejudice impels the subjects to practice violence against the black population, in addition to determining the way the Afro-Brazilian population interacts socially. This story tells the story of the character Maria, a black woman, who lives in a slum, works as a domestic worker in the home of a high-income family. On the way home, after another day of work, she gets on a bus that is assaulted by her ex-partner. The man is the father of her first child and her great love. She becomes a victim of lynching, as a result of a mistake. Ecosystemic Discourse Analysis, proposed by Couto (2014), has as central concepts the valorization of life and the fight against avoidable suffering, and adheres to the ideology of life. It was noticed that this narrative highlights discrimination and prejudice against black people and disadvantaged economic class, in addition to focusing, through disharmonious interactions, the contempt and exclusion suffered by black people and women.

**Key-words:** Afro-Brazilians; Ecological Discourse Analysis; Discrimination.

**Resumo:** Este artigo analisa o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, da perspectiva da Análise do Discurso Ecológico, para observar como o discurso de preconceito racial impele os sujeitos a praticarem violências contra a população negra, além de determinar a forma como a população afro-brasileira interage socialmente. Este conto narra a história da personagem Maria, mulher negra, que vive em uma favela, trabalha como empregada doméstica na casa de uma família de alto poder aquisitivo. Na volta para casa, depois de mais um dia de trabalho, entra em um ônibus que é assaltado pelo seu ex-companheiro, pai de seu primeiro filho e seu grande amor, e morre, vítima de linchamento, em decorrência de um engano. A Análise do Discurso Ecológico, proposta por Couto (2014), tem como conceitos centrais a de valorização da vida e a luta contra o sofrimento

evitável, defendendo a ideologia da vida. Percebeu-se que essa narrativa evidencia a discriminação e o preconceito contra as pessoas negras e de classe econômica desfavorecida, além de colocar em foco, por meio de interações desarmônicas, o desprezo e a exclusão sofridos pelas pessoas negras e do sexo feminino.

**Palavras-chave:** Afro-brasileiros; Análise do Discurso Ecológica; Discriminação.

### Introdução

O conto “Maria”, da coletânea *Olhos d’água* (2016), já havia sido publicado na edição de número 14 dos *Cadernos Negros* (1991). No livro *Olhos d’água* percebe-se que Conceição Evaristo coloca em evidência a população afro-brasileira, versando sobre a pobreza e a violência pública e privada que os acometem. Na obra estão presentes “mães, filhas, avós, amantes, homens e mulheres, todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição” (EVARISTO, 2016). Neste livro a autora denuncia e critica as difíceis condições enfrentadas pela comunidade negra no Brasil.

Tendo em vista a obra desta autora nota-se que o lugar que o negro ocupa na sociedade é estabelecido pela memória histórica e coletiva que o brasileiro tem do negro. Assim, pode-se dizer que a memória é um fator determinante na identidade social e no padrão de vida dos afro-brasileiros, pois observamos que o negro ainda é vítima do preconceito decorrente da memória da escravidão vivida no Brasil há séculos. Esse fato é discutido pelo historiador Jaime Pinsky (2010, p. 7) que assevera que “a herança escravista continua mediando nossas relações sociais quando estabelece distinções hierárquicas entre trabalho [...], quando determina habilidades específicas para o negro (samba, alguns esportes, mulatas) e mesmo quando alimenta o preconceito e a discriminação social”, isto é, a escravidão não é um fato passado uma vez que determina o *modus vivendi* de uma grande parcela da população.

Nessa perspectiva, a Literatura Afro-brasileira vem se desenvolvendo como um ato político. Como afirma Maringolo (2014, p. 10) “a Literatura Afro-brasileira deve ser vista como um espaço quilombola por excelência, onde os sujeitos, criadores e narradores de seus discursos, libertam a palavra poética instaurando um espaço de lutas”. Com efeito, a literatura é um instrumento de resistência contra as imposições sociais de depreciação resultante do passado, é uma das formas utilizadas por esse grupo para transpor o lugar social que lhe foi imposto pela sociedade.

## ECO-REBEL

Esta pesquisa intenciona analisar o conto “Maria”, da autora Conceição Evaristo, da perspectiva da Análise do Discurso Ecológica, para observarmos como o discurso de preconceito racial leva as pessoas a praticarem violências contra a população negra, além de determinar a forma como essa população interage socialmente. O conto “Maria” narra a história da personagem Maria, uma mulher negra, que vive em uma favela, trabalha como empregada doméstica na casa de uma família de classe alta e batalha para criar seus três filhos sozinha. Na volta para casa, depois de mais um dia de trabalho, entra em um ônibus que é assaltado pelo seu ex-companheiro, pai de seu primeiro filho e seu grande amor, e morre, vítima de linchamento, em decorrência de um engano.

A autora dessa obra, Conceição Evaristo, é a escritora negra de maior representatividade no Brasil, pois é uma militante ativa da luta contra o racismo. A escritora mineira coleciona obras de grande importância para a literatura nacional, pois a partir dos seus escritos houve um enfoque na literatura afro-brasileira que a entende como um instrumento de luta pacífica.

Para a confecção deste artigo nos alicerçamos na corrente teórica Análise do Discurso Ecológica, proposta por Couto (2014), que é um campo da Linguística Ecológica, que analisa como os discursos se constituem a partir da ideologia da vida e da visão ecológica de mundo. Ela não é uma disciplina voltada apenas para discursos ecológicos, antiecológicos ou pseudoecológico; o que ela faz é análise ecológica dos discursos em estudo.

Este artigo divide-se em três partes. Na primeira, há uma discussão sobre o que esse estudo entende por literatura afro-brasileira, evidenciando os critérios adotados pelos críticos para classificá-la. Depois, são abordados os pressupostos teóricos da Análise do Discurso Ecológica, que apresenta os parâmetros de análise nos quais essa pesquisa se ancora para investigar o objeto em estudo. Por fim, mobiliza os conceitos supracitados na análise do conto *Maria*.

### **1. A Literatura Afro-brasileira: Um instrumento de luta pacífica**

Os estudos do percurso do negro na Literatura brasileira evidenciam duas perspectivas. A primeira, aborda o negro como objeto, mostrando-o, muitas vezes como protagonista, de uma forma distanciada da sua realidade, com o que o negro é visto como tema das narrativas. A segunda perspectiva versa sobre o negro como sujeito, o autor de sua história, um indivíduo social ativo.

## ECO-REBEL

Nesta visão, existe a literatura sobre o negro e a literatura do negro, como afirma Proença Filho (2004, p.176)

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira.

Essa postura da literatura relaciona-se diretamente com os movimentos de conscientização dos negros no Brasil da atualidade. Aos poucos, escritores negros e descendentes de negros estabelecem a atitude de manifestar em seus escritos o comprometimento com a etnia. Dessa forma, o autor Proença Filho (2004, p. 18) afirma que para ser considerada Literatura Afro-brasileira deve ser

uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais, e históricas condicionadoras, caracteriza-se por certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularidade cultural. Lato sensu, será negra a arte literária feita por quem quer que seja, desde que centrada em dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros.

Na perspectiva desse autor, a Literatura Afro-brasileira vincula-se a uma acepção restrita, isto é, quando emerge de uma conjuntura histórica de exigência pelos negros de determinados valores caracterizadores de uma identidade. Essa vinculação ocorre através da associação aos movimentos de afirmação do negro e a partir da tomada de consciência de sua situação social.

A expressão “literatura afro-brasileira” tem gerado discussões entre autores, críticos e público leitor que buscam o reconhecimento das realizações e descobertas dos antigos e novos escritores negros e afrodescendentes. Existe uma polêmica muito intensa em relação a essa denominação, porque uma parcela da crítica não a reconhece ou a intitula de literatura negra.

De acordo com Bernd (1988), a concepção de literatura negra não está relacionada à cor da pele ou à temática do autor, mas emerge da evidência textual, cuja coerência é dada pelo advento de um eu enunciativo que se reconhece como negro. Admitir essa condição e emitir o discurso em primeira pessoa se configura como a técnica mais utilizada pela literatura negra, consistindo em um dos seus marcadores estilísticos mais perceptível. Dessa maneira, pode-se dizer que

a presença de uma articulação entre textos, determinada por um certo modo negro de ver e de sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do

## ECO-REBEL

vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho de resgatar uma memória negra esquecida legitimam uma escritura negra vocacionada a proceder a desconstrução do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia. Logo, uma literatura cujos valores fundadores repousam sobre a ruptura com contratos de fala e da escritura ditados pelo mundo branco e sobre a busca de novas formas de expressão dentro do contexto literário brasileiro (BERND, 1988, p. 22).

Tendo isso em vista, percebe-se que a Literatura Afro-brasileira construída na atualidade se diferencia das obras literárias anteriores que apenas utilizam o negro como tema, ou é assim caracterizada pela apresentação de um eu enunciator que se deseja negro. Como assevera Macedo (2010, p. 279), essa literatura “indicaria um conjunto de produtos, de autoria afrodescendente, que tematizaria a negritude a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do negro no Brasil”.

A literatura afro-brasileira tem existência real e mantém um diálogo permanente com a literatura brasileira, ela é atual e praticada nas grandes cidades brasileiras, além de estar presente, também, nas literaturas regionais. Ademais, pode-se afirmar que “essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa” (DUARTE, 2011, p. 376).

Ainda fazendo coro a Duarte (2011), é importante asseverar que a produção literária afrodescendente no Brasil apresenta elementos que a diferencia e lhe confere especificidades, e que esses elementos vão além dos fatores literários, pois utilizamos alguns fatos discursivos como critérios para classificar a literatura afro-brasileira, tais como: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público.

No que diz respeito à temática, o negro é o tema principal da literatura afro-brasileira, contudo, ela também pode abordar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, bem como a denúncia da escravidão e de suas consequências. A “temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Novo Mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à oralidade” (DUARTE, 2011, p. 386).

Dentro dos aspectos temáticos, existe outra vertente dessa multiplicidade temática que se ancora na história contemporânea e que transporta o leitor para os dramas vividos na modernidade, como é o caso do conto em estudo. É necessário ressaltar que a escolha da temática afro está relacionada com sua interação com outros elementos, como autoria e o ponto de vista.

## ECO-REBEL

O critério de autoria é controverso, uma vez que implica na observação de alguns fatores: o biográfico e o fenotípico, a imprecisão do que é ser negro no Brasil e a literatura negra de autoria branca. “É preciso compreender a autoria não apenas como um dado exterior, mas como uma constante discursiva integrada à materialidade da construção literária” (DUARTE, 2011, p. 388).

A autoria é um parâmetro que está intrinsecamente relacionado ao ponto de vista, que é o terceiro fator que define a literatura afro-brasileira. Esse critério é visto como um indicativo preciso, não somente da visão de mundo do autor, como também do conjunto de valores morais e ideológicos que estabelecem as opções até lexicais na representação (DUARTE, 2011).

O ponto de vista dentro da literatura afro-brasileira tem seu ápice com a criação da série *Cadernos negros* em 1978, onde foi veiculado pela primeira vez o conto *Maria*. Ele foi proposto pelo grupo paulista Quilombhoje, que é formado por escritores paulistas com o intuito de debater e aprofundar a experiência dos escritores afro-brasileiros na literatura nacional. Este grupo busca incentivar e viabilizar a disseminação de conhecimentos e informações, e elaborar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre a literatura e cultura negra. Dessa forma, a literatura afro-brasileira

remete à adoção de uma visão de mundo própria e distinta da do branco, a superação da cópia de modelos europeus e a assimilação cultural imposta como única via de expressão. Ao superar o discurso do colonizador em seus matizes passados e presentes, a perspectiva da afro-identidade configura-se enquanto discurso da diferença e atua como elo importante dessa cadeia discursiva (DUARTE, 2011, p. 394).

Outro critério importante é a linguagem. Esta, de acordo com Duarte (2011), é um dos elementos que demarca a diferença cultural do texto literário. A literatura é delimitada pela constituição discursiva com intuito de alcançar um determinado nível estético, além de abordar valores éticos, culturais, políticos e ideológicos. Contudo, há a necessidade de se evidenciar o trabalho com a linguagem em relação a esses valores.

Dessa forma, a linguagem é um dos parâmetros a serem observados na produção literária afrodescendente. Nessa perspectiva, Duarte (2011) assevera que a afro-brasilidade se torna perceptível a partir do leque vocabular relacionado às práticas linguísticas provenientes da África e introduzida no processo transculturador vigente no Brasil, ou como afirma Duarte (2011, p.394-395),

de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua. Isto porque, bem o sabemos, não há linguagem inocente, nem

## ECO-REBEL

signo sem ideologia. Termos como negro, negra, crioulo ou mulata, para ficarmos nos exemplos mais evidentes, circulam no Brasil carregados de sentidos pejorativos e tornam-se verdadeiros tabus linguísticos no âmbito da ‘cordialidade’ que caracteriza o racismo à brasileira.

O quinto critério é o maior desafio, um público específico, marcado por uma enorme diferença cultural e que visa a uma afirmação identitária. “No caso, o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado segmento da população, mas o faz também a partir de uma compreensão do papel do escritor como porta-voz de uma comunidade” (DUARTE, 2011, p. 398). Desse modo, essa nova literatura emerge no cenário literário brasileiro e busca interferir num processo complexo e numa área adversa, tendo grandes obstáculos para implantar o gosto pela leitura em crianças e jovens, num contexto marcado pelos meios eletrônicos de comunicação.

É nesse cenário que se institui a árdua tarefa de se levar ao leitor a literatura afro-brasileira. É preciso que os leitores tenham contato não somente com a diversidade da literatura afrodescendente, mas também com os modelos identitários que estão se reconfigurando e que essa literatura possa estabelecer um diálogo com as expectativas do público, lutando contra o preconceito e inibindo a discriminação, como ocorre com o grupo Quilombhoje.

A busca do público leva à postura do grupo Quilombhoje, de São Paulo, de ir onde o povo negro está, vendendo os livros em eventos e outros circuitos alternativos de mercado editorial. E explica a multiplicação de sites e portais na Internet, nos quais o receptor encontra formas menos dispendiosas de fruir o prazer da leitura. Resta, então, trabalhar por uma crescente inclusão digital para que se concretize nessa estratégia a saída frente às dificuldades existentes tanto no âmbito da produção editorial, quanto na rarefação de um mercado consumidor de reduzido poder aquisitivo (DUARTE, 2011, p. 399).

Em suma, para classificar a literatura afro-brasileira é imprescindível observar a interação entre os critérios estabelecidos, isto é, a temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público leitor, parâmetros estes que necessitam estar presentes e atuar como constantes discursivas nas produções literárias afro-brasileiras.

## 2. Pressupostos teóricos: Análise do Discurso Ecológica

A escolha do aporte teórico desse trabalho se justifica por ele se desenvolver no seio do paradigma ecológico, que é um paradigma científico que prima pela diversidade. Esse paradigma científico funciona como um sustentáculo dos estudos ecológicos e estabelece que eles sejam analíticos, descritivos, prescritivos e objetivos (DOURADO 2017). Assim, pesquisas desenvolvidas sobre esse prisma propõem ações interventivas para a melhoria da qualidade de vida

## ECO-REBEL

nos ecossistemas, e é em decorrência desse caráter interventivo e da busca por essa melhora na sociedade que adotamos a ADE, que é ecológica em sua epistemologia, ontologia e metodologia.

A Análise do Discurso Ecológica é parte da Linguística Ecológica, que emprega, de forma literal, os mesmos conceitos da ecologia biológica nos estudos da linguagem. Essa teoria se ancora na visão ecológica de mundo (VEM), o que a leva a buscar alternativas que minimizem o sofrimento e aumentem os esforços pela manutenção da vida.

Segundo Nowogrodzki (*apud* MACHADO, 2017, p. 90), a visão ecológica de mundo se configura como a “busca por ressaltar a diversidade, a cooperação, a harmonia e a tolerância como formas de bem-estar e bem conviver em uma comunidade, negando a centralidade dos poderes que venham a assujeitar, explorar, discriminar ou oprimir”. Assim, observa-se que a ADE, baseada nessa perspectiva de mundo ecológica, se propõe a analisar os discursos que perpassam pela sociedade, prescrevendo atitudes realizáveis que possam reconfigurar a homeostase do ecossistema analisado.

Por ter como fundamento epistemológico a Ecologia, a Análise do Discurso Ecológica utiliza de forma não metafórica os conceitos da Macroecologia, tais como: ecossistema, interação, adaptação, evolução, diversidade holismo e porosidade. Além de trazer outros conceitos baseados nas práticas ecológicas, como: ecologia da interação comunicativa, ecoideologia/ideologia da vida, comunhão etc.

Assim como na Ecologia, o ecossistema também é o conceito central da ADE. Esse conceito aplicado à língua constitui o ecossistema integral da língua que é composto pela interação entre povo (P), território (T) e língua (L). Partindo dessa concepção é necessário que para que haja L, é imprescindível a existência de um P, cujos membros habitem e se relacionem em um T (COUTO, 2016). Esse ecossistema integral da língua é formado por outros três ecossistemas integrantes, sendo eles: ecossistema natural da língua, ecossistema social da língua e ecossistema mental da língua.

O ecossistema natural da língua se refere aos elementos físicos da língua, isto é, tanto o território, quanto o povo são entendidos como entidades físicas e a língua como a forma natural de interação desse povo. Nesse sentido, o P é visto como um povo concreto (brasileiros), L é a língua própria desse povo (português) e o território é local onde esse povo habita (Brasil), por exemplo.

Já o ecossistema social da língua é composto pelo povo organizado socialmente. Fazendo coro a Couto (2016, p. 228) nesse ecossistema “a sociedade é o ‘lugar’ em que se dão as interações

## ECO-REBEL

dos seres sociais da coletividade, é o ‘território’ social, a totalidade de tudo que constitui a cultura do povo em questão, de tudo que tem valor social”. Portanto, P representa a coletividade, L um fenômeno social e T a sociedade.

O ecossistema mental da língua se ocupa da maneira como a língua é armazenada, produzida e processada no cérebro de cada indivíduo. Couto (2016, p. 226) explica que “as interações da língua no interior de cérebros se dão nas conexões entre os neurônios, mais especificamente, nas sinapses entre dendritos e axônios”. Assim, P refere-se as conexões neurais, T ao cérebro e L o sistema da língua mais o léxico.

Faz-se necessário ressaltar que esses ecossistemas não atuam de forma isolada, mas simultaneamente, formando o ecossistema integral da língua. Além desse ecossistema linguístico a ADE também observa as interações que ocorrem no interior do ecossistema cultural, uma vez que entende que a “língua e a cultura são interações coexistentes e, por vezes, codependentes em uma comunidade” (DOURADO, 2017, p. 37).

O ecossistema cultural é definido por Couto (2018, p.49) como uma “totalidade dos signos e sistemas de signos de determinada comunidade, ou seja, tudo que é compartilhado por seus membros convivendo em determinado lugar, tanto no nível material como no imaterial”. Assim, esse ecossistema é parte fundamental da imagem social de um povo, pois retrata os elementos que constituem a sociedade, tais como: crença, costumes, artefatos e a língua.

Para analisar os ecossistemas a ADE lança mão da Ecologia da Interação Comunicativa (EIC), que se ocupa dos componentes do fluxo interlocucional, isto é, dos elementos que constituem o diálogo. Ao se debruçar sobre os atos de interação comunicativa, ela aborda os componentes linguísticos e os paralinguísticos. Desse modo, dedica-se ao estudo do cenário onde a interação acontece, do falante e do ouvinte que estabelecem a comunicação, das regras interacionais que determinam as regularidades da interação de uma sociedade, das regras sistêmicas que dizem respeito à gramática da língua e dos circunstantes do assunto abordado no diálogo. Couto (2017, p.26) assevera que a Análise do Discurso Ecológica, nome anterior da Análise do Discurso Ecológico, é

vê no texto um produto da interação, mas um produto que é parte de uma EIC. É claro que no caso de um romance é muito difícil partir do momento em que o escritor o produziu e o leitor o leu, ou seja, é praticamente impossível abordar esse processo como um todo, o processo da interação comunicativa. É impossível reconstruir a EIC que lhe deu origem. No caso de textos filosóficos, científicos, de ficção ou poético, a dificuldade é ainda muito maior. No entanto, esse é o objetivo da concepção linguístico-ecossistêmica de texto. Ela

## ECO-REBEL

faz um percurso no sentido contrário ao da tradição. Esta vai do produto para o processo de produção, às vezes ficando só no processo de produção, sendo o produto um componente desse processo.

Pautados nessa afirmação podemos ver que para a ADE o discurso é o processo de produção de sentido nas redes das interações comunicativas de uma dada comunidade. Assim, observamos que nessa perspectiva o estudo do discurso se dá como uma busca por compreender o modo que os membros de uma comunidade se inter-relacionam em sua realidade biopsicossocial, examinando textos orais e escritos produzidos, lidos e compartilhados entre eles (DOURADO, 2017, p. 133).

Dessa forma compreendemos que assim como na Ecologia os conceitos de ecossistema e interações ou inter-relações são basilares para a análise do objeto de estudo, que no caso dessa pesquisa é o conto do livro *Olhos D'água*. As interações dizem respeito a todas as formas de inter-relações entre os membros de uma comunidade, sejam elas intraespecíficas, que se dão entre seres de uma mesma espécie, ou interespecíficas, entres seres de espécies diferentes. Ademais, podem ainda ser classificadas como harmônicas e desarmônicas.

Nos contos em estudo averiguamos que as interações se dão, em grande parte, de forma intraespecíficas desarmônicas, porque, retratam conflitos entre membros de uma mesma comunidade, ou de uma mesma classe social, como no caso de Maria, que é protagonista do conto que tem por título seu nome, que é linchada dentro de um ônibus, por pessoas da classe trabalhadora assim como ela, por acreditarem que era cúmplice dos bandidos que assaltaram o ônibus.

O conceito de holismo é uma nova forma de compreensão científica, pois baseia-se na ciência moderna que em suas análises parte do todo para as partes. Capra (2002, p. 81) assim se pronuncia sobre essa questão: “enquanto na mecânica clássica, as propriedades e o comportamento das partes determinam as propriedades e o comportamento do todo, a situação na mecânica quântica é inversa: é o todo que determina o comportamento das partes”. Dessa forma, para estudarmos o conto “Maria”, do livro *Olhos D'água*, de forma holística é necessário observarmos toda a história, para depois nos atermos aos detalhes que levaram ao desfecho da narrativa.

Os organismos estão sempre se adaptando ao meio ambiente em que vivem, pois os que não se adaptam tendem a se extinguir. O meio ambiente está sempre se transformando e, para que os seres continuem inseridos nele, eles precisam se adaptar a essas novas configurações. Essas transformações surgem com o intuito de preservar a homeostase do ecossistema, como asseverado

## ECO-REBEL

por Couto (2007, p. 32), “sempre que houver alteração em determinado ponto da teia de relações, algum tipo de alteração ocorrerá com o objetivo de manter a integridade do todo.” Na obra em estudo é perceptível a insistente tentativa da personagem em se adaptar a tudo que a vida lhe impõe.

Desse modo, adaptação e evolução caminham juntas, pois adaptar-se é evoluir. O ecossistema está sempre evoluindo devido ao seu caráter dinâmico. Alguns autores têm preferência por utilizar termos como “transformação” no lugar de evolução, já que esta traz, em sua carga semântica, a ideia de mudança para melhor, porém, não é sempre que essas transformações trazem benefícios. Em Couto esse termo é preservado, porque ele o utiliza para indicar os rearranjos que ocorrem no meio ambiente, causados por essa característica dinâmica e evolutiva.

Para Couto (2015a, p. 40), a evolução “tem muito a ver com adaptação. Adaptar-se é evoluir, evoluir é adaptar-se. O nascimento, envelhecimento e morte de um organismo ou de uma espécie é evolução que não tem uma teleologia. Ela se dá ao acaso, mesmo que no sentido da teoria do caos.” O que invalida a falsa ideia de que evoluir significa aperfeiçoar, avançar, progredir. Essa concepção distorce, inclusive os postulados de Darwin sobre a evolução, uma vez que ele afirma que o indivíduo evolui para adaptar-se.

O conceito de porosidade nos estudos do ecossistema é imprescindível, pois o ecossistema é poroso, difuso e fluído. Ao observar suas características, notamos que não há uma linha limite entre cada ecossistema e, por não haver uma delimitação prévia, cabe ao observador delimitar o ecossistema que irá estudar. Contudo, mesmo depois de este ter sido delimitado pelo observador, ele pode se sobrepor por meio das migrações e da troca de energia entre eles. Em síntese, pode-se afirmar que os ecossistemas não existem de forma isolada e, ainda, que eles interferem uns nos outros. De acordo com Couto (2007, p. 34), “os ecossistemas, mesmo após assim delimitados pelo observador, se imbricam uns nos outros, havendo migrações de organismos entre eles, troca de matéria e energia, de modo que é difícil, se não impossível, dizer-se onde termina um ecossistema e onde começa outro.”

Tão ou mais importante do que a porosidade é o conceito de diversidade, que diz respeito à ampla variedade de espécies de organismos que compõem o ecossistema. A Ecologia entende que todo ser tem um papel no ecossistema e sem ele o ecossistema perderia o equilíbrio. Mesmo que os humanos não percebam sua importância, na perspectiva da natureza ela tem uma função. Isto é, “a presença de um predador pressupõe a da presa, e ambos são necessários para o equilíbrio

do sistema. Afinal sem o grande não há o pequeno, sem o fraco não há o forte, sem o feio não há o bonito” (COUTO, 2007, p. 34).

Contudo, o principal conceito trabalhado pela ADE é o da Ideologia da vida, que se posiciona de forma contrária a todo sofrimento evitável. O sofrimento pode se dar de três modos: mental, social e físico. O sofrimento mental é ocasionado por atitudes que constroem e oprimem o sujeito. O sofrimento social ocorre quando o indivíduo é exposto e ridicularizado em público. Já o sofrimento físico se configura como ações contra o corpo do sujeito, tendo como ápice a morte. No conto em estudo, como observaremos a seguir, a personagem é exposta a todos os tipos de sofrimento.

### 3. Maria sob o olhar Ecológico

O Brasil, assim como todo o Ocidente, adota uma visão de mundo bipolar, pois em sua visão excludente não há a junção dos opostos e sim uma ruptura, os conceitos são encarados de forma polar, como bom/ruim, alto/baixo, escuro/claro e longe/perto; nessa concepção ou se escolhe um ou outro.

A Análise do Discurso Ecológica possui uma concepção diferente, por adotar uma visão oriental, baseada no Taoísmo, que entende que os dois polos são parte integrante de um todo, ou pela visão ecológica de mundo, defendida e praticada por Fritjof Capra e Arne Naess. Nessa concepção, “os termos polares não devem ser separados mediante uma barra (/), mas unidos por um hífen (-), que junta duas palavras diferentes para formar um composto (como *menino-prodígio*), um todo; ele funciona como uma ponte” (SILVA, 2020, p.97).

O conto “Maria”, analisado neste artigo, é marcado por essa cosmovisão ocidental; temos uma protagonista negra e pobre, num sentido antagônico ao que é considerado ideal pela nossa sociedade, isto é, branca e rica, características do colonizador. Por não estar em conformidade com as práticas de população hegemônica, a personagem é desconsiderada e até mesmo agredida, por não a considerarem importante.

Assim, a história pessoal de Maria é atravessada pela história social, uma vez que a violência a que é submetida é um reflexo da hostilidade que vem se propagando, desde a constituição do Brasil, contra o negro, por ser um povo de cor diferente do europeu. Nesse sentido, observa-se que a discriminação racial na atualidade é fruto de uma memória em que o colonizador julgava o negro como raça inferior e incapaz.

## ECO-REBEL

### Recorte I

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. **Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço.** A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão? A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida! Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida (EVARISTO, 2016, p. 39-40, grifo nosso).

Conceição Evaristo inicia a história apresentando o contexto da vida da protagonista Maria. Ela era uma mulher humilde, estava feliz por levar para casa os restos de comida que tinham sobrado da festa da casa da patroa no dia anterior. Era uma mulher batalhadora que utilizava transporte público, trabalhava de doméstica em casa de família e criava os filhos sozinha. A narrativa a apresenta como uma boa mãe, pois durante todo o conto é possível vê-la pensando nos filhos, no xarope que iria comprar, pois os filhos estavam gripados, se os filhos iriam gostar das frutas que estava levando.

Nesse excerto, percebe-se que a escritora apresenta as duras vivências de mulheres negras em matéria de suas histórias ficcionais. Segundo Conceição Evaristo (2009, p.19-20), a Literatura Afro-brasileira “dá visibilidade a negros, valoriza a etnicidade, uma vez que expõe a identidade negra das personagens, destacando os aspectos físicos e os aspectos culturais que trazem a africanidade, e evidencia tanto a inclusão quanto a exclusão sofrida por afrodescendentes no Brasil”. A autora ainda acrescenta que “faz-se necessário que a literatura afro-brasileira se torne, cada vez mais, conhecida, por trazer esse discurso que não estereotipa a população negra, mas sim valoriza e dá-lhes o direito de significar”.

Dessa forma, observa-se que o projeto literário no qual o conto em estudo está inserido é uma forma de denúncia, de reescrita de história, é um modo de enfrentamento diante dos discursos racistas que excluem o negro. Nesse sentido, pode-se dizer que esse conto é um instrumento de luta aos moldes de Gandhi, uma das inspirações da ADE, pois nessa narrativa a autora denuncia e

## ECO-REBEL

manifesta-se em defesa da comunidade afrodescendente, utilizando as palavras para prescrever e recomendar uma atitude em defesa da vida de todos que constituem nossa sociedade.

Evaristo (2009, p. 18) ao comentar sua escrita diz: “quando escrevo, quando invento, quando crio minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta”. Assim, pode-se dizer que suas histórias estão embebidas na sua luta contra o preconceito racial.

### Recorte III

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela **puta safada** lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: **Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois**. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: **Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!** O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, **a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher**. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria (EVARISTO, 2016, p. 41-42, grifos nosso)

Nesse excerto, ao observarmos as escolhas lexicais utilizadas para se referir a Maria, percebe-se uma hostilidade. O termo *puta* está relacionado a mulher libertina, que não tem pudor, e isso remete a uma mulher que não possui valores. O vocábulo *safada* diz respeito a uma pessoa obscena, desavergonhada. Essas palavras são utilizadas contra a protagonista porque vivemos em uma sociedade machista que trata a mulher com inferioridade, legitimando essas atitudes de violência contra a mulher, como afirma Ritt, Cagliari e Costa (2014, p.15):

A violência cometida contra a mulher é um fenômeno histórico que dura milênios, pois a mulher era tida como um ser sem expressão, uma pessoa que não possuía vontade própria dentro do ambiente familiar. Ela não podia sequer expor o seu pensamento e era obrigada a acatar ordens que, primeiramente, vinham de seu pai e, após o casamento, de seu marido.

Essa violência no conto “Maria” ultrapassa o campo verbal e vai para o campo físico, pois além de ofender a protagonista com adjetivos pejorativos, o rapaz, que incita todos contra a

## ECO-REBEL

personagem, ainda lhe dá um tapa na cara. Aqui pode-se notar que é construído um discurso de superioridade e poder sobre Maria, uma vez que se sentem no direito de utilizar vocábulos pejorativos e ainda agredi-la fisicamente, como se ela não tivesse nenhum valor.

Vê-se que Maria está sendo submetida a todos os tipos de sofrimento. Couto, Couto e Borges (2015, p. 142), afirmam que “no caso dos humanos, o sofrimento pode ser físico (natural), mental ou social”. A protagonista é humilhada diante de muitas pessoas expondo seu eu social, sofre muita pressão abalando o seu psicológico e é agredida fisicamente causando-lhe dor.

Quando Maria responde às ofensas a que estava sendo submetida, a denominam de *negra atrevida*. “O racismo é uma atitude que se manifesta na língua com muita frequência. Expressões pejorativas para com pessoas da raça negra são muito comuns” (COUTO, 2007, p. 352). O negro é considerado inferior e sempre tratado de maneira depreciativa, a identidade negra

é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as) (GOMES 2005, p. 43).

Ao se posicionar em pé de igualdade com os agressores, que se sentiam superiores, Maria tenta contrapor-se ao lugar social relegado aos negros, buscando mudar essa situação de desigualdade e inferioridade na qual ela se encontra.

A ADE prima pelo respeito à diversidade, uma vez que “a não aceitação da diversidade implica intolerância, o que pode conduzir à agressividade e à violência, sobretudo contra as minorias de todos os tipos” (COUTO, 2016, p. 446). Essa intolerância é percebida no conto Maria, uma vez que a não aceitação do negro acarretou o linchamento de Maria e sua morte, que para a ADE é considerado o sofrimento máximo.

### Considerações finais

Conceição Evaristo, que ao escolher essa temática e não outra, assume sua condição de mulher e negra, se posiciona lutando pela igualdade racial e de gênero e representando tantas vozes silenciadas, como a da personagem Maria, que compõem essa parcela da sociedade. A autora utiliza a literatura como um meio de adaptação para viver nessa sociedade racista, pois o grupo que não se adapta à evolução, seja ela biológica ou cultural, tende a deixar de existir (COUTO,

2016). E esse conto apresenta uma forma de defesa da vida negra, uma tentativa de continuar existindo.

O conto aqui estudado é um instrumento de denúncia, utilizado pela escritora para revelar as vivências e sofrimentos da mulher negra e pobre nesse país, relatando a história de uma mulher que dentro de suas limitações enfrenta uma sociedade patriarcal e preconceituosa. Essa narrativa evidencia a discriminação e o preconceito contra as pessoas negras e de classe econômica desfavorecida, colocando em foco, por meio de interações desarmônicas, o desprezo e a exclusão sofridos pelas pessoas negras e do sexo feminino.

Por fim, percebeu-se que toda a violência e sofrimento vivenciados pela personagem Maria foi em decorrência de conceitos pré-estabelecidos, relacionados à mulher e ao negro, que ainda estão presentes na memória coletiva do povo brasileiro. É essa memória que ainda revela a identidade do negro em nossa sociedade.

### Referências

BERND, Zilé. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CAPRA, F. *O tao da física*. São Paulo: Editora Cutrix, 2002.

COUTO, Hildo H do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. Linguística Ecolinguística. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n. 1, p. 39-62, 2015. Disponível em: (11/01/2017).

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>

\_\_\_\_\_. Ecosistema cultural. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 4, n. 1, p. 44-58, 2018. Disponível:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9914/8757> (14/05/2019).

\_\_\_\_\_. Linguística Ecolinguística Crítica ou Análise do Discurso Ecológica. In: COUTO, E. et al. (orgs.). *Antropologia do Imaginário, Ecolinguística e Metáfora*. Brasília: Thesaurus, p. 27-41, 2014.

COUTO, H. et al. (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. *Análise do Discurso ecológica – ADE*. Campinas: Pontes Editores, 2015. DOURADO, Zilda. *As inter-relações entre*

*língua, corpo e cultura na roda de capoeira sob o viés da Ecolinguística*. Tese de Doutorado em Linguística – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. 138p.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2011.

EVARISTO, Conceição. “Maria”. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

\_\_\_\_\_. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta* v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510> (22/07/2019).

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: SECAD, 2005. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf> (22/07/2019).

MACEDO, Tania. O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil: algumas questões. In: SECCO, Carmen T.; SALGADO, Maria T.; JORGE, Silvio R. (orgs.). *África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ /Angola: UEA, 2010. p. 277-84.

MACHADO e SILVA, Lais Carolina. O discurso político de Marina Silva sob a perspectiva da análise do discurso ecológica. Dissertação de Mestrado: UFG, 2016. MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. *Ponciá Vincêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo: Construindo histórias por meio de retalhos de memórias*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Ciências e Letras Campus Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014, 132p.

PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, p. 161-93, 2004. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017) (28/05/2020).

RITT, Caroline Fockink; CAGLIARI, Cláudia Taís Siqueira; COSTA, Marli Marlene da. *Violência cometida contra a mulher compreendida como violência de gênero*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s.d. Disponível em:

[http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigo\\_violencide%20genero](http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigo_violencide%20genero) (22/07/2019).

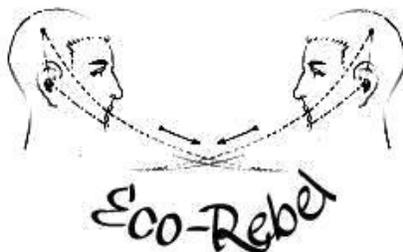
SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecolinguística. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)* v. 06, n. 02, p. 90-106, 2020. Disponível em:

## **ECO-REBEL**

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622> (07/11/2020)

Aceito em 30 de dezembro de 2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.



## A VULNERABILIDADE JURISLINGUÍSTICA DO CONSUMIDOR À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICA

Tadeu Luciano Siqueira Andrade (Universidade do Estado da Bahia/ Universidade de Brasília)

**Resumo:** Com a evolução dos estudos linguísticos, novas áreas surgiram preocupando-se não apenas com as estruturas, mas também como essas estruturas funcionam na interação comunicativa e nos diferentes contextos discursivos. Destacamos entre essas novas áreas, a Ecolinguística e, posteriormente, a Análise do Discurso Ecológica (ADE) para compreender os diferentes usos linguísticos nos contextos discursivos e pragmáticos. Neste artigo, enfatizamos a ADE na seara jurídica. Dessa forma, este artigo sustenta-se em duas bases: uma de natureza jurídica, haja vista as interações em contextos forenses e os ritos que norteiam essas interações; outra de natureza linguística, levando em conta os aspectos semânticos do discurso jurídico, analisando o fenômeno jurídico em uma visão de mundo ecológica.

**Palavras-chave:** Interação; Direito; Linguagem; Contexto.

**Abstract:** With the evolution of linguistic studies, new areas have emerged that concern themselves not only with structures, but also how these structures work in communicative interaction and in different discursive contexts. Among these new areas, we highlight Ecolinguistics and, later, Ecological Discourse Analysis (ADE) to understand the different linguistic uses in discursive and pragmatic contexts. In this article, we emphasize ADE in the legal field. Thus, this article is based on two bases: one of a legal nature, considering the interactions in forensic contexts and the rites that guide these interactions; another of a linguistic nature, taking into account the semantic aspects of the legal discourse, analyzing the legal phenomenon in an ecological world view.

**Keywords:** Interaction; Law; Language; Context.

### Introdução

O consumidor, nas relações intersubjetivas advindas da compra ou prestação de um serviço, encontra-se em um estado de vulnerabilidade que, segundo Artigo 4º, I do Código de Defesa do Consumidor (CDC), constitui o princípio básico de qualquer relação de consumo. Essa vulnerabilidade, no contexto jurídico, é vinculada à identificação de fraqueza ou debilidade de um

dos sujeitos da relação jurídica consumerista, considerando determinadas condições ou qualidades a eles inerentes (MARQUES; MIRAGEM, 2014). Por isso, é necessário definirmos a vulnerabilidade a que estamos nos referindo, uma vez que o CDC emprega o termo *vulnerabilidade* no singular, quando, na verdade, trata-se de vulnerabilidades e dependem de cada caso concreto. Temos, por exemplo, as seguintes vulnerabilidades: jurídica, fática, ambiental, psicológica, econômica, social (MORAES, 2010). Entre essas vulnerabilidades, há uma que permeia grande parte das relações jurídicas consumeristas, mas não analisada pelos doutrinadores. Estamos falando da vulnerabilidade jurislínguística, que se configura mediante a junção das vulnerabilidades jurídica e línguística (ANDRADE, 2017).

Para este artigo, fizemos a interação entre as vulnerabilidades jurídica e línguística. Por isso, adotamos a expressão vulnerabilidade jurislínguística. O termo jurislínguística surgiu no Canadá e foi empregado por Claude G mar para se referir   interface entre Direito e Línguística (PREITE, 2013).

A jurislínguística não se preocupa apenas com a reda o, terminologia, lexicografia jurídicas, mas também com questões de natureza sint tica, semântica e pragmática do discurso jurídico. Há autores que adotam a expressão línguística jurídica, empregada pela primeira vez por Francois Geny na obra *Science et Tecinique em Droit Priv  Positif* (Ciência e Tecnologia em Direito Privado Positivo), publicada em 1921 na França, principalmente no capítulo VIII intitulado *a linguagem instrumento de técnica jurídica* (MACEDO, 1986).

Não desprezamos as outras vulnerabilidades, uma vez que todas estão interligadas no discurso jurídico, principalmente quando se trata de rela o de consumo, mas, nosso enfoque   intera o entre o Direito e linguagem, correlacionando o discurso jurídico com os fundamentos da Análise do Discurso Ecológica (ADE) a fim de compreender o Direito não apenas como um conjunto de normas, mas também uma atividade línguística que ocorre nos planos mental, natural e social.

O presente artigo está estruturado em três se es. Na primeira, faremos uma análise da textura aberta ou conceitos indeterminados no discurso jurídico. Na segunda, comentaremos o discurso jurídico na perspectiva do Direito do Consumidor, analisando uma audiência de rela o de consumo; na terceira, apresentaremos pontos importantes da ADE e suas contribui es para compreender a vulnerabilidade jurislínguística na audiência citada na se o 2. Em seguida, apresentaremos as considera es finais do artigo, não da temática, uma vez que os estudos acerca

da vulnerabilidade jurilinguística constituem um campo vasto e encontram em estágio embrionário.

### 1. A textura aberta da linguagem do Direito

Na linguagem jurídica, há expressões que não apresentam um sentido claro e preciso nem mesmo para o jurista em algumas circunstâncias. Esse fenômeno é chamado de indeterminação da linguagem, que, por natureza, tem a capacidade de ser potencialmente indeterminada e polissêmica, pois as palavras assumem no discurso dois significados, conforme defende Warat (1994): i) **o significado base** é reconhecido no plano teórico quando analisamos a palavra ou estrutura fora do contexto de uso. Trata-se do sentido denotativo; e ii) **o significado contextual** consiste no efeito do sentido advindo do contexto discursivo e da interação.

Assim, a linguagem, mesmo que apresente uma estrutura relativamente estável representada pelo sistema linguístico, concretiza-se nos diversos atos de fala, cujas regras são definidas na intersubjetividade. Hart (1986), considerando os aspectos polissêmico e indeterminado da linguagem, defende que a indeterminação ou textura aberta do discurso jurídico ocorre de duas formas: Uma de natureza linguística, outra normativa.

**A indeterminação linguística** advém do aspecto polissêmico da própria linguagem, uma vez que as estruturas linguísticas apresentam significados conforme o contexto discursivo. A polissemia propicia uma textura aberta ou indeterminação linguística presente no discurso jurídico. Quando o item ou estrutura não se apresenta de forma clara e precisa, propicia ao intérprete dúvida e ambiguidade na análise do caso concreto porque há palavras que possuem um sentido amplo, necessitam, portanto, de uma interpretação contextual para serem compreendidas, por exemplo, o princípio da *dignidade da pessoa humana* (Constituição Federal, 1988, Art. 1º III). O legislador constituinte não definiu o que seria dignidade da pessoa humana e em quais contextos ela deveria ser evocada. Assim, temos um conceito indeterminado, amplo, cabe ao intérprete delimitar esse conceito e em quais contextos se evidencia a dignidade da pessoa humana.

Outras palavras possuem mais de um sentido, e as sentenças compostas por essas palavras assumem sentidos diversos. Por exemplo, o verbo *prescrever* no contexto jurídico principalmente na área processual e no contexto médico apresenta sentidos distintos. Observemos as sentenças:

1. O crédito não-tributário, estadual ou municipal, **prescreve** em cinco anos. (SÚMULA TJ nº 218);
2. Médica que **prescreveu** superdosagem de medicamento a crianças é condenada. (PROCESSO: 2012.05.1.008653-7: TJDFT).

## ECO-REBEL

No exemplo 1, a forma verbal *prescreve* corresponde à perda do *jus puniendi* (direito de punir), ou seja, o direito de o Estado exigir a prestação de um crédito fora extinto. Em 2, essa mesma forma verbal corresponde ao ato de medicar, indicar um determinado medicamento. A redação legislada quase sempre apresenta imperfeições e problemas de natureza sintático-semântica, tornando-se difícil de ser compreendida pelos sujeitos destinatários (CARVALHO, 2016).

No diploma consumerista, o legislador empregou o termo *vulnerabilidade*, mas não definiu à qual vulnerabilidade estava se referindo. Como a vulnerabilidade é um termo de textura aberta e, no discurso jurídico, contempla vários aspectos, o doutrinador sentiu a necessidade de definir o tipo de vulnerabilidade a ser aplicada aos casos concretos. Por essa razão, há diversas vulnerabilidades, conforme já elencamos. Se o consumidor tem dificuldade de compreender os ritos processuais de uma audiência, está diante de uma vulnerabilidade jurídica. Caso desconheça expressões linguísticas inerentes do contexto forense, o consumidor apresenta uma vulnerabilidade linguística. “Em todos os campos da experiência, e não só no das regras, há um limite, inerente à natureza da linguagem, quanto a toda orientação que a linguagem geral pode oferecer”. (HART, 1986, p. 139). Este limite da linguagem constitui a textura aberta do discurso jurídico.

**A Indeterminação normativa:** está relacionada à norma jurídica. O legislador, entendendo que as normas por ele estabelecidas não dão conta de todos os fatos concretos nem são aplicadas a todas as situações jurídicas, lançou mão de normas gerais, conceitos gerais ou conceitos jurídicos indeterminados. Uma norma sempre apresenta lacunas e, para preencher essas lacunas, o jurista recorreu às cláusulas ou normas gerais. Em um contrato, por exemplo, existem as cláusulas gerais, que são normas com diretrizes indeterminadas, não explicitam uma solução jurídica, porém apresentam uma pauta de valores que será preenchida de acordo com as contingências históricas (DIDIER Jr, 2009).

Considerando a indeterminação linguística e a normativa, concluímos que o discurso no mundo jurídico se constitui da interação de um trabalho linguístico (legislador) e normativo (judiciário).

## 2. O Discurso Jurídico: Linguagem e Poder

O discurso jurídico apresenta marcas linguísticas que o caracterizam como um discurso à distância e normativo, afirmam Dias e Silva (2010). Como um discurso à distância, constitui-se

## ECO-REBEL

em um monólogo, pois as leis, jurisprudências e todos os atos processuais apresentam estruturas linguísticas cujos significados são inacessíveis ao cidadão comum porque ele não desconhece apenas os significados e usos dessas estruturas, mas também o contexto em que foram empregadas. Entre o Direito legislado e as relações jurídicas vividas e advindas na/da sociedade, há também uma desconexão, pois, nem sempre, o cidadão comum tem a competência para emitir, atualizar e compreender enunciados jurídicos, além de não interagir e compreender determinados eventos no mundo jurídico. Essa competência é denominada de linguístico-jurídica, porque não basta somente conhecer a linguagem jurídica, mas também usá-las em contextos jurídicos distintos em circunstâncias específicas, uma vez que as relações jurídicas são diversas, e o Direito possui profissionais distintos, tais como advogados, juízes, defensores, Ministério Público delegados e outros. Cada um desses profissionais tem o seu discurso próprio com objetivos distintos.

Por a linguagem jurídica ser um monólogo, um discurso cujo destinatário está ausente, o cidadão comum não compreende o texto de uma lei, uma sentença, um *Habeas Corpus*, um Mandado de Segurança e de outros institutos jurídicos, necessita, portanto, de um intérprete, que é o jurista, pois, como defende Becker (2010), o jurista não é nada mais que o semântico da linguagem do Direito.

Todos podem realizar uma leitura simples e superficial de muitos textos jurídicos, pois normalmente as normas jurídicas são compreensíveis para o cidadão medianamente culto. Mas uma leitura profunda que não se limite ao verniz daquilo que aparece, mas que penetre no mundo conceitual e interpretativo do Direito, só é acessível aos juristas, isto é, aos profissionais do Direito. (ROBLES, 2005, p. 53).

O discurso jurídico caracterizado pela sua imperatividade consiste na força da lei, que deve ser cumprida e observada por todos que habitam uma comunidade. Assim, a norma jurídica impõe a todos os seus destinatários a obrigação de obedecê-la. Essa obediência é um ato involuntário. A imperatividade está atrelada à coercibilidade. Por isso, a norma não é conselho, é uma ordem que deve ser seguida. Outro aspecto a ser considerado no discurso jurídico é a generalidade da norma, que é dirigida a todos aqueles que estão inseridos naquele contexto de incidência da lei. Por isso, a norma não vale apenas para um indivíduo, mas para todos os indivíduos, que se encontram na mesma situação sem distinção de qualquer natureza.

Figueiredo (2016) nos chama a atenção para o fato de haver diversos exemplos de discurso nos diversos contextos forenses. O discurso de um juiz, em uma audiência criminal, não é o mesmo usado em uma audiência civil, trabalhista ou previdenciária. O discurso de um

## ECO-REBEL

advogado é diferente do discurso de um representante do Ministério Público, do Procurador de Estado, a depender objeto, das circunstâncias em que o discurso se concretiza e os objetivos propostos por esses profissionais.

Como o nosso interesse são as relações de consumo, centramos a argumentação no discurso pautado pelo Direito do Consumidor, com ênfase na vulnerabilidade do consumidor. Essa vulnerabilidade é um tema amplo a ser estudado na seara jurídica, pois não contempla apenas a relação de consumo em si mesma, abarca vários aspectos inerentes ao consumidor, tais como o social, que abrange os direitos difusos, e o mental que abarca os aspectos psicológicos e comportamentais do consumidor, por exemplo, o fenômeno do Superendividamento decorrente do discurso publicitário que domina o consumidor.

Para analisar o discurso nas relações jurídicas e consumeristas, não desprezamos as relações de poder e a ideologia definidas pela Análise do Discurso (AD), uma vez que o próprio discurso jurídico já carrega em seu bojo uma relação de poder, haja vista a coercibilidade e a obrigatoriedade das normas jurídicas. Acrescentamos a essas relações, outros aspectos para, em uma visão holística, compreender a vulnerabilidade jurislinguística do consumidor em suas relações intersubjetivas nos contextos forenses.

Durante a década de 70 nos Estados Unidos e na Inglaterra, surgiu o *Plain English Movement* criticando o estilo atual do inglês jurídico. Um grupo de consumidores usaram os meios de comunicação de massa para divulgar e exemplos de obscuridade em documentos legais e formulários do governo, exigindo linguagem menos técnica e formal mais acessível aos cidadãos comuns. Esse movimento visava a simplificar a linguagem da lei, principalmente quando os advogados interagem com pessoas comuns. Citamos ainda o *Patter Jury Instructions*, que consistiu em traduzir para os jurados os aspectos específicos da lei quando o Tribunal de Júri necessitava saber para decidir. Alguns juristas alegavam que muitos criminosos foram condenados à morte porque os jurados não entendiam as instruções lhes dadas (COULTHARD, 2015).

No Brasil, destacamos: i) a Campanha pela Simplificação da Linguagem Jurídica capitaneada pela Associação dos Magistrados do Brasil em 2005; ii) o Projeto de Lei da Câmara (PLC) 7.448/06, apresentado pela ex-deputada federal Maria do Rosário, determinando a elaboração de sentenças em linguagem simples, clara e direta. Foi aprovado pela Câmara em 2010. Esse projeto não tramitou no Senado porque a Casa acabara de aprovar o projeto de novo Código de Processo Civil.

## ECO-REBEL

Apesar de haver esses movimentos, sobretudo, no Brasil, assistimos a discursos cuja linguagem inacessível e pedante dificulta a interação do consumidor no que se refere à defesa dos direitos. A título de análise, apresentamos algumas passagens do Processo 0737/05 - Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, que mostram um discurso inacessível ao cidadão comum. Esse processo advém de uma compra de um celular por um cidadão comum no interior do Estado da Bahia. Poucos dias após a compra, o aparelho apresentou um vício, ficando o consumidor impossibilitado de efetuar e receber ligações. O consumidor dirigiu-se até a loja onde comprara o aparelho, visando a uma troca, mas não logrou êxito.

Dessa forma, recorreu ao Poder Judiciário. Nos discursos, durante a audiência, elucidamos relações de poder intermediadas pelo domínio da técnica jurídica e da linguagem. A seguir, analisamos duas passagens que ratificam nossos argumentos:

### *Relações assimétricas:*

Os prepostos da loja acompanhados de advogados apresentaram provas a fim de se eximirem da responsabilidade pelo dano causado ao consumidor. Isso ocorreu devido ao fato de eles terem a seu favor o domínio da situação, conhecer as técnicas operacionais referentes à fabricação do celular. A presença dos advogados colocou o consumidor em uma relação de vulnerabilidade jurídica, uma vez que não estava na audiência assistido por advogado. A assimetria se justifica não apenas pela presença dos advogados, mas também pelo fato de eles se mostrarem “detentores do saber jurídico” em relação ao consumidor.

### *Uso de termos específicos da linguagem jurídica:*

Segundo Mamede (2010), o Direito não possui uma língua e uma gramática próprias, mas possui um léxico particular que se ajustou ao discurso no decorrer da história. Existe um corpus lexicológico jurídico em que se encontram as palavras semânticas de conteúdo específico, ou seja, sememas de valor jurídico (Noreen *apud*. Mamede, 2010). No fragmento a seguir, destacamos exemplos de palavras semânticas jamais compreendidas pelo cidadão que não convivem com o mundo jurídico:

Há de se destacar que o autor omitiu em sua **exordial** [...] ficou demonstrado que o aparelho teve contato com líquido ou **umidade excessiva**, o que ensejou **oxidação da placa**. [...] presença da *causa debendi*, **ilação probatória**. [...] **unicidade** da audiência e a complexidade de produção de **prova técnica** (BAHIA, 2005, p. 20).

## ECO-REBEL

Demonstração da **absoluta incompetência** do JEC em razão da matéria aludida nestes autos, requer-se o acolhimento da presente **preliminar**, coma a consequente extinção do **feito, sem julgamento do mérito**. (BAHIA, 2005, p. 22).

Nesse contexto, o consumidor jamais poderia interagir com os prepostos e advogados, haja vista o discurso estar permeado de termos técnicos, científicos e latinos. A condição socioeconômica e cultural do consumidor justifica que os termos e expressões usados pelos advogados em seus discursos não fazem parte da competência linguístico-jurídica do consumidor. Cada cidadão possui em sua memória um *quantum* de conhecimento de pertinência jurídica. Esse *quantum* é personalíssimo, varia em forma e conteúdo de indivíduo para indivíduo, podendo ser zero, afirma Mamede (2010). Do discurso dos advogados, extraímos alguns termos que mostram essa competência linguístico-jurídica. Os significados desses termos são de nossa responsabilidade:

- a) *umidade excessiva*: alegação de que o celular teve contato com substância líquida;
- b) *exordial*: tem o mesmo sentido de petição inicial, requerimento ao juiz ingressando com um processo;
- c) *oxidação*: contato com substância líquida que causou oxidação no aparelho;
- d) *competência absoluta*: atribuição da função jurisdicional;
- e) *preliminar*: termo jurídico que consiste na discussão do processo antes de julgar o mérito;
- f) *extinção sem julgamento do mérito*: ocorre quando a sentença é “terminativa” ou “extintiva”, não há resolução de mérito pelo juiz;
- g) *causa debendi*: fundamento de uma obrigação contratual.

Esses termos e outros não fazem parte do acervo linguístico de um cidadão que não está inserido no mundo jurídico. Por isso, em uma audiência, apresenta um estado de vulnerabilidade, já que o Direito exige uma competência lexical específica, sem a qual, o sujeito não consegue interagir com seu interlocutor embora as normas jurídicas destinem-se a todos.

Considerando a competência linguística do consumidor no caso em análise, percebemos que o discurso dos advogados seguiu caminho inverso, não foi direcionado ao destinatário das normas, isto é, o cidadão comum, limitou-se apenas àqueles que estão inseridos no contexto forense. Por isso, o discurso jurídico deveria estar ao alcance daqueles que batem às portas do Poder Judiciário.

## ECO-REBEL

O uso excessivo dos termos étnicos consiste na *fetichização* do direito se apoia nos estereótipos linguísticos, como defende Barthes (1975). Não basta a enunciação dos estereótipos para que eles funcionem. É necessário que sejam proferidos pela pessoa certa no contexto adequado, cujos locutores estão previamente autorizados pela estrutura social vigente. Se essas palavras fosse proferidas pelo consumidor não teriam sentido. Na verdade, a linguagem jurídica é imprescindível para o domínio ideológico. Sua impenetrabilidade por parte do leigo é indispensável para o domínio ideológico (SUDATTI, 2007).

### 3. A Análise do Discurso Ecológica e a vulnerabilidade jurislinguística do consumidor

A ADE é uma proposta que está inserida no contexto da linguística ecossistêmica, que é uma aplicação da ecolinguística desenvolvida no Brasil, nascida na Universidade de Brasília em conjugação com a Escola Ecolinguística de Brasília (Universidade de Brasília) e ligada ao grupo de imaginário e ecolinguística da Universidade Federal de Goiás – (Goiânia). Por isso, recebeu um nome alternativo de linguística ecossistêmica crítica (COUTO, et. al. 2015).

A ADE não deve ser confundida com a Análise do Discurso Ecológico. A primeira adota uma visão ecológica de mundo (VEM), seguida pela Linguística Ecossistêmica e pela Ecolinguística de modo geral. A segunda preocupa-se com o discurso ecológico, fundamentando-se nas questões ambientais, por exemplo, o *Green Party* ou Programa do Partido Verde, na Inglaterra e o Programa do Partido Verde, no Brasil e outros movimentos desenvolvidos pelos grupos ambientalistas (PASSOS, 2006). Essa diferença não quer dizer que a ADE não se preocupe com questões ambientais. Podemos analisar questões ambientais à luz da ADE, mas tais questões devem ser inseridas na perspectiva da VEM. Tanto o discurso falado quanto o discurso escrito podem ser objeto da ADE. Não ficando adstrito o analista do discurso às relações de poder e ideologia. Não estamos querendo dizer que essas categorias devam ser excluídas em uma análise do discurso na perspectiva ecológica, mas não são apenas elas que interessam ao analista.

A concepção de ideologia na ADE é baseada na vida ou uma ideologia ecológica, tem como fundamento a Ecologia Profunda, de Naess. Propõe-se “a defender o equilíbrio de um ecossistema ressaltando nos discursos postos em circulação, enunciados que se articulam de forma contrária às noções ecológicas, como diversidade, hipismo, adaptação etc” (COUTO, 2015, p. 151).

## ECO-REBEL

Para Silva (2020) a ADE enfatiza dois pontos importantes: i) a defesa da vida e ii) a luta contra o sofrimento evitável. Esses pontos são importantes para uma análise ecojurídica (CAPRA; MATTEI, 2018) do direito à vida e do princípio constitucional da dignidade da pessoa humana de onde decorrem os direitos fundamentais ancorados na trilogia Igualdade – Fraternidade – Liberdade.

Na ADE, não olhamos para os dados considerando apenas uma linha de análise. Partimos de uma macrovisão para termos uma noção do todo. Dessa forma, a análise da vulnerabilidade jurislinguística do consumidor não se reporta somente às questões semânticas da linguagem técnica, mas também a todo o contexto onde se dá essa vulnerabilidade, seja no campo linguístico, no jurídico, no social ou em qualquer outra situação em que consumidor não possa defender seus direitos nem interagir com os demais integrantes da relação jurídica.

Não reconhecer a vulnerabilidade do sujeito mais fraco da relação jurídica consumerista ocasiona-lhe um sofrimento que, a depender do caso concreto, pode ser físico, mental e social. Por isso, a doutrina considera vício e defeito como dois institutos da relação consumerista que resulta no dever de indenizar. O vício é um problema em uma proporção menor que impossibilita o produto/serviço de exercer a função a ele inerente, por exemplo, um liquidificador cuja hélice não funciona. Esse vício causa um sofrimento mental ao consumidor, pois comprou o eletrodoméstico na convicção de que atenderia às necessidades. Já o defeito pode prejudicar a integridade física do consumidor, a exemplo, de um fogão cuja instalação de gás possa ocasionar um incêndio ou queimadura ao consumidor ou ainda a falta de informações claras e precisas acerca do uso de um produto.

Retomando o discurso referente ao processo em tela, apresentamos duas situações que configuraram um sofrimento mental e social ao consumidor:

Houve um sofrimento mental quando o consumidor sentiu-se humilhado por não dominar o conhecimento técnico e não poder interagir na audiência.

Considerando os argumentos do juiz que prolatou a sentença do processo, evidenciamos esse dano:

Com muita paciência, fui explicando ao autor o significado de cada palavra e as fases processuais de uma ação daquela natureza em Juizado de Defesa do Consumidor, ou seja, traduzindo o “juridiquês” para uma linguagem que pudesse ser entendida por um carpinteiro. No final, senti necessidade de proferir uma sentença com linguagem que o autor, homem simples e de pouca leitura, pudesse ler e compreender. (NEIVA, 2006, p. 4).

## ECO-REBEL

O dano social caracterizou-se pelo fato de o consumidor sentir-se excluído e desmoralizado no contexto forense quando os advogados da empresa alegaram a inexistência do vício (argumento 1), incumbindo ao consumidor o ônus da prova (argumento 2), como podemos depreender dos argumentos:

1. [...] há que se destacar que autor omitiu em sua exordial que o referente aparelho foi encaminhado à assistência técnica onde foi constatado o mau uso (BAHIA, 2005, p. 20).
2. [...] requer provar tudo quanto alegado, por todos os meios de prova em direito admitidos (BAHIA, 2005, p. 35).

O argumento 2 está totalmente inadequado ao discurso jurídico consumerista, uma vez que, em nome do princípio da vulnerabilidade, o consumidor tem a seu favor a inversão do ônus da prova.

Essas situações devem ser analisadas contextualizadas não aplicadas mecanicamente a cada caso. O analista deve sopesar todas elas a partir da perspectiva ecológica (COUTO *et al.*, 2015). Ainda no que se refere à aplicação da ADE ao discurso jurídico, consideramos dois institutos elencados na legislação consumerista: o vício e o defeito que, apesar de pertencerem ao mesmo campo semântico, apresentam implicações jurídicas distintas. No entanto, ambos geram dano ao consumidor. O defeito é decorrente de um vício mais elevado do produto ou serviço que pode causar danos de ordem material e/ou moral ao consumidor. Já o vício é um problema que torna impróprio para o consumo a que se destinam os produto ou serviço adquiridos pelo consumidor. Parafraseamos Silva (2020), defendemos que o vício não é tão ofensivo quanto o defeito. O vício está para um “sofrimento leve”, assim como defeito está para um sofrimento físico ou psicológico mais grave porque possibilita um sofrimento mais áspero ao consumidor.

Na Análise do Discurso Jurídico em uma perspectiva ecológica, vício e defeito são uma questão de gradação e podem ser analisados numa visão física, mental e social a depender do caso concreto.

#### 4. Considerações Finais

O avanço dos estudos acerca da linguagem propiciou o surgimento de várias áreas, sobretudo, no que se refere à interação. Nesse contexto de evolução, enfatizamos a ecolinguística, com ênfase à interação, considerando a tríade Povo – Língua – Território, uma vez a interação comunicativa se assenta na língua, que é a própria interação.

## ECO-REBEL

No arcabouço da Ecolinguística, surgiram outras áreas de estudo tendo a interação como ponto de partida. Entre essas áreas, destacamos a ADE, que muito contribuiu para o estudo do discurso, não na perspectiva tradicional, indo além do binômio relações de poder/ideologia, permitindo ao ecolinguista olhar para um contexto social estruturado na complexidade das interações em um processo contínuo de mudanças (COUTO *et al.*, 2015).

Considerando que o discurso jurídico, antes de assumir o aspecto jurídico-normativo, é linguístico e consiste em uma relação intersubjetiva. Por essa razão, fizemos algumas incursões da ADE na análise do discurso jurídico e nas audiências de relação de consumo a fim de compreender a vulnerabilidade jurilinguística em uma visão de mundo ecológica. Essas incursões permitiram-nos chegar às seguintes considerações:

- a) Os profissionais do Direito nas interações com os cidadãos vulneráveis não devem confundir a linguagem técnica excessiva com a linguagem jurídica simples, cujos destinatários não são os juristas, e sim os cidadãos comuns;
- b) A linguagem usada nos ambientes forenses precisa estar inserida em um contexto mais amplo, considerando as interações entre os jurisdicionados e os juristas em uma determinada estrutura social;
- c) A linguagem simplificada contribuiu para a compreensão do Direito e para a interação jurídica;
- d) O significado aparentemente acabado nos dicionários e nos manuais de Direito refere-se apenas ao aspecto semântico, cujo sentido cristaliza-se em relações abstratas, vinculado às interações que os sujeitos realizam na comunidade onde estão inseridos;
- e) Não respeitar a vulnerabilidade jurilinguística do consumidor nos contextos forenses configura uma tortura verbal, levando-o a um sofrimento social, propiciando-lhe uma desmoralização social, reforçando, dessa forma, o preconceito linguístico combatido pelo ecolinguista;
- f) A ADE possibilita ao analista do discurso jurídico conceitos do ponto de vista linguístico imprescindíveis à compreensão dos fenômenos jurídicos em um determinado espaço e tempo considerando os sujeitos específicos da relação;
- g) As contribuições da ADE para os estudos linguísticos, ecolinguísticos e discursivos são diversas, uma vez que a ADE não está adstrita somente a discursos ecológicos, pois qualquer tipo de discurso pode ser analisado à luz da ADE. As análises recorrem a aspectos

## ECO-REBEL

importantes de outras teorias linguísticas e discursivas, se necessário. Fazendo uma abordagem holística, a ADE analisa o discurso por diferentes pontos de vista, recebendo as contribuições das variadas disciplinas quando necessário (COUTO; BORGES, 2015).

Esperamos que esta temática, embora incipiente, possa despertar novos olhares para o estudo do discurso jurídico em uma visão ecolinguística, haja vista a complexidades das relações jurídicas e dos diversos ambientes forenses, oportunizado, assim, ao profissional novas possibilidades de análise do discurso jurídico não apenas do ponto de vista normativo, mas também ecolinguístico.

### Referências

ALVES, Alaôr Caffé. *Dialética e direito: linguagem, sentido e realidade: fundamentos a uma teoria crítica da interpretação do direito*. Barueri, SP, Manole, 2010.

AMB. *O judiciário ao alcance de todos, noções básicas de Juridiquês*. Brasília, 2007.

ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira. Reconhecimento da Vulnerabilidade Linguística do Consumidor: Formas de Acesso à Justiça. In: *Revista do Ministério Público* (Rio de Janeiro), V. 62, 2017, p. 163-180.

BAHIA. Juizado Especial Cível de Defesa do Consumidor. Processo JPCDC-TAT – 00737/05, Jose Gregório Pinto e Lojas Insinuanes, BENQ eletrônicas Ltda, SIEMES S/A, STARCELL Computadores e Celulares, 11 de julho de 2005.145.

BARTHES, Roland. “Pesquisas de Retórica” – Seleção de ensaio da revista “communications”. Petrópolis, Vozes, 1975.

BECKER, Alfredo Augusto. *Teoria Geral do Direito Tributário*. São Paulo: Editora Lejus. 2010.

BRASIL. Supremo Tribunal de Justiça. SÚMULA nº 218. O crédito não-tributário, estadual ou municipal, prescreve em cinco anos. Disponível em: < <http://www.stj.jus.br/portal/jurisprudencia> >. (acesso em: 10 jan. 202).

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 11. Ed. São Paulo: Saraiva. 2011.

BRASIL. *Código de Defesa do Consumidor*. 11. Ed. São Paulo: Saraiva. 2011.

CAPRA, Fritjof; MATTEI, Ugo. *A REVOLUÇÃO ECOJURÍDICA: o direito sistêmico em sintonia com a natureza e a comunidade*. Tradução Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Cultix, 2018.

## ECO-REBEL

CARVALHO, Paulo Barro. O legislador como poeta: Apontamentos sobre a teoria flusseriana aplicadas ao Direito. In: Rosalice Pinto; Ana Lúcia; Maria das Graças Soares Rodrigues (orgs.). *Linguagem e Direito: perspectivas teóricas e práticas*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 11-28.

COULTHARD, Malcolm. Linguagem e Direito: Diálogos e aproximações: uma conversa sobre Linguística Forense. In Sonia. Bittencourt Silveira, Carolina Scali. Abritta e Amitza Torres Vieira, (Orgs), *Linguística Aplicada em Contextos Legais*. São Paulo: Paço Editorial, 2015, p. 9-19.

Couto, Elza Kioko Nakayama Nenoki; Albuquerque Davi Borges de. Análise do discurso ecológica: fundamentação teórico-metodológica. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 23, n.2, p. 485-509, 2015.

COUTO, Hildo; COUTO, Elza; BORGES, Lorena. *Análise do Discurso Ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

DIAS, Graciele da Mata Massaretti; SILVA, Manoel Messias Alves da. Aspectos da terminologia jurídica. In Virgínia Colares (org). *Linguagem e Direito*. Recife: UFPE, 2010, p. 49-72.

DIDIER JUNIOR, Fredie. *Curso de direito processual civil: teoria geral do processo e processo de conhecimento*. Salvador: Jus Podivm, 2009.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Discurso jurídico, gênero e poder: Uma análise de marcadores de agenciamento e causalidades em acordos britânicos em caso de estupro. In: *Linguagem & Direito: caminhos para linguística forense*. Org. Virgínia Colares. São Paulo: Cortez, 2016, p. 149-180.

HART, Herbert. *O conceito de direito*. Lisboa: F. Calouste Gulbenkian, 1986.

DISTRITO FEDERAL. Processo: 2012.05.1.008653-7 Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios – TJDF

MACEDO, Silvio de. *Das Dimensões da Ciência Jurídica Atual*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

MAMEDE, Gladstone. *SEMILOGIA DO DIREITO: Tópicos para um Debate referenciado pela animalidade e pela cultura*. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES. Cláudia Lima, MIRAGEM, Bruno. *O Novo Direito Privado e a Proteção dos Vulneráveis*. São Paulo: RT, 2014.

MORAES, Paulo Valério Dal Pai. *Código de defesa do consumidor: o princípio da vulnerabilidade: no contrato, na publicidade, nas demais práticas comerciais: interpretação sistemática do direito*: Porto Alegre, Livraria do Advogado, 2010.

NEIVA, Gerivaldo Alves. Entrevista sobre a sentença do carpinteiro. *Jornal Tribuna do Magistrado*, ano 4, nº 15 – out/nov/2006.

PASSOS, Deusa Maria de Souza-pinheiro. *Linguagem, Política e Ecologia: uma Análise do Discurso de Partido Verde*. Campinas: Pontes, 2006.

## ECO-REBEL

PREITE, Chiara. *Dos anos 1970 ao novo milênio: o boom em jurilinguistic ou lingüística legais*. Parallèles - edição 25, outubro de 2013.

ROBLES, Gregório. *O direito como texto: quatro estudos sobre a teoria comunicacional do direito*. Tradução de Roberto Barbosa Alves, Barueri, Manole, 2005.

ROSÁRIO, Maria do. PROJETO DE LEI N.º 7.448-A, DE 2006. <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacaooidProposicao=333090>. (acesso: 02 /02/2021).

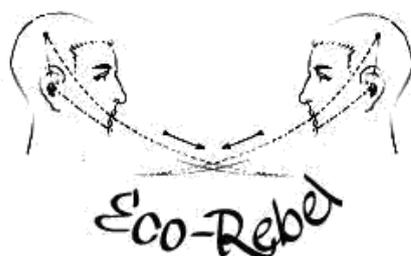
SILVA, Márcio M. G. (2020). Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecolingüística. *Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem* (ECO-REBEL V. 6, N. 2, 2020). <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667>. (acesso: 02 /12/2020).

SUDATTI, Ariani Bueno. *Dogmática Jurídica e Ideologia: o Discurso Ambiental sob as Vozes de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

WARAT, Luís Alberto. *O Direito e sua linguagem*. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris, 1994.

Aceito em 3 de fevereiro de 2021.

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.



## ENTREVISTA COM ECOLINGUISTAS

---

**Rui Ramos** (Universidade do Minho)

### Breve apresentação

Rui Manuel Nascimento Lima Ramos, doutorado em Linguística, é professor do Instituto de Educação e pesquisador do Centro de Investigação em Estudos da Criança e do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, em Portugal. Desenvolve investigação em Linguística e em Ensino da língua. É autor de artigos, capítulos e livros; é editor-adjunto de uma revista científica de Linguística; e pertence a grupos de pesquisa no Brasil, inclusive o grupo em torno de *ECO-REBEL*. Tem experiência de trabalho em projetos de investigação relacionados com a língua e as crianças, e projetos de intervenção, especialmente em Timor-Leste e na Guiné-Bissau, relacionados com o ensino da língua e o sistema de ensino. Um dos seus objetos de análise tem sido o discurso acerca do ambiente, em diversos suportes, assunto sobre o qual publicou o livro *O discurso do ambiente na imprensa e na escola: uma abordagem linguística* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009, 636 páginas), reelaboração de sua dissertação de doutoramento defendida na Universidade do Porto em 2006. Sobre sua produção em geral, ver, nomeadamente, Ramos (2009, 2011, 2012, 2015, 2017, 2017a), Ramos & Ramos (2011, 2012, 2013, 2014, 2015). Participou do I Encontro Brasileiro de Ecolinguística (IEBE, UnB, 2012), de que uma seleção de trabalhos foi publicada em *Cadernos de linguagem e sociedade* v. 14, n. 1, 203 (sua contribuição é “O rei de Espanha foi caçar elefantes: a construção discursiva do evento nos *media* portugueses”, p. 17-40). Em *ECO-REBEL* Rui Ramos publicou os seguintes artigos:

- 1) “O ambiente como argumento final na imprensa brasileira”, v. 1, n. 1, p. 125-139, 2015;
- 2) “Configurações de ciclos de vida na literatura para crianças: uma análise ecolinguística”, 3, n. 1, p. 41-72, 2017;
- 3) “O interdiscurso ambiental no discurso político contemporâneo em Portugal”, v. 3, n. 2, p. 69-84, 2017;
- 4) “Discursos sobre a pandemia: o discurso polémico para além do negacionismo”, v. 6, n. 3, 2020 (dedicado a discursos sobre o coronavírus), p. 37-55, 2020.

Coeditou com Elena Ortiz-Preuss, Elza Kioko N. N. do Couto o livro *Múltiplos olhares em linguística e linguística aplicada* (Campinas: Pontes, 2016), em que tem o capítulo “O interdiscurso ambiental no discurso político contemporâneo em Portugal” p. 55-74.

Nas Referências elencadas abaixo, temos mais informações sobre a produção de Rui Ramos.

## Entrevista

-ECO-REBEL: Professor Rui, a ADE foi inicialmente chamada ‘Linguística Ecológica Crítica’, lembrando a Linguística Ecológica de que ela é parte e a Análise do Discurso Crítica de Fairclough. Logo esse nome foi substituído por ‘Análise do Discurso Ecológica’ (ADE). Uns dois anos depois, ela foi redenominada ‘Análise do Discurso Ecológico’ (ADE), por sugestão de Arran Stibbe. Você acha que essas mudanças de nome podem influir na sua receptividade pelo público acadêmico mesmo diante do fato de as mudanças terem sido apenas no nome, sem afetar o conteúdo? Por quê?

-Rui Ramos: Julgo que as mudanças de designação se orientam em sentido positivo. “Análise do Discurso Ecológico” torna visíveis alguns traços caracterizadores da abordagem, e torna claro que a abordagem é mais relevante do que o objeto de análise para a configuração desta ciência – sendo que fica também claro que a centralidade do objeto de análise reside no “discurso”.

-EC: A ADE surgiu contestando o fato de as análises do discurso tradicionais (francesa, inglesa etc.) partirem fundamentalmente de relações de poder e ideologia. Ela já foi criticada por esta postura, ou seja, por tentar se afirmar por oposição a outras. Será que estamos no caminho certo?

-RR: Tenho uma ligeira divergência de base face à afirmação de que parte essa pergunta. É obviamente verdade que a gênese da análise do discurso francesa e da análise crítica do discurso anglófono se liga a questões de poder e de ideologia, de dominação e de manipulação através da língua e dos discursos. Contudo, concepções e práticas modernas da AD ultrapassaram esse objetivo restrito inicial e são hoje mais livres do ponto de vista ideológico e metodológico. A ACD ainda parece manter-se relativamente próxima desse objetivo marcadamente ideológico, mas o mesmo não pode ser dito relativamente à AD. Assim, a ADE, nesse aspeto, não deve ser vista como uma reação ou oposição à AD. Do meu ponto de vista, o afastamento da ADE de objetivos políticos, em sentido restrito, constitui uma vantagem. Não creio que algum enfeudamento da ADE a um posicionamento político seja benéfico para a sua afirmação.

-EC: A ideologia subjacente às ADs tradicionais em geral é a marxista. Ou existem outras?

-RR: Como referi antes, hoje em dia muitos investigadores da área do discurso (estou usando essa designação abrangente de modo propositado) ultrapassaram os limites ideológicos que deram origem à AD e à ACD. Isso permite que as suas análises e as conclusões que delas podem retirar sejam mais credíveis e permitiu abrir consideravelmente o leque de objetos de análise a que se dedicam.

Se, sistematicamente, em cada manifestação discursiva de qualquer indivíduo, eu vejo manipulação, dominação e exercício de poder hegemónico, as minhas análises tenderão a esgotar-se rapidamente e os meus pares começarão a desconfiar que o meu olhar é enviesado. Poderá objetar-se dizendo que ninguém é “neutro”, que ninguém é a-ideológico, que todos nós vemos o mundo de um determinado ponto de vista. E isso é verdade. Ninguém pode subtrair-se à sua cultura, à sua experiência de vida, às línguas que domina e que colaboram decisivamente na configuração que cada um faz do mundo: os sentidos que atribuímos às coisas e aos seus estados.

Mas é possível, com honestidade intelectual, buscar a isenção e a objetividade possíveis, fundamentando a análise e as conclusões que dela decorrem na materialidade linguística e

nas relações que esta estabelece com outros códigos e com o contexto próximo ou alargado em que as trocas conversacionais ocorrem.

-EC: A ADE concorda com muitos princípios do marxismo, mas não pode aceitar pelo menos três: 1) conflito; 2) ditadura do proletariado; 3) antropocentrismo (humanismo). Não ser antropocêntrico significa necessariamente ser misantropo?

-RR: Concordo que é bem mais produtivo e sensato vermos a língua como interação (COUTO, 2015, 2018; SCHMALTZ NETO, 2019) do que como conflito. Esse é um ponto de partida muito interessante, que congrega diversos investigadores (ver, por exemplo, Fonseca 1992). Alwin Fill reafirmou-o na entrevista publicada nesta revista (2018).

Quanto à ditadura do proletariado, creio que se trata de um conceito que os próprios marxistas já terão posto de parte ou, pelo menos, reformulado. Aliás, na Europa parece já não haver “proletariado” para assumir o papel de ditador (pelo menos, certamente o proletariado do século XIX). Não sei se no Brasil ainda é possível identificar uma larga franja da população que se identifique com esta designação.

Finalmente, a questão do antropocentrismo: este é um tópico que me parece muito complexo. Voltando ao que afirmei acima, cada indivíduo só pode dar sentido às coisas e aos seus estados de um determinado ponto de vista. Nessa linha, não vejo como um ser humano pode escapar a uma visão antropocêntrica – nenhum de nós consegue dar sentido ao mundo como se fosse uma abelha, a haste de uma flor ou um ribeiro, se é que se pode falar nestes termos. Parece-me que há que (re)definir este conceito, ultrapassando a dicotomia antropocentrismo/ecocentrismo. Neste aspeto, a ADE pode ajudar a lançar sobre os nossos objetos de análise um olhar mais abrangente, em termos de sujeitos e de circunstâncias de espaço e de tempo. Voltando a evocar Alwin Fill, relembro uma afirmação sua: “most linguists would agree that making people aware of the anthropocentrism of language is important, they would not, however, want to impose any kind of censorship on language users. *Ecological language awareness* is the aim, not ‘ecocorrectness’!” (2002: 22).

-EC: Os princípios fundamentais da ADE são: 1) defesa incondicional da vida; 2) luta contra o sofrimento evitável. Deveria haver mais alguma coisa?

-RR: De novo, tenho de contestar os implícitos dessa questão.

Não tenho nada contra a defesa incondicional da vida e a luta contra o sofrimento evitável. Como cidadão, sou plenamente favorável aos princípios morais ou éticos e à ação política e social que se orientem nesse sentido.

Contudo, tenho dúvidas sobre o facto de, como investigador, ter de adotar um posicionamento filosófico ou ideológico marcado. Retomo uma afirmação de Alwin Fill citada acima, lembrando que o papel do investigador é, do meu ponto de vista, o de contribuir para a “ecological language awareness” (idem), como aquele investigador defende; ou seja, o papel social do investigador é o de mostrar ou desvelar os mecanismos pelos quais a língua e os discursos atuam na configuração do real, em articulação com outros códigos. Mas não é o de impor – ou mesmo sugerir, como Couto, Couto e Borges (2015) recomendam – uma ética e um comportamento.

Esta é uma posição de equilíbrio difícil, que não sei se consigo manter na minha atividade investigativa. Reconheço que outros investigadores assumem posições bem mais ativistas ou engajadas. Halliday apresentou em 1990 (publicada em 2001) uma conferência que constituiu um marco histórico do envolvimento dos linguistas na procura de soluções para os problemas ambientais; e muitos outros adotaram posicionamentos semelhantes. Num

artigo recentemente publicado na *ECO-REBEL*, Jacobs e Huat (2020) propuseram estratégias e atividades através das quais investigadores da área da linguística aplicada (onde eles, por economia de expressão, incluem diferentes áreas científicas) poderiam prestar uma contribuição relevante para a solução de problemas atuais e futuros da humanidade. Isso é, no mínimo, simpático. Também como exemplo, podemos voltar à entrevista que a *ECO-REBEL* publicou com Alwin Fill (2018), na qual o entrevistado evoca Fritjof Capra (2002) e a questão da promoção da ecoliteracia junto de crianças e jovens. Essas são questões claramente do âmbito da intervenção. Mas, em última análise, a validade científica do trabalho do investigador depende do posicionamento e dos objetivos que são adotados.

-EC: No caso de uma mulher que apanha todo dia do marido que chega bêbado em casa (e às vezes até a mata), a ADE a defende não por ser mulher, mas por ser um ser vivo que sofre. Esta postura é misantropa?

-RR: Concordo inteiramente que devemos, enquanto cidadãos, tomar posições corajosas de defesa das vítimas, procurando tornar o nosso mundo mais harmonioso. Se pudermos contribuir para a criação de relações harmónicas entre todos os seres (Couto, Couto e Borges, 2015), estaremos a construir um mundo melhor. Isso envolve evitar divisões tantas vezes artificiais entre pessoas com base no sexo, na etnia, na religião, no poder aquisitivo, etc. Contudo, de novo questiono que seja esse o papel do investigador, enquanto tal. Já expus a minha posição em respostas anteriores.

-EC: O infanticídio ainda praticado por alguns grupos étnicos tradicionais é defendido por alguns antropólogos em nome do respeito aos costumes locais. A ADE é contra, pois, para ela, a vida é o mais importante. Qual das duas posições é mais justificável?

-RR: Esse é um bom exemplo para mostrar que o investigador, enquanto tal, deve procurar a isenção e a neutralidade possíveis. Do meu ponto de vista, ao investigador é pedido que analise e descreva, não que julgue os comportamentos. O decisor político, o ativista, o animador sociocomunitário, o padre ou o juiz poderão intervir, impor condutas, questionar mentalidades e práticas. O cidadão comum fará, igualmente, os seus juízos de normalidade e de aceitabilidade das práticas culturais. Se todos estes indivíduos puderem contar com a análise e a descrição de tais práticas fornecidas pelo especialista, seja ele antropólogo ou de outro ramo da ciência, poderão entender e contextualizar melhor as coisas e seus estados e, assim, fazer os seus juízos de modo mais fundamentado, considerando variáveis diversas, a montante e a jusante dos problemas. O papel do investigador é o de fornecer os dados para que cada indivíduo faça o seu julgamento e as suas opções de modo informado.

-EC: A ADE é parte da Linguística Ecológica, com o que todos os conceitos da LE podem ser usados na ADE. Por esse motivo, alguns críticos alegaram que a ADE é desnecessária, pois tudo poderia ser feito diretamente pela LE. No entanto, como Márcio M. G. Silva (2020) mostrou, alguns conceitos da ADE são “invisíveis a olho nu” pela LE, portanto, é necessário aproximar o foco e visualizar conceitos microscópicos, como a defesa da vida e a luta contra o sofrimento. Você concorda com isso?

-RR: Como referi, acredito que o investigador deve buscar a máxima objetividade. Mas não ignoro, como também já referi, que nunca somos neutros. O olhar analítico colabora na construção do objeto. É com esse fundamento que concordo, em geral, com o que defende Silva (2020). Pelo que já expus, não alinho inteiramente com as suas ideias, não faria a análise que ele fez, mas parece-me aceitável que há aspetos da ADE que vão além do que a LE pode explicar.

O artigo de Silva (2020) fundamenta-se em diversas ideias defendidas por Couto, Couto e Borges (2015) e outros textos de Couto. Esse texto mostra claramente um posicionamento ideológico assumido, na esteira dos textos que o inspiraram. De todos eles, eu sublinharia a ideia de lançar sobre os objetos uma visão holística – sendo que o objeto, neste caso, é o discurso de Jair Bolsonaro em tempos de pandemia. Mas eu daria mais relevo à materialidade discursiva, como ponto de partida para tal análise.

-EC: Alguém disse que já existem modelos de análise do discurso demais no mercado, portanto, a ADE seria desnecessária. Será que ela não tem nada novo para mostrar?

-RR: Acabei de referir a visão holística. Esse conceito parece-me muito interessante e, como o entendo, é específico da ADE.

-EC: Agora, uma pergunta mais geral: alguns linguistas estruturalistas já asseveraram que as ADs em geral não são linguística, pois o que fazem é o mesmo que se faria em Literatura, em Sociologia ou em Filosofia. O que você tem a dizer sobre isso?

-RR: Uma vez, uma colega minha, linguista formal, disse-me que simpatizava muito com uma outra colega e amiga nossa, analista do discurso; mas que não considerava que o trabalho dessa nossa amiga fosse “linguística” – seria análise literária ou algo do gênero, mas linguística é que não. E esta posição retrata o modo de alguns linguistas formais olharem aqueles que inscrevem o seu interesse investigativo no paradigma da “linguística do uso/funcionamento do sistema” (Fonseca, 1994). Obviamente, não posso concordar com tal posicionamento. E posso até acrescentar que me parece que o trabalho em linguística formal, desligado do uso da língua e dos discursos, é razoavelmente árido e estéril. Trata-se de um posicionamento muito focalizado numa abstração da língua, estanquamente separado de outras dimensões que lhe não são alheias. A própria distinção entre “língua” e “discurso” dificilmente faz sentido, já que nada há no discurso que não esteja já previsto na estrutura profunda da língua, que tem na sua gênese uma “matriz dialogal” (Fonseca, 1992: 254).

-EC: Professor Rui, você tem mais alguma coisa a acrescentar que não foi contemplada nas perguntas anteriores? Sinta-se à vontade para complementar o que achar necessário.

-RR: Só gostaria de acrescentar que a minha discordância com alguns posicionamentos da ADE não significa que eu não lhe reconheça validade. A discordância e a discussão podem ser muito produtivas para o desenvolvimento e a consolidação das nossas ideias.

-EC: As fontes de inspiração da ADE são a Ecologia Profunda de Arne Naess, a filosofia de vida de Mahatma Gandhi, o Taoísmo, a Análise do Discurso Positiva de James Martin, além da visão ecológica de mundo (VEM). Você discorda de alguma delas, ou de todas? Ou acrescentaria alguma outra?

-RR: Há muitos aspetos positivos e louváveis que decorrem dessas fontes de inspiração, como uma ética cívica. E também como uma ética científica, no que se pode aplicar ao respeito do investigador pelas outras pessoas e por todos os seres com os quais todos partilhamos a nossa existência. Para a análise concreta dos nossos objetos de análise, eu prefiro procurar um posicionamento tão objetivo, descritivo e neutro quanto me for possível.

-EC: Muito obrigado, professor.

-RR: Sou eu que agradeço a oportunidade. É sempre um prazer refletir sobre estes assuntos e discuti-los com a comunidade de ecolinguistas.

### Referência

SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e análise do discurso ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, 2020, p. 90-106. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>

### Referências do entrevistado

CAPRA, F. (2002). *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.

COUTO, H. (2015). Linguística Ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, 1(1), pp. 47-81.

COUTO, H. (2018). Ecossistema cultural. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, 4(1), pp. 12-26.

COUTO, H.; COUTO, E.; Borges, L. (2015). *Análise do discurso ecológica – ADE*. São Paulo: Pontes Editores.

FILL, A. (2002). Tensional Arches: Language and Ecology. In: FILL, A.; PENZ, H.; TRAMPE, W. (eds.). *Colourful Green Ideas. Papers from the Conference '30 years of language and ecology' (Graz, 2000) and the Symposium 'Sprache und Ökologie' (Passau, 2001)*. Bern / Berlin / Bruxelles / Frankfurt am Main / New York / Oxford / Wien: Peter Lang, pp. 15-27.

FONSECA, J. (1992). *Linguística e Texto / Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Nice: Universidade de Nice.

FONSECA, J. (1994). *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Porto: Porto Editora.

HALLIDAY, M. A. K. (2001). New Ways of Meaning: The Challenge to Applied Linguistics. In: FILL, A.; MÜHLHÄUSLER, P. (eds.). *The ecolinguistics reader. Language, ecology and environment*. London / New York: Continuum, pp. 175-202.

JACOBS, G. M.; HUAT, C. M. (2020) Pandemic possibilities for applied linguists' actions. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, 6(4), pp. 62-72.

Organizadores, O. (2018). Entrevista com Alwin Frank Fill. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, 4(2), 108-113.

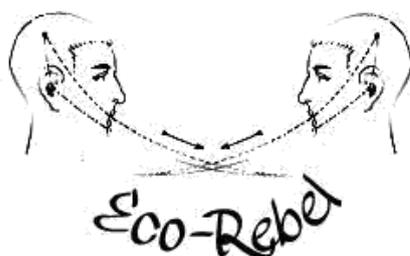
RAMOS, A. M.; RAMOS, R. (2011). Ecoliteracy Through Imagery: A Close Reading of Two Wordless Picture Books. *Children's Literature in Education*, 42(4), pp. 325-339.

RAMOS, A. M.; RAMOS, R. (2012). Urban and rural landscapes in Portuguese picture story books: reification and perceptions. *AILIJ - Anuario de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil*, 10, pp. 105-120.

RAMOS, A. M.; RAMOS, R. (2013). Ecoliteracia e literatura para a infância: quando a relação com o ambiente toma conta dos livros. *Solta Palavra*, 19, pp. 17-24.

RAMOS, R. (2009). *O discurso do ambiente na imprensa e na escola. Uma abordagem linguística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia

- RAMOS, R. (2011). Contributos para a caracterização da retórica ambiental na imprensa generalista portuguesa. *Revista Galega de Filoloxia*, 12, pp. 155-176.
- RAMOS, R. (2012). Editoriais de edições especiais "verdes" na imprensa periódica portuguesa contemporânea. O caso da revista "Visão". *Caderno Seminal*, 18, pp. 186-200.
- RAMOS, R. (2015). O ambiente como argumento final na imprensa brasileira. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, 1(1), pp. 95-106.
- RAMOS, R. (2017). O interdiscurso ambiental no discurso político contemporâneo em Portugal. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, 3(2), pp. 69-84.
- RAMOS, R. (2017a). Configurações de ciclos de vida na literatura para crianças: uma análise ecolinguística. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, 3(1), pp. 36-68.
- RAMOS, R.; RAMOS, A. M. (2014). Cruce de lecturas y ecoalfabetización en libros pop-up para la infancia. *Ocnos. Revista de Estudios sobre Lectura*, 12, pp. 7-24.
- RAMOS, R.; RAMOS, A. M. (2015). Children's literature and the promotion of environmental ethics in Portugal. *Portuguese Studies*, 31(1), pp. 94-106.
- SCHMALTZ NETO, G. (2019). Para compreender o meio ambiente mental: anotações de um ecolinguista sobre o cérebro. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, 5(1), pp. 113-126.



## OBITUÁRIO

---

Os Organizadores

### Adam Makkai

Adam Makkai nasceu em 16 de dezembro de 1935, em Budapeste, Hungria, em uma família de escritores, juizes e ministros da Igreja Húngara Reformada. Ele fez os dois primeiros anos escolares em alemão antes da guerra. Após a guerra aprendeu também russo e francês. Depois de um breve período estudando Direito na universidade, ele começou a estudar francês como opção principal durante dois anos, mas seus estudos foram interrompidos pela Revolução e ele escapou para o Oeste em 1956. Chegou nos Estados Unidos em janeiro de 1957 e foi logo admitido na Universidade de Harvard, onde recebeu um B.A *cum laude* em russo como primeira opção e francês como segunda. De 1958-1960 Makkai passou dois anos no Havaí, onde lecionou alemão, russo, francês e latim. Em seguida ele ganhou uma bolsa para a Universidade de Yale, onde concluiu um M.A. e Ph.D. em Linguística Geral (1962, 1965), sob a orientação de Sydney M. Lamb, motivo pelo qual tornou-se um praticante de Linguística Estratificacional e um crítico ferrenho da Gramática Gerativa. A tese de doutorado foi sobre a estrutura das expressões idiomáticas em inglês (*Idiom structure in English*), publicada como livro em 1972 (Haia: Mouton), com o mesmo título.

Aos oito anos de idade Makkai falava húngaro (sua língua materna), alemão e inglês, aos quais se acrescentaram russo, francês e latim pouco depois. Em seu *curriculum vitae* (<http://adam.makkai.org/english/cv>) se pode ver que ele tinha um bom domínio de muitas outras línguas, tais como italiano, espanhol, romeno, português, malaio, indonésio, grego, sânscrito, gótico, eslavo antigo, inglês antigo e médio, tagalog (filipino), havaiano, vietnamês, tailandês, kopsigis-Kalenjin (Quênia) e mandarim. Como se vê, seu poliglotismo era impressionante. Em inglês ele escrevia como um falante nativo.

Makkai foi naturalizado como cidadão americano em 1963. O grosso de sua carreira acadêmica se deu na Universidade de Illinois em Chicago (UIC). De 1967 a 1969, como professor assistente (Assistant Professor); de 1969 a 1975, como professor associado (Associate Professor); de 1975 a 2004, como professor titular (Full Professor). Por fim, em 2004 ele recebeu o título de professor emérito. Em 1995 já havia recebido o título de professor *honoris causa* da Universidade de Miskolc, da Hungria.

Além de poliglota, Adam Makkai foi linguista, poeta e tradutor de obras literárias entre duas línguas. Foi professor visitante em várias universidades pelo mundo afora, como a Universidade de Witwatersrand (Pretória), Universidade Batista de Hong Kong e muitas outras. Foi cofundador da Linguistic Association of Canada and the United States (LACUS), que vem publicando os trabalhos dos encontros desde 1974. Foi Diretor Executivo e Editor-Chefe de *Atlantis-Centaur*, desde 1995.

Adam Makkai publicou 30 livros e inúmeros artigos e capítulos de livros. Entre os livros mais relevantes incluem-se *Idiom structure in English* (Haia: Mouton, 1972) e *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* (Londres: Pinter Publishers, 1993). Os dois estão no contexto da Gramática Estratificacional, ou Linguística Estratificacional, de Sydney M. Lamb, posteriormente redenominada como Linguística Neurocognitiva, devido a sua abordagem mentalista da linguagem. Esses trabalhos estratificacionalistas já iam na direção do que interessa à Ecolinguística, sobretudo o segundo, que porta a palavra “ecolinguística” no próprio título.

Makkai é um pioneiro da Ecolinguística por diversos motivos. Alguns deles estão expostos na entrevista que concedeu a *ECO-REBEL* v. 5, n. 2, 2019, p. 132-134 (<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27669/23806> ). Já em 1973 ele praticava o que chamou de “gramática pragmo-ecológica”, como no ensaio “A pragmo-ecological view of linguistic structure and language universals: toward a new synthesis of linguistics and anthropology” (*Language sciences* 27, 1973, p. 9-22), reproduzido no livro de 1993. Nas Referências finais desse livro, bem como ao longo do próprio livro, pode-se ver uma grande quantidade de textos de cunho linguístico-ecológico. Em vez de “estruturas”, os seguidores dessa teoria sempre falaram em “redes de relações” (*relational networks*), desde meados da década de sessenta do século passado. O próprio livro de 1993 representa diversos fenômenos linguísticos dessa maneira. Makkai argumenta ao longo de todo o livro que essa teoria pode lidar com qualquer fenômeno da linguagem, em geral por oposição à Gramática Gerativa, que ele sempre criticou acidamente e com muita ironia. Ironicamente, o livro *Ecolinguistics* (1993) é do mesmo ano do de Alwin Fill (*Ökolinquistik: Eine Einführung* ‘Ecolinguística: uma introdução’), embora nenhum dos dois pioneiros soubesse das atividades do outro. Um pouco mais tarde, Makkai acabou participando de algumas atividades do grupo de Fill no eixo Áustria-Alemanha.

Makkai faleceu em 18 de janeiro de 2020, em sua terra natal, Hungria. Sua morte representa uma grande perda para a Ecolinguística, não apenas por seu pioneirismo, mas também por ter introduzido diversos conceitos e analisado diversos fenômenos linguísticos da perspectiva ecológica. Entre os conceitos poderíamos mencionar a ‘endoecologia’ (estudo de fenômenos internos, gramaticais, estruturas) por oposição a ‘exoecologia’ (estudo da língua em relação ao mundo em geral). Propôs também os interessantes conceitos de formas ‘ativadas’, ‘inativadas’, o que leva a falar também em formas ‘desativadas’ (arcaísmos) e ‘reativadas’ (arcaísmos que voltam a ser usados). No espírito de seu poliglottismo, podemos terminar dizendo: *requiescat in pace*.